

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CLEUZA BEATRIZ BAPTISTA DA SILVA



"PADRONIZAÇÃO DO TESTE BRASILEIRO DE
PROVÉRBIOS (TBP) PARA O ESTADO DE SÃO PAULO"

SÃO PAULO
1996

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“PADRONIZAÇÃO DO TESTE BRASILEIRO DE
PROVÉRBIOS (TBP) PARA O ESTADO DE SÃO PAULO”

Candidata: **CLEUZA BEATRIZ BAPTISTA DA SILVA**

Orientador: Professor Doutor José Fernando Bitencourt Lomonaco

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia,
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Doutor em
Psicologia - área de concentração PSICOLOGIA
ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO
HUMANO.

COMISSÃO JULGADORA

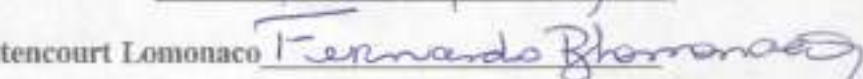
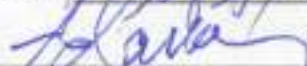
Professor Titular André Jacquemin

Professor Doutor Sérgio Sheiji Fukusima

Professor Doutor Antonio Carelli

Professora Doutora Irai Cristina Boccato Alves

Professor Doutor José Fernando Bitencourt Lomonaco



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“PADRONIZAÇÃO DO TESTE BRASILEIRO DE
PROVÉRBIOS (TBP) PARA O ESTADO DE SÃO PAULO”

Candidata: **CLEUZA BEATRIZ BAPTISTA DA SILVA**
Orientador: Professor Doutor José Fernando Bitencourt Lomonaco

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia,
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Doutor em
Psicologia - área de concentração PSICOLOGIA
ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO
HUMANO.

COMISSÃO JULGADORA

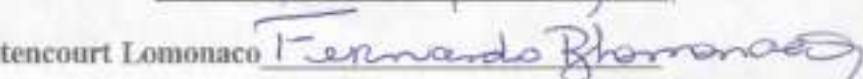
Professor Titular André Jacquemin

Professor Doutor Sérgio Sheiji Fukusima

Professor Doutor Antonio Carelli

Professora Doutora Irai Cristina Boccato Alves

Professor Doutor José Fernando Bitencourt Lomonaco



Homenagem Póstuma

À minha mãe,
"Dona Maria", que
já não se encontra conosco,
por ter me ensinado a ter garra, sem
perder a ternura e a emoção.

Homenagem Póstuma

À minha mãe,
"Dona Maria", que
já não se encontra conosco,
por ter me ensinado a ter garra, sem
perder a ternura e a emoção.

Ao meu

pai, Sr. Arthur,

que com sua linguagem pro-

verbial e metafórica, muito me ensinou.

Agradecimentos

Às crianças e adolescentes que participaram deste trabalho, por sua compreensão, boa vontade e pelas palavras de carinho e incentivo deixadas em muitos protocolos, ou mesmo verbalmente.

Aos professores, coordenadores e diretores de todas as escolas envolvidas neste trabalho, pela disponibilidade e pelo interesse com que abriram suas portas e me conduziram por suas salas de aula e por suas realidades escolares.

As Delegacias de Ensino da Secretaria de Estado da Educação que autorizaram, juntamente com a direção das escolas, a realização do presente estudo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Fernando Bitencourt Lomônaco, por ter acompanhado pacientemente a minha caminhada, com suas sugestões e revisões.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - pela concessão de bolsa, sem a qual este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao Prof. Dr. Sérgio Sheiji Fukusima, do Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que com grande competência e consideração conduziu toda a análise estatística do presente trabalho.

Ao Prof. Dr. André A. Jacquemin, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, por suas sugestões ao meu projeto de pesquisa, anteriormente ao meu Exame Geral de Qualificação, bem como na finalização deste trabalho.

Prof. Dr. Inai C. B. Alves do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pelas sugestões dadas durante meu Exame Geral de Qualificação.

Ao Prof. Dr. Antônio Carelli, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, pelas sugestões dadas durante meu Exame Geral de Qualificação.

À CAC - Psicologia Escolar - do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pela concessão do auxílio confecção de tese, que muito me ajudou na finalização deste trabalho.

Às Secretarias de Pós-Graduação e do Departamento de Aprendizagem, Desenvolvimento e Personalidade, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que sempre estiveram disponíveis a me orientar e colaborar para com o bom andamento de minha pesquisa.

À Flávia e a Helena, esquecidas por mim em minha dissertação de mestrado, a quem peço desculpas.

Aos meus familiares, pela compreensão e pelo apoio dado durante este período.

À Dr^a Vera Luzia Ferreira Campos pela colaboração dada no final deste trabalho.

À Juliana Silva Marques e Carlos Armando Faustino da Silva pela editoração das diferentes fases desta pesquisa.

SILVA, CLEUZA BEATRIZ BAPTISTA DA. Padronização do Teste Brasileiro de Provérbios (TBP) para o Estado de São Paulo. Tese de Doutorado – área de Psicologia Escolar – apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo (Brasil), 1996, 115 pgs.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo a padronização do Teste Brasileiro de Provérbios (SILVA, 1989) para o Estado de São Paulo.

O Teste Brasileiro de Provérbios foi aplicado a 1.075 crianças e adolescentes na faixa etária de 8 a 15 anos, de 18 escolas públicas e uma particular de três diferentes regiões do Estado:

1. Região de Ribeirão Preto (Ribeirão Preto, Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira);
2. Região do Vale do Ribeira (Barra do Turvo e Registro) e,
3. Região Metropolitana de São Paulo (Caieiras, Mogi das Cruzes e São Paulo).

Na região de Ribeirão Preto, o TBP foi aplicado a 455 crianças e adolescentes. No Vale do Ribeira, a 120 crianças e adolescentes. E, na região metropolitana de São Paulo, foi aplicado a 500 crianças e adolescentes.

A homogeneidade do teste foi avaliada e foi também realizada uma análise de variância para as variáveis: idade, série escolar e região.

Normas foram feitas através da elaboração das ordens percentílicas para o Estado.

SILVA, CLEUZA BEATRIZ BAPTISTA DA. Padronização do Teste Brasileiro de Provérbios (TBP) para o Estado de São Paulo. Tese de Doutorado – área de Psicologia Escolar – apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo (Brasil), 1996, 115 pgs.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo a padronização do Teste Brasileiro de Provérbios (SILVA, 1989) para o Estado de São Paulo.

O Teste Brasileiro de Provérbios foi aplicado a 1.075 crianças e adolescentes na faixa etária de 8 a 15 anos, de 18 escolas públicas e uma particular de três diferentes regiões do Estado:

1. Região de Ribeirão Preto (Ribeirão Preto, Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira);
2. Região do Vale do Ribeira (Barra do Turvo e Registro) e,
3. Região Metropolitana de São Paulo (Caieiras, Mogi das Cruzes e São Paulo).

Na região de Ribeirão Preto, o TBP foi aplicado a 455 crianças e adolescentes. No Vale do Ribeira, a 120 crianças e adolescentes. E, na região metropolitana de São Paulo, foi aplicado a 500 crianças e adolescentes.

A homogeneidade do teste foi avaliada e foi também realizada uma análise de variância para as variáveis: idade, série escolar e região.

Normas foram feitas através da elaboração das ordens percentílicas para o Estado.

SILVA, CLEUZA BEATRIZ BAPTISTA DA. Standardization of the Brazilian Proverbs Test to São Paulo State population. Doctorate Thesis - School Psychology area - presented to the Institut of Psycology from University of São Paulo. São Paulo (Brazil), 1996, 115 pgs.

SUMMARY

The present work has the objective of Brazilian Proverbs Test (SILVA, 1989) standardization to São Paulo State population.

The Brazilian Proverbs Test was applied to 1075 children and teenagers in the age of 8 to 15 years old, from 18 public schools and one private school from three different regions of the State:

1. Ribeirão Preto's region (Ribeirão Preto, Santo Antônio da Alegria and Porto Ferreira),
2. Ribeira's Valley region (Barra do Turvo and Registro) and;
3. São Paulo's Metropolitan region (Caieiras, Mogi das Cruzes and são Paulo).

In Ribeirão Preto's region the TBP was applied to 455 children and teenagers. In Ribeira's Valley region it was applied to 120 children and teenagers. And, in São Paulo's Metropolitan region it was applied to 500 children and adolescents.

The internal consistency of the test was evaluated and the ANOVA was analysed for the variables: age, school series and region.

Norms were done through elaboration of the percentile post for all the State.

SILVA, CLEUZA BEATRIZ BAPTISTA DA, Standardisation du Test Brésilien des Proverbes (TBP) pour l'État de São Paulo. Thèse de Doctorat - Aire Psychologie Scolaire - présentée à l'Institut de Psychologie de l'Université de São Paulo. São Paulo (Brésil), 1996, 115 pgs.

RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail est la standardisation du Test Brésilien des Proverbes (TBP) (Silva, 1989) pour la population de l'État de São Paulo.

Pour cela, le TBP a été appliqué à une population de 1075 élèves dont l'âge varie de 8 à 15 ans, et qui fréquentent de 18 Institutions scolaires publiques et 1 École privée, dans trois différentes régions de l'État:

1. Région de Ribeirão Preto (Ribeirão Preto, Santo Antônio da Alegria et Porto Ferreira)
2. Région de Val du Ribeira (Barra do Turvo et Registro)
3. Région métropolitaine de São Paulo (Caieiras, Mogi das Cruzes et São Paulo).

L'application du TBP a été distribuée numériquement de la manière suivante:

Région de Ribeirão Preto - 455 élèves

Région de Val du Ribeira - 120 élèves

Région Métropolitaine de São Paulo - 500 élèves

On a évalué la consistance interne de l'instrument à partir de l'analyse des résultats du TBP. On a aussi réalisé une analyse de variance (ANOVA) pour les variables: âge, cycle d'études, niveaux de l'échelle sociale et région.

À travers de l'élaboration des poste pourcentils, on a établi des normes pour tout l'État.

ÍNDICE

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1. Considerações teóricas acerca do desenvolvimento cognitivo infantil: uma síntese.	01
1.1 O desenvolvimento cognitivo infantil segundo PIAGET, VYGOTSKY e BRUNER	01
1.1.1 A teoria de JEAN PIAGET	01
1.1.1.1 Assimilação sensório-motora	04
1.1.1.2 O pensamento simbólico	06
1.1.1.3 O pensamento pré-conceitual	08
1.1.1.4 O pensamento intuitivo	08
1.1.1.5 O pensamento operatório-concreto	09
1.1.1.6 O pensamento formal	10
1.1.2 A teoria de LEV SEMYNOVICH VYGOTSKY	10
1.1.3 A teoria de JEROME BRUNER	15
2. Histórico e Conceituação dos Provérbios e Estudos Realizados com Provérbios	17
2.1 Histórico dos provérbios	18
2.2 Conceituação dos provérbios	20
2.3 Estudos realizados com provérbios	25

CAPÍTULO II - ELABORAÇÃO E ESTUDOS COM O TESTE BRASILEIRO DE PROVÉRBIOS (TBP)

1. Elaboração do Teste Brasileiro de Provérbios	35
2. Estudos com o Teste Brasileiro de Provérbios	39

CAPÍTULO III - JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

44

CAPÍTULO IV - MÉTODO

1. Sujeitos	46
1.1. Caracterização da região de Ribeirão Preto	46
1.1.1 Caracterização da cidade de Ribeirão Preto	46
1.1.1.1 Caracterização da clientela escolar de Ribeirão Preto	47
1.1.1.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo	47
1.1.1.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio-baixo	48
1.1.1.1.3 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio	49
1.1.1.1.4. Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio alto.	50
1.1.2 Caracterização da cidade de Santo Antônio da Alegria	51
1.1.2.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo	51
1.1.3 Caracterização da cidade de Porto Ferreira	52
1.1.3.1 Caracterização da clientela escolar de Porto Ferreira	53

1.1.3.1.1	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo	53
1.1.3.1.2	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio	53
1.2.	Caracterização da Região do litoral sul paulista (Vale do Ribeira)	54
1.2.1	Caracterização da cidade de Barra do Turvo	55
1.2.1.1	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo	56
1.2.2	Caracterização da cidade de Registro	58
1.2.2.1	Caracterização da clientela escolar de Registro	58
1.2.2.1.1	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo	58
1.2.2.1.2	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo	59
1.2.2.1.3	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio	59
1.3	Caracterização da região metropolitana de São Paulo	60
1.3.1	Caracterização da cidade de Caieiras	61
1.3.1.1	Caracterização da clientela escolar de Caieiras	61
1.3.1.1.1	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo	61
1.3.1.1.2	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio	62
1.3.2	Caracterização da Cidade de Mogi das Cruzes	63
1.3.2.1	Caracterização da clientela escolar de Mogi das Cruzes	63

1.3.2.1.1	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo	63
1.3.2.1.2	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio-baixo	65
1.3.2.1.3	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio	65
1.3.3	Caracterização da cidade de São Paulo	67
1.3.3.1	Caracterização da clientela escolar de São Paulo	67
1.3.3.1.1	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo	67
1.3.3.1.2	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo	68
1.3.3.1.3	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio	69
2.	Material	70
3.	Procedimento	70
3.1	Estudo piloto	71
3.1.1	Sujeitos	71
3.1.2	Material	71
3.1.3	Procedimento	71
3.1.4	Resultados	71
4.	Tratamento dos Resultados	77

1.3.2.1.1	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo	63
1.3.2.1.2	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio-baixo	65
1.3.2.1.3	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio	65
1.3.3	Caracterização da cidade de São Paulo	67
1.3.3.1	Caracterização da clientela escolar de São Paulo	67
1.3.3.1.1	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo	67
1.3.3.1.2	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo	68
1.3.3.1.3	Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio	69
2.	Material	70
3.	Procedimento	70
3.1	Estudo piloto	71
3.1.1	Sujeitos	71
3.1.2	Material	71
3.1.3	Procedimento	71
3.1.4	Resultados	71
4.	Tratamento dos Resultados	77

CAPÍTULO V - RESULTADOS

1. Apresentação e Discussão	79
1.1 Região de Ribeirão Preto	79
1.2 Região do Vale do Ribeira	81
1.3 Região Metropolitana de São Paulo	83
1.4 Análise de variância realizada para regiões e séries	89
1.5 Estudo da homogeneidade do TBP	92
1.6 Normalização do TBP para o Estado de São Paulo	93

CAPÍTULO VI - CONCLUSÕES 103

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 105

ANEXOS

Anexo 1 - Instruções	110
Anexo 2 - Teste Brasileiro de Provérbios	112

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Médias de respostas ao TBP (estudo piloto)	74
Figura 2 - Médias (X) de respostas ao TBP das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira.	81
Figura 3 - Médias de respostas ao TBP das cidades de Barra do Turvo e Registro	83
Figura 4 - Médias de respostas ao TBP da cidade de Caieiras	85
Figura 5 - Médias de Respostas ao TBP para a cidade de Mogi das Cruzes	87
Figura 6 - Médias de respostas ao TBP para a cidade de São Paulo	87
Figura 7 - Porcentagens de respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP	101

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Número de sujeitos(N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Ribeirão Preto	50
Tabela 2 - Número de sujeitos(N), médias (X) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Santo Antônio da Alegria	52
Tabela 3 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Porto Ferreira	54
Tabela 4 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Barra do Turvo	57
Tabela 5 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Registro.	60
Tabela 6 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Caieiras	63
Tabela 7 - Número de sujeitos(N), médias (X) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Mogi das Cruzes	66
Tabela 8 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de São Paulo.	70
Tabela 9 - Tempo médio de respostas ao TBP (estudo piloto)	72
Tabela 10 - Médias, desvios-padrão e medianas do número de respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos frente ao TBP (estudo piloto)	73
Tabela 11 - Comparações pareadas de probabilidades para as quatro escolas em relação à resposta irrelevante (estudo piloto).	74
Tabela 12 - Comparações pareadas de probabilidades para as três séries em relação à resposta irrelevante (estudo piloto)	75

Tabela 13 - Comparações pareadas de probabilidades para as quatro escolas em relação à resposta concreta (estudo piloto)	75
Tabela 14 - Comparações pareadas de probabilidades para as três séries em relação à resposta concreta (estudo piloto).	76
Tabela 15 - Comparações pareadas de probabilidades para as quatro escolas em relação à resposta abstrata (estudo piloto).	76
Tabela 16 - Comparações pareadas de probabilidades para as três séries em relação à resposta abstrata (estudo piloto)	77
Tabela 17 - Tempo médio (\bar{X}) de respostas ao TBP das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira.	79
Tabela 18 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira	80
Tabela 19 - Tempo médio de respostas (\bar{X}) ao TBP das cidades de Barra do Turvo e Registro	81
Tabela 20 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP das de Barra do Turvo e Registro	82
Tabela 21 - Tempo médio (\bar{X}) de respostas ao TBP da região metropolitana de São Paulo	84
Tabela 22 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP para a cidade de Caieiras.	84
Tabela 23 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP para a cidade de Mogi das Cruzes	86

Tabela 24 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas das respostas (md) irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP para a cidade de São Paulo.	88
Tabela 25 - Comparações pareadas de probabilidades entre as séries escolares (resposta irrelevante).	90
Tabela 26 - Comparações pareadas de probabilidades entre as séries escolares (respostas concretas)	90
Tabela 27 - Comparações pareadas de probabilidades entre as séries escolares (resposta concreta)	91
Tabela 28 - Correlação entre os itens e o teste como um todo (N = 1075)	92
Tabela 29 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta irrelevante (8 anos a 9 anos e 11 meses)	93
Tabela 30 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta concreta (8 anos a 9 anos e 11 meses)	94
Tabela 31 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta abstrata (8 anos a 9 anos e 11 meses)	95
Tabela 32 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta irrelevante (11 anos a 12 anos e 11 meses)	96
Tabela 33 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta concreta (11 anos a 12 anos e 11 meses)	97
Tabela 34 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta abstrata (11 anos a 12 anos e 11 meses)	98

Tabela 35 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta irrelevantes (14 anos a 15 anos e 11 meses)	99
Tabela 36 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta concreta (14 anos a 15 anos e 11 meses)	99
Tabela 37 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta abstrata (14 anos a 15 anos e 11 meses)	100

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

Diferentes concepções teóricas acerca do desenvolvimento cognitivo, infantil dentre elas, as de PIAGET, VYGOTSKY e BRUNER, retratam este desenvolvimento como uma série de estágios que se sucedem uns aos outros, a partir de uma total indiscriminação entre o sujeito e o meio ambiente, até o aparecimento do pensamento formal, abstrato. Tais concepções têm como ponto em comum a importância dada à linguagem e ao pensamento como promotores do desenvolvimento, bem como a concepção de desenvolvimento a partir da interação do sujeito com seu meio ambiente.

Um dentre vários procedimentos utilizados pelos psicólogos para estudar o desenvolvimento cognitivo infantil, é o emprego de provérbios com a finalidade de melhor compreender a maneira pela qual a criança pensa e seus resultados têm sido analisados à luz destas diferentes concepções teóricas.

Neste capítulo serão apresentados os enfoques teóricos de PIAGET, VYGOTSKY e BRUNER. A seguir far-se-á um breve histórico e conceituação dos provérbios e, finalmente, serão consideradas pesquisas que se utilizam de provérbios, destacando-se a elaboração e estudos com o Teste de Provérbios de GOHRAM.

I. Considerações teóricas acerca do desenvolvimento cognitivo infantil: uma síntese.

1.1 O desenvolvimento cognitivo infantil segundo PIAGET, VYGOTSKY e BRUNER

1.1.1 A teoria de JEAN PIAGET

Segundo PIAGET (apud RAMOZZI-CHIAROTTINO, 1988, p. 3), o termo *conhecer* tem o sentido de organizar, estruturar e explicar a partir de experiências vividas pelo indivíduo.

O sujeito deste conhecimento é o sujeito epistêmico, aquele que trata do conhecimento científico. Para PIAGET, a criança e o cientista conhecem o mundo da mesma forma, inserindo o objeto do conhecimento em um sistema de relações, partindo

de uma ação executada sobre este objetivo. Dada essa similaridade, PIAGET utiliza o termo epistemologia genética, pois este não se limita a explicar o conhecimento adulto, mas, também analisa as condições necessárias para que uma criança chegue, na idade adulta, ao conhecimento possível para ela, visto que a capacidade de conhecer é fruto das interações entre o organismo e o meio. E tais interações são responsáveis pela capacidade de conhecer, ocorrendo através do processo de adaptação.

O processo de adaptação é definido por PIAGET (1977, p. 17) como "... um equilíbrio entre as atuações do organismo sobre o meio e as atuações inversas", ou seja, um equilíbrio entre assimilação e acomodação.

Assimilação é definida como "... a incorporação dos objetos nos esquemas de conduta" e esses esquemas nada mais são do que esboços das atividades suscetíveis de serem repetidas ativamente (PIAGET, 1977, p. 18).

Acomodação é definida como "... ação do meio sobre o organismo" (PIAGET, 1977, p.18).

Segundo PIAGET (1977, p. 21), "... a inteligência constitui o estado de equilíbrio no sentido a que tendem todas as adaptações sucessivas de ordem sensório-motora e cognitiva, assim como todas as trocas assimiladoras e acomodadoras entre o organismo e o meio".

Desde a infância os indivíduos possuem sistemas de conjunto de composição reversível (classificação, seriação, sistemas de explicação, um espaço e uma cronologia pessoais, uma escala de valores, um espaço e tempo matemáticos, etc.), aos quais os problemas se colocam como o surgimento de novos fatos ainda não classificados, seriados, etc. E o que orienta o esquema antecipador segundo PIAGET (1977, p. 47), procede do grupamento prévio, sendo o esquema antecipador a direção dada ao pensamento pela estrutura desse grupamento.

Durante toda sua formação, o pensamento acha-se em desequilíbrio, ou em estado de equilíbrio instável. Cada nova aquisição de conhecimento modifica as noções anteriores ou ameaça provocar contradições.

Segundo PIAGET (1977, p. 57) "... a hierarquia das condutas, dos

reflexos e das percepções globais de início pode ser representada como uma extensão progressiva das distâncias e uma complicação progressiva dos trajetos que caracterizam as trocas entre o organismo (sujeito) e o meio (objetos): cada uma dessas extensões ou complicações representa pois, uma nova estrutura, ao passo que sua sucessão está sujeita às necessidades de um equilíbrio que deve ser sempre mais móvel, em função da complexidade.”

PIAGET (apud RAMOZZI-CHIAROTTINO, 1988, p. 10), conceitua a estrutura como “... um conjunto de elementos relacionados entre si de tal forma que não se podem definir ou caracterizar os elementos independentemente destas relações”. Três tipos de estruturas são consideradas: 1. estruturas totalmente programadas (aparelho reprodutor, por exemplo) - que nos tornam capazes de prever determinados comportamentos, manifestos em determinadas épocas; 2. estruturas parcialmente programadas (sistema nervoso, por exemplo) - cujo desenvolvimento depende do meio e; 3. estruturas nada programadas - as estruturas mentais, específicas para o ato de conhecer.

O conceito de estrutura mental implica em uma anterioridade lógica, que significa condição necessária para que algo ocorra. Tais estruturas funcionam seriando, ordenando, classificando e estabelecendo relações.

Qualquer tipo de saber envolve estruturas subjacentes à ação que lhe deu origem. A ação da criança sobre o mundo só é possível a partir da construção de esquemas motores pela mesma. O esquema, segundo PIAGET, é aquilo que é generalizável na ação. Tais esquemas motores (por exemplo pegar) proporcionam à criança organizar ou estruturar sua experiência, atribuindo-lhe significado, bem como são responsáveis pela organização interna, a nível neurológico.

Dessa forma, cada estágio de desenvolvimento é caracterizado pelo aparecimento de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores, os quais são sucintamente apresentados a seguir.

reflexos e das percepções globais de início pode ser representada como uma extensão progressiva das distâncias e uma complicação progressiva dos trajetos que caracterizam as trocas entre o organismo (sujeito) e o meio (objetos): cada uma dessas extensões ou complicações representa pois, uma nova estrutura, ao passo que sua sucessão está sujeita às necessidades de um equilíbrio que deve ser sempre mais móvel, em função da complexidade.”

PIAGET (apud RAMOZZI-CHIAROTTINO, 1988, p. 10), conceitua a estrutura como “... um conjunto de elementos relacionados entre si de tal forma que não se podem definir ou caracterizar os elementos independentemente destas relações”. Três tipos de estruturas são consideradas: 1. estruturas totalmente programadas (aparelho reprodutor, por exemplo) - que nos tornam capazes de prever determinados comportamentos, manifestos em determinadas épocas; 2. estruturas parcialmente programadas (sistema nervoso, por exemplo) - cujo desenvolvimento depende do meio e; 3. estruturas nada programadas - as estruturas mentais, específicas para o ato de conhecer.

O conceito de estrutura mental implica em uma anterioridade lógica, que significa condição necessária para que algo ocorra. Tais estruturas funcionam seriando, ordenando, classificando e estabelecendo relações.

Qualquer tipo de saber envolve estruturas subjacentes à ação que lhe deu origem. A ação da criança sobre o mundo só é possível a partir da construção de esquemas motores pela mesma. O esquema, segundo PIAGET, é aquilo que é generalizável na ação. Tais esquemas motores (por exemplo pegar) proporcionam à criança organizar ou estruturar sua experiência, atribuindo-lhe significado, bem como são responsáveis pela organização interna, a nível neurológico.

Dessa forma, cada estágio de desenvolvimento é caracterizado pelo aparecimento de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores, os quais são sucintamente apresentados a seguir.

1.1.1.1 Assimilação sensório-motora

Segundo PIAGET (1977, p. 104), "... procurar como nasce a inteligência a partir da atividade assimiladora que engendra anteriormente é mostrar como essa assimilação sensório-motora se realiza em estruturas sempre mais móveis e de aplicação cada vez mais extensa, a partir do momento em que a vida mental se dissocia da vida orgânica".

Desde os equipamentos hereditários, aparecem, ao lado da organização interna e fisiológica dos reflexos, efeitos cumulativos do exercício, bem como as procuras iniciais que assimilam as primeiras distâncias, no espaço e no tempo, por meio da conduta.

Assim, segundo PIAGET, um recém nascido terá dificuldade em tomar o seio, se for alimentado inicialmente com uma colher. Quando ele mama no seio desde o início, sua habilidade aumenta regularmente, o que o fará procurar a posição mais adequada e encontrá-la cada vez mais rapidamente. Ao sugar objetos, rejeitará um dedo, mas não o seio. Isto evidencia, segundo o autor, que "... já no interior do campo fechado dos mecanismos regulados hereditariamente, surge um início de assimilação reprodutora de ordem funcional (exercício), de assimilação generalizadora ou transpositiva (extensão do sistema reflexo a novos objetos) e assimilação recognitiva (discriminação de situações) (PIAGET, 1977, p. 104).

É nesse contexto já ativo, segundo PIAGET, que se inserem as primeiras aquisições em função da experiência. Seja como uma coordenação aparentemente passiva, como o condicionamento (por exemplo, um sinal que desencadeia uma atividade antecipadora de sucção) ou então, a extensão espontânea do campo de aplicação dos reflexos (por exemplo, sucção sistemática do polegar por coordenação dos movimentos do braço e da mão com os da boca), as formas elementares do hábito se delineiam a partir da assimilação de elementos novos aos esquemas anteriores, aos esquemas reflexos. Esses dois hábitos não podem ser comparados por sua estrutura à inteligência, dado que suas generalizações são transferências motoras comparáveis às transformações perceptivas simples.

A partir da coordenação da visão e da preensão (entre 3 e 6 meses de

idade) novas condutas caracterizam a transição entre o hábito simples e a inteligência. Um exemplo ilustrativo (PIAGET, 1977, p. 105) é a criança em seu berço, de onde pendem chocalhos e um cordão livre. "A criança pega o cordão e o puxa sem nada esperar nem compreender o pormenor das relações espaciais ou causais do conjunto do dispositivo. Surpresa com o ruído do movimento dos chocalhos, procura o cordão e recomeça tudo várias vezes". Essa reprodução ativa de um resultado, obtido ao acaso foi denominada por BALDWIN (apud PIAGET, 1977, p. 105) "reação circular", que é um exemplo de assimilação reprodutora.

PIAGET chamou de reação circular primária aquela que recai sobre o próprio corpo (por exemplo o esquema de chupar o polegar) e de reação circular secundária aquela que graças à preensão, recai sobre os objetos externos. Ainda não se pode falar de uma ato de inteligência propriamente dito, mas de um indício de um aparecimento breve desta.

Segundo PIAGET (1977, p. 107), "... a partir de 8 a 10 meses, os esquemas construídos pelas reações secundárias, no curso do estágio precedente, tornam-se suscetíveis de se coordenarem entre si, uns utilizados como meios e outros determinando uma finalidade para a ação". Deste modo, para chegar a um objetivo que se encontra atrás de uma tela, a criança irá retirar o obstáculo (tela) que oculta total ou parcialmente o objetivo. A partir dessa fase, o objetivo é determinado antes dos meios, dado que o indivíduo tem a intenção de captar o objetivo antes da intenção de remover o obstáculo, pressupondo assim, uma articulação móvel dos esquemas elementares que compõem o esquema total. É também o começo da conservação substancial. A criança utiliza recursos variados, percorrendo distâncias maiores no tempo, caracterizando a ligação entre meios e fins, agora diferenciados. Pode-se assim "...começar a falar de uma inteligência verdadeira". (PIAGET, 1977, p. 108).

No nível seguinte, diferentemente dos esquemas de assimilação, acomodados anteriormente de maneira mais sofrida do que procurada, "... a novidade interessa por si mesma, o que pressupõe, seguramente, um equipamento suficiente de esquemas para que sejam possíveis as comparações e que o fato novo, seja bastante semelhante ao conhecido para interessar e bastante diferente para escapar à saturação.

As reações circulares consistirão, então, de uma reprodução do fato novo mas com variações e experimentação ativa, destinadas a extrair delas precisamente as possibilidades novas. Tendo assim descoberto a trajetória da queda de um objeto, a criança irá procurar jogá-lo de modos diferentes ou de pontos de partida distintos.” (PIAGET, 1977, p. 108).

A esta assimilação reprodutora com acomodação diferenciada e intencional, PIAGET chamou de “reação circular terciária”.

O último nível, que abrange parte do segundo ano de vida registra a culminação da inteligência sensório-motora, segundo PIAGET. Para chegar a novos meios de se atingir objetivos, a criança não se utiliza somente da experimentação ativa, mas também da invenção a partir da coordenação, interior e rápida, de processos ainda não conhecidos desta.

Os esquemas sensórios-motores, agora suficientemente móveis e coordenáveis entre si, propiciam assimilações recíprocas bastante espontâneas que prescindam da necessidade de tateios efetivos e bastante rápidas para dar a impressão de reestruturações imediatas. É assim que, independentemente do aparecimento da linguagem, a criança torna-se capaz, segundo PIAGET (1977, p. 110), “... de imitação adiada, isto é, de uma cópia que surge pela primeira vez após o desaparecimento perceptivo do modelo”. Ao mesmo tempo, “... a criança chega à forma mais elementar do jogo simbólico, que consiste em suscitar por meio do corpo próprio uma ação estranha ao contexto atual (por exemplo, totalmente desperta)” (PIAGET, 1977, p. 111). Aparece aqui uma imagem motora, mas já quase representativa.

1.1.1.2 O pensamento simbólico

No final do segundo ano de vida da criança, inicia-se a aquisição sistemática da linguagem que até então caracterizava-se pela imitação de palavras e pela atribuição de significação global a estas.

É o exercício de uma “função simbólica” mais geral que permite a representação do real por intermédio de “significantes” distintos das coisas

significadas” que, segundo Piaget, leva à utilização do sistema dos sinais verbais pela criança.

Entretanto, deve-se fazer uma distinção entre “índice ou sinais”, “signo” e “símbolo”.

O índice ou sinal caracteriza-se pelo fato de o significante constituir parte ou aspecto objetivo do significado e está ligado por um vínculo de causa e efeito.

Símbolo e signo implicam uma diferenciação, do ponto de vista do próprio sujeito, entre o significante e o significado. Um exemplo ilustrativo dado por Piaget é o de uma criança brincando de fazer comida, onde uma pedra representando uma guloseima é reconhecida como simbolizante, e a guloseima como simbolizada.

O símbolo é definido como implicando uma relação de semelhança entre o significante e o significado. E pode ser socializado ou não.

O signo é arbitrário e fruto de uma convenção social.

Na criança, a aquisição da linguagem e, por conseguinte, do sistema dos signos coletivos, coincide com a formação do símbolo, ou seja, do sistema dos significantes individuais.

O símbolo propriamente dito só ocorre com a representação da ação, como exemplo, fazer uma boneca dormir. Ao mesmo tempo em que o símbolo aparece no brinquedo, a linguagem desenvolve a compreensão dos signos.

A imagem mental é, portanto, a imitação interiorizada a partir da acomodação dos esquemas sensório-motores. Ela fornece os significantes que o jogo ou a inteligência aplicam aos mais variados significados.

Segundo Piaget, é a formação desse mecanismo que caracteriza o aparecimento simultâneo da imitação representativa, do jogo simbólico, da representação com imagem e do pensamento verbal.

Neste período, porém, a criança ainda opera com dificuldade os signos que não são utilizados adequadamente para expressar “o individual sobre o geral sobre o qual o indivíduo continua centrado” (PIAGET, 1977, p. 130). Esta é a razão pela

qual a criança necessita de símbolos ao dominar a assimilação egocêntrica do real.

1.1.1.3 O pensamento pré-conceitual

A partir do aparecimento da linguagem até os quatro anos, o pensamento da criança caracteriza-se pelo "pré-conceito" ou "transdução". Ou seja, pelas noções relacionadas pela criança aos primeiros signos verbais utilizados por ela encontrando-se entre a generalidade do conceito e a individualidade de seus elementos, sem atingir nenhum nem outro. Segundo PIAGET, a criança de 2 a 3 anos poderá expressar "a" lesma ou "as" lesmas sem concluir que estas façam parte de uma só classe de indivíduos.

Este tipo de raciocínio ainda não caracteriza um conceito lógico e sim, parte de um esquema de ação e assimilação sensório-motora. É um esquema representativo, dado que os elementos invocados pela criança são concretizados mais pela imagem do que pela palavra.

O pré-conceito situa-se, pois, entre o esquema sensório-motor e o conceito.

1.1.1.4 O pensamento intuitivo

Entre 4 e 7 anos, a criança opera através de uma forma semi-simbólica de pensamento, o raciocínio intuitivo. E segundo PIAGET (1977, p. 133) "... ela só controla os juízos por meio de 'regulações' intuitivas, análogas, no plano de representação, ao que são as regulações perceptivas no plano sensório-motor". Um exemplo ilustrativo (PIAGET, 1977, p. 133) é dado a seguir: dois vasos de forma e dimensões iguais são enchidos pela própria criança com uma mesma quantidade de pérolas. Depois esvazia-se um dos vasos em outro de forma diferente e solicita-se que a criança compare os dois.

Para a criança entre 4 e 5 anos, a quantidade de pérolas mudou, mesmo tendo observado que nenhuma pérola foi retirada ou acrescentada. Se o vaso trocado for alto e fino, a criança dirá que há mais pedra que antes por se alto, ou então que há menos pérolas por ser fino.

Ou seja, a criança possui a noção de conservação de um objeto individual, mas não as noções de conservação de um conjunto de objetos.

Segundo PIAGET (1977, p. 134), “.. referindo-se essencialmente às configurações de conjunto de não mais às figuras simples semi-individuais, semi-genéricas, a intuição leva a um rudimento da lógica, mas sob a forma de regulações representativas e não ainda de operações.”

Outro exemplo de PIAGET, ilustrativo do pensamento intuitivo e de sua evolução, é descrito a seguir: seis fichas vermelhas são alinhadas sobre a mesa e é oferecido ao sujeito uma coleção de fichas azuis, pedindo-se a ele que deposite o equivalente às fichas vermelhas. Entre quatro e cinco anos, a criança não elabora a correspondência e realiza o enfileiramento de comprimento igual. Seus elementos são dispostos mais juntos do que o modelo. Por volta de 5 a 6 anos, a criança alinhará o mesmo número de fichas que o modelo. Entretanto, ao se fazer qualquer modificação na disposição das fichas, ela deixa de acreditar na correspondência.

Isto ocorre devido ao fato de o esquema intuitivo ter se tornado flexível, permitindo a antecipação e construção de uma configuração exata de correspondência. Contudo, com a modificação do esquema intuitivo, a relação lógica de equivalência, necessária a uma operação, revela-se inexistente.

Esta forma de intuição é denominada “articulada”, pois é superior às intuições simples, aproxima-se da operação, porém ainda é rígida e irreversível, como todo o pensamento intuitivo.

1.1.1.5 O pensamento operatório-concreto

Neste estágio de desenvolvimento cognitivo, entre 7 e 12 anos, as noções de conservação de espaço, tempo e dos elementos de um conjunto num todo invariante, estabelecem-se por completo.

Se, no estágio do pensamento intuitivo, a criança necessitava de reflexão para concluir sobre a conservação ou não dos elementos, agora ela responde de imediato a tais indagações. Ou seja, independentemente da disposição dos objetos, ela

está certa da conservação.

Isto se deve ao fato de que as operações são reversíveis e móveis neste estágio, fundindo-se num todo organizado.

Os grupamentos operatórios conduzem às operações lógicas de ajustamento de classes e à seriação das relações aritméticas. Ocorre a descoberta da transitividade, fundamentando as deduções: $A = B$; $B = C$, logo $A = C$.

Adquiridos os grupamentos aditivos, os grupamentos multiplicativos também são compreendidos sob a forma de correspondências. As operações lógico-aritméticas estão, portanto, estabelecidas, bem como as operações espaço-temporais.

Entretanto, tais operações ainda são concretas e não formais, pois, estão ligadas à ação.

1.1.1.6 O pensamento formal

Neste estágio, a partir de 11 a 12 anos o adolescente já possui um raciocínio hipotético-dedutivo, podendo assim, prescindir do presente e raciocinar sobre proposições. Constitui-se um grupamento de operações de segundo grau, que possibilita ao adolescente refletir sobre os conteúdos operatórios.

Segundo PIAGET (1977, P. 152) "... as operações formais constituem exclusivamente a estrutura do equilíbrio final, no sentido do qual tendem as operações concretas quando elas se refletem em sistemas mais gerais que combinam entre si as proposições que os exprimem".

1.1.2 A teoria de LEV SEMYNOVICH VYGOTSKY

Para VYGOTSKY (1987, p. 43), no desenvolvimento ontogenético, pensamento e fala possuem raízes diferentes, desenvolvendo-se ao longo de trajetórias diversas e independentes. É só por volta dos dois anos que as curvas do pensamento e da fala, até então separadas, encontram-se e unem-se em interação, possibilitando o aparecimento do pensamento verbal. Pode-se assim, estabelecer, no desenvolvimento

da fala da criança um estágio pré-linguístico. No encontro dessas linhas, o pensamento torna-se verbal e a fala racional. Segundo VYGOTSKY (1987, p. 44), o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos lingüísticos do pensamento e pela experiência sócio-histórica da criança, sujeito a todas a premissas do materialismo histórico.

Com relação aos conceitos, o desenvolvimento dos processos que resultam na sua formação começa na fase mais precoce da infância. Mas as funções intelectuais formadoras da base psicológica do processo de formação de conceitos amadurecem, configuram-se e desenvolvem-se somente na adolescência.

A formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte (associação, atenção, formação de imagens, inferências), bem como o uso do signo ou palavra. É por meio do signo ou palavra que conduzimos novas operações mentais, controlamos seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos junto ao meio ambiente. A tarefa cultural, segundo VYGOTSKY, por si só não explica o mecanismo do desenvolvimento em si, que resulta da formação de conceitos. Deve-se levar em consideração a compreensão das relações intrínsecas entre as tarefas externas e dinâmicas do desenvolvimento.

A trajetória até a formação de conceitos passa por três fases básicas, cada uma, por sua vez, subdividida em estágios.

Na primeira fase, a criança pequena (VYGOTSKY, 1987, p. 56), dá o seu primeiro passo para a formação de conceitos quando agrupa objetos numa "agregação desorganizada" ou "amontoado" para solucionar um problema. O amontoado, consituído por objetos desiguais (objetos redondos, quadrados, por exemplo), agrupados sem qualquer fundamento, revela uma extensão difusa e não direcionada do significado do signo (palavra artificial) a objetos naturalmente não relacionados entre si e, ocasionalmente, relacionados na percepção da criança. Neste estágio, o significado das palavras denota para a criança, nada mais que um conglomerado vago e sincrético de objetos, que, de uma forma ou de outra, aglutinaram-se numa imagem em sua mente, o qual, devido à sua origem sincrética, é

extremamente instável. Na percepção, no pensamento e na ação, a criança tende a misturar os mais diferentes elementos em uma imagem desarticulada por força de algum elemento ocasional. Esses elementos (objetos redondos, azuis, retangulares, por exemplo) não apresentam elos intrínsecos entre si, de modo que a nova formação tem a "coerência incoerente" dos primeiros amontoados. Entretanto, neste estágio, a criança, ao tentar dar significado a uma nova palavra, o faz por meio de uma operação onde as relações sincréticas e o acúmulo desordenado de objetos, agrupados sob o significado de uma palavra, também refletem elos objetivos na medida em que estes coincidem com as relações entre as percepções e impressões da criança.

A segunda fase é chamada de "pensamento por complexos". Em um complexo os objetos isolados associam-se na mente da criança, não apenas devido às impressões subjetivas destas, mas também devido às relações que de fato existem entre esses objetos, havendo uma passagem para o nível mais elevado. Um exemplo ilustrativo desta fase seria o agrupamento de objetos em famílias separadas, porém, mutuamente relacionadas, tal como: o sobrenome PETROV indicaria indivíduos de uma mesma família, mesmo que separadas em pequenos núcleos. A criança, neste nível, já superou seu egocentrismo, já não confunde as relações entre as coisas, a partir do que se afasta gradualmente do sincretismo e caminha em direção ao pensamento objetivo. O pensamento por complexos já constitui um pensamento coerente e objetivo, embora não reflita as relações objetivas do mesmo modo que o pensamento conceitual. Em um complexo, as ligações entre seus componentes são concretas e factuais, e não abstratas e lógicas. Estas ligações são descobertas por meio da experiência direta. Um complexo pode ser, então, definido como um agrupamento concreto de objetos unidos por ligações factuais.

O primeiro tipo de pensamento por complexo é chamado "tipo associativo". Pode basear-se em qualquer relação percebida pela criança entre o objeto da amostra de um experimento com blocos (blocos azuis, por exemplo) e alguns outros blocos.

O segundo tipo de pensamento por complexo são as chamadas "coleções". Os objetos são agrupados com base em alguma característica que os torna

diferentes e, conseqüentemente, complementares entre si. Neste caso, a criança escolhe objetos que se diferenciam da amostra por sua cor, forma, tamanho ou qualquer outra característica. A associação por contraste e não por semelhança, orienta a criança na formação de uma coleção.

O terceiro tipo de pensamento por complexo é o chamado "complexo em cadeia", ou seja, uma função dinâmica e consecutiva de elos isolados numa única corrente, com a transmissão de significado de um elo para outro. Um exemplo prático deste estágio seria a escolha, a partir de uma amostra como um triângulo amarelo, de alguns blocos triangulares, após o que, atraída pela cor azul de um dos blocos selecionados, passa a selecionar blocos azuis sem atentar para a sua forma - angulosos, circulares, semi-circulares. Não há coerência quanto ao tipo de conexão ou quanto ao modo pelo qual cada elo em uma cadeia articula-se com o que precede e com o que vem a seguir. O atributo não é levado em conta. O complexo em cadeia não possui núcleo; há relações entre elementos isolados e mais nada. A fusão do geral com o particular, do complexo com seus elementos é característica do pensamento por complexos e, em particular, o complexo em cadeia.

O quarto tipo de pensamento por complexo é o chamado "complexo difuso", caracterizado pela fluidez do próprio atributo que une seus elementos. Grupos de objetos ou imagens perceptualmente concretas são formados por meio de conexões difusas e indeterminadas; uma semelhança remota já é suficiente para uma conexão entre dois elos. Por exemplo, os trapezóides poderiam levar a quadrados, estes a hexágonos, que por sua vez levariam a semicírculos e finalmente a círculos.

O quinto tipo de pensamento por complexos é chamado "pseudoconceito", pois a generalização formada na mente da criança, embora fenotipicamente semelhante ao conceito dos adultos, é psicologicamente muito diferente do conceito propriamente dito; é em essência, ainda um complexo. Na prática, a criança agrupa uma amostra de objetos que poderiam ter sido agrupados com base em um conceito abstrato, porém, ela se orienta pela semelhança concreta visível, formando apenas um complexo associativo restrito a um determinado tipo de conexão perceptual. Os pseudoconceitos predominam sobre todos os outros complexos no

pensamento da criança em idade pré-escolar, dado que na vida real os complexos que correspondem ao significado das palavras não são desenvolvidos espontaneamente pela criança; são predeterminados pelo significado que uma palavra já possui na linguagem dos adultos. O adulto apresenta seu significado acabado para a criança e ela forma um complexo ainda que o produto de seu pensamento seja idêntico, em seu conteúdo, a uma generalização que poderia ter-se formado através do pensamento conceitual. O pseudoconceito serve como elo de ligação entre o pensamento por complexos e o pensamento por conceitos. A transição do pensamento por complexos para o pensamento por conceitos não é percebida pela criança porque seus pseudoconceitos já coincidem, em conteúdo, com os conceitos dos adultos. A criança começa a operar com conceitos, a praticar o pensamento conceitual antes de ter a consciência clara da natureza dessas operações. Segundo VYGOTSKY (1987, p. 63), a história da linguagem mostra claramente que o pensamento por complexos, com todas as suas peculiaridades, é fundamento real do desenvolvimento lingüístico. As novas formações, presentes na terceira fase, não aparecem necessariamente somente depois que o pensamento por complexos completou todo o curso de seu desenvolvimento. De forma rudimentar, podem ser observadas antes de a criança começar a pensar por pseudoconceitos. Para que a criança forme o conceito é necessário abstrair, isolar elementos e examiná-los separadamente da totalidade da experiência concreta da qual fazem parte, sendo igualmente importante unir e separar: a síntese deve combinar-se com a análise. O primeiro passo em direção à abstração, conforme os experimentos de VYGOTSKY, dá-se quando a criança agrupa elementos com um grau máximo de semelhança (objetos redondos e pequenos, vermelhos e achatados). Essa primeira tentativa de abstração não é clara, pois a criança abstrai todo um conjunto de características, sem distingui-las entre si, baseada numa impressão vaga e geral da semelhança entre os objetos. No estágio seguinte, o agrupamento de objetos com base na máxima semelhança possível é substituído pelo agrupamento com base em um único atributo (objetos redondos ou objetos achatados), que VYGOTSKY chama de *conceitos potenciais*. Os conceitos potenciais podem ser formados tanto na esfera do pensamento percentual como na esfera do pensamento prático, voltado para a ação. Somente o domínio da abstração, combinado com o pensamento por complexos em sua

forma avançada é que permite à criança progredir até a formação de conceitos verdadeiros. Um conceito só aparece quando os traços abstraídos são sintetizados novamente e a síntese resultante torna-se o principal instrumento do pensamento. A palavra tem um papel decisivo nesse processo.

Nos processos intelectuais do adolescente, as formas mais primitivas do pensamento (sincréticas e por complexos) gradualmente desaparecem. Como os conceitos potenciais vão sendo usados cada vez menos, começam a se formar os verdadeiros conceitos. Mesmo depois de ter aprendido a elaborar conceitos, o adolescente não abandona as formas mais elementares; elas continuam a operar por muito tempo, sendo predominantes em muitas áreas de seu pensamento. A adolescência é para VYGOTSKY (1987, p.70), um período de transição em que o adolescente apresenta uma discrepância entre sua capacidade de formar conceitos com muita propriedade numa situação concreta, mas achará difícil expressá-lo em palavras. O emprego da palavra é parte integrante dos processos de desenvolvimento, e a palavra conserva a sua função diretiva na formação de conceitos verdadeiros, aos quais estes processos conduzem.

1.1.3 A teoria de JEROME BRUNER

Segundo BRUNER (apud GIACAGLIA, 1980, p. 46), aprendizagem, desenvolvimento e ensino estão intimamente relacionados e não podem ser estudados separadamente. Sua teoria da instrução caracterizada como desenvolvimentista, tenta esclarecer as ligações entre pedagogia, desenvolvimento intelectual e suas possibilidades de auxílio mútuo.

Para ele, o modo de ensinar dependerá não só do que se souber e como se aprende, mas também dos conhecimentos relativos ao estágio de desenvolvimento cognitivo em que o aluno se encontra, do entendimento sobre a estrutura do conhecimento, da abordagem e sequenciação dada às ligações, bem como o arranjo das situações ambientais que irão predispor o aluno à aprendizagem.

Segundo BRUNER, "é possível ensinar qualquer assunto, de uma

maneira honesta, a qualquer criança em qualquer estágio de desenvolvimento” (BRUNER, apud MOREIRA, 1995, p. 37). Segundo MOREIRA, ao dizer isso BRUNER não quis dizer que o assunto pudesse ser ensinado em sua forma final, e sim seria sempre possível ensiná-lo desde que se levasse em consideração as diversas etapas do desenvolvimento intelectual. Cada uma dessas etapas é caracterizada por um modo particular de representação, que é a forma pela qual o indivíduo visualiza o mundo e explica-o a si mesmo. BRUNER propõe, então, o currículo em espiral, que significa que o aprendiz deve ter oportunidade de ver o mesmo tópico mais de uma vez, em diferentes níveis de profundidade e em diferentes modos de representação.

Para BRUNER, o desenvolvimento cognitivo (apud GIACAGLIA, 1980, p. 47) processa-se em três estágios ou fases, em função da maneira pela qual a criança tende a representar o ambiente com o qual interage.

A primeira fase é denominada “enativa”. Nessa fase, a criança representa o mundo e também se comunica sobre ele através da ação, ou pela demonstração prática. Deste modo, se lhe perguntarem onde fica a farmácia, por exemplo, ela poderá levar alguém até lá, mas possivelmente será incapaz de representar o caminho por meio de um mapa, ou dar indicações verbais.

A segunda fase da representação do mundo é a chamada fase “icônica”. Neste estágio, a criança representa mentalmente os objetos, sem precisar manipulá-los diretamente. Um exemplo seria a possibilidade de representar mentalmente o caminho que leva à farmácia sem a necessidade de caminhar até ela.

Na terceira e última fase - a “simbólica”, a criança representa o mundo por meio de um símbolo, abstratamente, podendo prescindir do uso da ação ou de imagens de objetos concretos. O adolescente, no exemplo que estamos considerando, poderia aprender o caminho da farmácia através da leitura de um mapa de rua.

BRUNER atribui um importante papel à linguagem, através da qual a criança pode passar dos níveis hierarquicamente inferiores de representação, para a representação simbólica. O pensamento portanto, evolui com a linguagem e dela depende. Seu papel é importante não só na comunicação, como também na codificação de informações. Para BRUNER (apud GIACAGLIA, 1980, p. 47), a criança que sabe

fazer uso adequado da linguagem pode prescindir dos objetos e das suas imagens para transformá-los em pensamento.

BRUNER acredita que a interação constante com o ambiente dê ao indivíduo a oportunidade de desenvolvimento cognitivo, habituando-o assim, a interagir de forma mais inteligente com o ambiente, e a modificá-lo.

A prontidão é, segundo BRUNER, fruto da interação entre o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra, o assunto a ser estudado e a maneira como este é apresentado.

2. Histórico e Conceituação dos Provérbios e Estudos Realizados com Provérbios

Provérbios são figuras de linguagem, cujo uso remonta aos tempos mais longínquos da humanidade.

Seu emprego é registrado na história antiga, pelos homens denominados "Sábios", há milhares de anos antes da era cristã, até os tempos atuais.

Sua origem é desconhecida e segundo estudiosos, data da pré-história da humanidade.

A literatura traz um grande número de estudos com provérbios nos campos do desenvolvimento cognitivo, antropologia, psicanálise, sociologia, lingüística e psiquiatria.

Nos campos do desenvolvimento cognitivo e da psiquiatria, provérbios são utilizados para o estudo do pensamento "concreto" e "abstrato" em crianças e em pacientes esquizofrênicos.

Para uma maior compreensão das origens e usos dos provérbios, desenvolver-se-á um breve histórico dos provérbios, sua conceituação, estudos realizados, elaboração e estudos com o Teste de Provérbios de GOHRAM.

2.1 Histórico dos provérbios

Os provérbios são milenares. Segundo COHEN (1992,p.46) eles "são tão antigos quanto a humanidade".

Os paremiologistas, estudiosos dos provérbios, utilizam a sintática, a dialética, a métrica ou os aspectos lingüísticos do provérbio para estudar sua origem, difusão e evolução. Muitos especialistas consideram quase impossível traçar a origem dos provérbios e suas raízes que, segundo eles, datam da tradição oral da pré-história racial (BOESKY, 1976, p.542).

Segundo STEINBERG (1985, p.11), "a origem dos provérbios de empréstimo de outras línguas é duvidosa, pois a sabedoria popular pode ser comum a muitos povos e é quase impossível saber onde um determinado provérbio surgiu primeiro".

Os sumérios que viviam no Oriente Médio, na região posteriormente conhecida como Babilônia, entre 4.500 a.C. e 1.750 a.C. já se utilizavam de provérbios; o material compilado por estes constitui-se de setecentas tábuas de barro. Alguns exemplos de provérbios sumérios: "Não colhas já, mais tarde dará fruto", "Não é o coração que cria inimizade, é a língua que cria inimizade". Para os arameus e hebreus, também originários do Oriente Médio, os provérbios são a "palavra" de um sábio. Devido a isto, a fala de Salomão ficou conhecida como "Provérbios de Salomão". (COHEN, 1991, p.46).

A Bíblia, segundo STEINBERG (1985, p.11), "é um vaso repositório de provérbios, sendo que o maior número deles, se encontra em "Os Cânticos de Salomão". Dado que a Bíblia original foi escrita em hebraico (Velho Testamento), aramaico e grego (Novo Testamento), deve-se considerar, segundo a autora, que seus provérbios foram tomados de empréstimo do povo hebreu.

Provérbios, segundo BOESKY (1976, p.542), são destinados a ensinar. Expressam a difícil experiência dos ancestrais, a sabedoria destilada do passado. Grandes livros de sabedoria como o "Livro dos Provérbios", "Jó" e "Eclesiastes", e outras breves passagens estão no Velho Testamento. As sabedorias tradicionais datam

de quase 3.000 anos A.C., no Egito. Nos dias de julgamento, (1.200 - 1050 A.C.) os homens sábios usavam fábulas e enigmas para instruir.

Há importantes diferenças entre a sabedoria triste de "Jó" e a sabedoria otimista e prática do "Livro de Provérbios". Mas há diferenças cruciais entre a visão de redenção através da Sabedoria no "Livro de Provérbios" e a redenção pela fé, pela mágica e a revelação dos cinco livros de Moisés. Neste último, aparecem temas de promessas de patriarcas, a libertação de escravos, o acordo de Sinai e conta a história da revelação de Deus e sua escolha de Israel. Aqui a revelação de Deus é a criação, mas no "Livro dos Provérbios", o sábio e o justo são contrastados com o tolo e o mau. Mesmo os provérbios não salvariam o homem estúpido: "Um provérbio na boca do estúpido cairia sem ajuda, como a lama das pernas de um homem" (PROVÉRBIOS XXVI : 7, apud BOESKY, 1976, p. 546).

A revelação de Deus era um novo problema de difícil resolução, renúncia ao prazer e redenção pela sabedoria, mais do que criação mágica: "Um homem sensível extrai o provérbio de seu coração; uma tentativa de ouvir é o desejo do sábio" (ECLESIASTES III : 29, apud BOESKY, 1976, p.547) e "No tesouro da sabedoria estão os provérbios" (ECLESIASTES I : 25, apud BOESKY, 1976, p.547).

Os provérbios dos antigos egípcios eram denominados "Sebayt", que quer dizer "ensinamentos". Os egípcios "atribuíram seus provérbios a Ptahhotep Visir, da quinta dinastia (COHEN, 1992, p.48). Provérbios da duodécima dinastia, já clássicos e conhecidos popularmente, constaram de dois dos seus papiros.

Os gregos provavelmente receberam seus provérbios do Oriente Médio e os transmitiram aos romanos, que os difundiram para o ocidente.

"Pitágoras, Platão, Heródoto, Aristóteles fizeram uso dos provérbios em suas obras" (STEINBERG, 1985, p.11).

O latim clássico excluiu os provérbios, que foram divulgados, porém, pela sociedade medieval, que se expressava em latim vulgar (COHEN, 1992, p.49).

No século XII, os provérbios apareceram nas Fábulas de Maria da França e em outros manuscritos como : Provérbio do Camponês, Provérbios dos Sábios,

de quase 3.000 anos A.C., no Egito. Nos dias de julgamento, (1.200 - 1050 A.C.) os homens sábios usavam fábulas e enigmas para instruir.

Há importantes diferenças entre a sabedoria triste de “Jó” e a sabedoria otimista e prática do “Livro de Provérbios”. Mas há diferenças cruciais entre a visão de redenção através da Sabedoria no “Livro de Provérbios” e a redenção pela fé, pela mágica e a revelação dos cinco livros de Moisés. Neste último, aparecem temas de promessas de patriarcas, a libertação de escravos, o acordo de Sinai e conta a história da revelação de Deus e sua escolha de Israel. Aqui a revelação de Deus é a criação, mas no “Livro dos Provérbios”, o sábio e o justo são contrastados com o tolo e o mau. Mesmo os provérbios não salvariam o homem estúpido: “Um provérbio na boca do estúpido cairia sem ajuda, como a lama das pernas de um homem” (PROVÉRBIOS XXVI : 7, apud BOESKY, 1976, p. 546).

A revelação de Deus era um novo problema de difícil resolução, renúncia ao prazer e redenção pela sabedoria, mais do que criação mágica: “Um homem sensível extrai o provérbio de seu coração; uma tentativa de ouvir é o desejo do sábio” (ECLESIASTES III : 29, apud BOESKY, 1976, p.547) e “No tesouro da sabedoria estão os provérbios” (ECLESIASTES I : 25, apud BOESKY, 1976, p.547).

Os provérbios dos antigos egípcios eram denominados “Sebayt”, que quer dizer “ensinamentos”. Os egípcios “atribuíram seus provérbios a Ptahhotep Visir, da quinta dinastia (COHEN, 1992, p.48). Provérbios da duodécima dinastia, já clássicos e conhecidos popularmente, constaram de dois dos seus papiros.

Os gregos provavelmente receberam seus provérbios do Oriente Médio e os transmitiram aos romanos, que os difundiram para o ocidente.

“Pitágoras, Platão, Heródoto, Aristóteles fizeram uso dos provérbios em suas obras” (STEINBERG, 1985, p.11).

O latim clássico excluiu os provérbios, que foram divulgados, porém, pela sociedade medieval, que se expressava em latim vulgar (COHEN, 1992, p.49).

No século XII, os provérbios apareceram nas Fábulas de Maria da França e em outros manuscritos como : Provérbio do Camponês, Provérbios dos Sábios,

Provérbios Morais (Cristina de Pisa), Balada dos Provérbios (Villon), entre outros (COHEN, 1992, p.50).

O termo "provérbio" começou a ser empregado na França no século XIII, por influência dos latinos, tendo a Paremiologia moderna suas origens na França, com o Livro des proverbes français, em 1859 (AMARAL, 1948, apud STEINBERG, 1985,p.11).

Erasmus de ROTERDAN (1508, apud COHEN, 1992, p.50) apresenta em seu livro "Adagiorum Collectanea", provérbios gregos em latim vulgar e provérbios do latim clássico, difundidos posteriormente pela Europa. O intenso uso dos provérbios na literatura, com Pantagruel e Dom Quixote, provocou grande reação contra eles, (COHEN, 1992, p.50).

No século XVII, quando os gostos eram mais refinados, o uso de provérbios era visto com desprezo.

No século XX, o uso de provérbios pode ser observado nas comunidades rurais e urbanas. Sua utilidade científica é comprovada pela literatura.

No Brasil, segundo COHEN (1992, p.60), o uso de provérbios pelo povo é muito presente, destoando de outros países, onde seu uso está em decadência. Os provérbios brasileiros são irônicos, sábios e pacatos refletindo o pacifismo de nosso povo.

Na literatura brasileira, encontramos o uso de provérbios nas obras de Machado de Assis, Artur de Azevedo, Simão Lopes Neto, João Guimarães Rosa, entre outros (STEINBERG, 1985, p.11).

2.2 Conceituação dos provérbios

Não existe uma definição satisfatória para os provérbios (BOESKY, 1976, p.539).

Eles traduzem ensinamentos morais e práticos e são largamente utilizados

no cotidiano para expressar satisfação, repreensão, ou mesmo, pensamento filosófico.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, de AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA (1975, p.1151), provérbio significa "máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e, geralmente, rica em imagens".

L. MARTEL (apud MOTA, 1973, p.45), compilador do PETIT RECUEIL DES PROVERBS FRANÇAIS, destaca três tipos de enunciados em sua coletânea:

1. expressões proverbiais ou maneiras de falar figuradas e metafóricas,
2. provérbios que enunciam um fato, uma verdade experimental, que constata uma maneira de agir e de pensar comum a muita gente, sem apresentá-la, porém, como regra de comportamento, e
3. provérbios que contêm um ensinamento moral ou um conselho prático.

COHEN (1992, p.20) destaca quatro características necessárias ao provérbio: 1- brevidade (ou concisão), 2- significado ou sentido, 3- sabor ou agudeza (irônico, mordaz, satírico) e 4- popularidade.

ARISTÓTELES (apud COHEN, 1992, p.21) define os provérbios como "reliquias que, em virtude de sua brevidade e exatidão, se salvaram dos naufrágios e ruínas das antigas filosofias".

Para EISENLEIN (apud COHEN, 1992, p.21), "um provérbio é uma frase cunhada com o selo público, corrente de valor reconhecido entre o povo".

Cervantes (apud COHEN, 1992, p. 21) o define como "frase curta baseada em longa experiência".

Segundo STEINBERG (1985, p.10), os provérbios são definidos estrutural e semanticamente. Estruturalmente, "...o provérbio se caracteriza pelos mecanismos empregados, na sua maioria os mesmos utilizados em linguagem poética, tais como a rima, a assonância, a aliteração, o equilíbrio, a concisão, o paralelismo (fonético, morfológico, sintático), a elipse, a paranomásia, numa estrutura binária

(simples, dupla ou tripla) de sintagmas correlatos". Semanticamente, "... o provérbio deve encerrar uma mensagem admoestadora ou conselho, e deve ser empregado metaforicamente".

"... Sendo repositório da sabedoria popular, as equivalências entre duas línguas diferentes se fazem às vezes na forma e no conteúdo, às vezes apenas no conteúdo, pois cada povo expressa suas experiências de acordo com seu ambiente cultural e geográfico. Assim sendo, o provérbio pode ser considerado uma unidade de cultura e, como tal, assume formas, significados e distribuição diferentes, não só entre os vários povos, mas dentro de uma sociedade. A multiplicidade de enfoques para seu estudo leva-nos a poder considerar o provérbio como reflexo do comportamento de um povo, família ou indivíduo. Sua importância poderá abranger a História, a Filologia, o Folclore. Seu emprego se dá na literatura, na arte dramática, na educação e, especialmente, no estudo das línguas estrangeiras." (STEMBERG, p.11)

Para AMARAL (apud STEINBERG, 1985,p.11), o provérbio "...quando não é puro verso é parente próximo deste, pelo ritmo e, muitas vezes, também pela rima".

Segundo DAHLET (apud ROCHA, 1995, p. 8) em relação aos provérbios "... tudo se passa como se o sujeito (que foi iniciado no sentido convencional de um provérbio) não se questionasse mais sobre a relação - muitas vezes estranha contudo, pela distância - entre as palavras que o transmitem e o significado que se lhe deve reconhecer. Pode-se deduzir que a ligação do sujeito ao provérbio se faz por sua imobilidade, pela autoridade de uma forma que deve ser tomada ou relegada em sua totalidade. E, se for verdade, o estudo dos provérbios revela realmente um acesso original para a compreensão dos processos cognitivos".

Para ROCHA (1995,p. 60) "...os provérbios constituem por excelência o discurso do Outro, um discurso codificado e citado". Podem ser divididos, segundo a autora, em provérbios sem marcas pessoais (p.ex: "A bom entendedor meia palavra basta") e provérbios com marcas pessoais (p.ex: "Dize-Me com quem andas e TE direi quem TU és").

Ainda citando ROCHA (1995,p. 173) "...é essencial na constituição de

um provérbio a ausência de valor referencial específico para os seres mencionados. Não se trata nunca de especificidade, mas de universalidade... constitui um enunciado de caráter sempre atributivo e não referencial.”

“... Os provérbios tendem a se expressar de modo impessoal e os pronomes pessoais que neles aparecem são pronomes “de percurso”. Entretanto, há uma reversibilidade de expressão pessoal e impessoal... embora a maioria deles traga uma formulação impessoal, todos podem assumir uma formulação pessoal, que corrobora a idéia de que visam de fato atingir o alocutório, mas indiretamente, sob o disfarce de uma expressão impessoal.” (ROCHA, 1995,p.171).

Segundo a autora, os provérbios são reenunciados pelo locutor, na medida em que são tomados de empréstimo, de um sujeito indeterminado e atemporal.

Ainda segundo ROCHA (1995,p.175), “o locutor que emprega um provérbio em seu discurso é invencível, porque não se apresenta como o criador do enunciado. O que ele faz é apoiar-se sobre uma idéia estabelecida pelo senso comum, não rejeitada pela coletividade, admitida de longa data como verdadeira, e preexistente assim à sua argumentação de locutor particular numa situação particular. Portanto, se o provérbio é imbatível na argumentação é porque ele constitui uma verdade de origem anônima consagrada pelo sucesso comum, ou seja, um enunciado citado, e não criado no momento de uma enunciação específica. Portanto, a argumentação apresenta-se como totalmente cerceadora, na medida em que o locutor reenunciador apóia-se sobre princípios anteriormente admitidos.”

Além disso, o provérbio é “atemporal” e “fixo”. Independentemente do tempo verbal em que é citado, traz consigo uma verdade imutável que foi, é e o será a qualquer tempo, em qualquer lugar e com qualquer pessoa.

Segundo ROCHA (1995,p.151), “... embora muitos pensem que eles sejam exclusivos da linguagem das pessoas idosas ou menos cultas, ou ainda das que vivem no campo, nós os encontramos com freqüência nas reuniões de professores universitários, na literatura de ficção (de baixa e alta qualidade), nos livros de caráter científico, no jornalismo escrito e falado, além das situações corriqueiras do cotidiano das grandes ou pequenas cidades”.

Na Grécia (BOESKY, 1976, p.539), a palavra "Gnome" significa um aforisma moral ou provérbio. Antologias destes aforismas foram denominadas Gnomiologia e eram usadas na instrução de jovens. A palavra "Gnome" também era utilizada para descrever os legendários anciões que habitavam no interior da terra e agiam como guardiões de seus tesouros. Segundo BOESKY (1976,p.539), nós aprendemos pela alusão etimológica que provérbios contêm tesouros enterrados na forma da sabedoria anciã e que a estratégia protetora que oculta o segredo está enrugada - uma alusão concreta à condensação e brevidade do provérbio e também ao fato de que em cada provérbio, há um segredo oculto ou enterrado.

Ainda segundo BOESKY, (1976, p.542), do estudo etimológico da palavra "provérbio" em outras línguas, aprende-se a importância crucial da metáfora na estrutura do provérbio. Além disso, há importantes afinidades entre as fábulas e os provérbios que são novamente expressos etimologicamente. Em latim "fábula" quer dizer "uma coisa dita", e nas línguas grega, hebraica e aramaica há uma mesma palavra que significa "fábula" tão bem como "provérbio".

A palavra hebraica para provérbio é MASHAL, uma semelhança.

Em latim, PROVERBIUM significa 'uma palavra pronunciada em público' (COHEN, 1992,p.21).

Em malaio, arábico, mouro, pérsico e suaili, o provérbio conota uma similaridade metafórica, uma hipérbole, ou uma alegoria.

Em outras línguas - como na língua italiana, japonesa e espanhola - a raiz etimológica dos provérbios conota uma freqüência de repetição na linguagem.

Na Grécia, Turquia e Polônia o provérbio possui a conotação de gnome, de ancião.

As diferentes abordagens conceituais dos provérbios destacam sua característica metafórica, seu significado, sua brevidade, universalidade, atemporalidade e impessoalidade. Tais características fazem do provérbio um veículo através do qual se pode estudar e compreender o desenvolvimento do pensamento humano. E assim sendo, torna-se um instrumento útil para a avaliação dos tipos de

pensamento "concreto" e "abstrato".

2.3 Estudos realizados com provérbios

PIAGET (1961), investigou o fenômeno do sincretismo verbal através da interpretação de provérbios, em 1921.

Utilizando-se de uma prova de compreensão composta de provérbios e destinada a adolescentes de 11 a 15 anos, aplicou-a a crianças de 9, 10 e 11 anos.

Apresentava-se ao sujeito 10 provérbios por vez e, logo a seguir, 12 frases das quais 10 exprimiam as idéias contidas nos provérbios. Pedia-se, então, que a criança lesse tais provérbios e encontrasse as frases correspondentes. A primeira constatação do autor foi a de que as crianças pensavam haver compreendido e não solicitavam qualquer explicação suplementar, quer sobre o seu sentido literal, quer sobre o oculto. A segunda constatação foi a de que as crianças, embora não havendo compreendido o real significado dos provérbios, foram capazes de encontrar frases correspondentes aos provérbios que preenchiam bem, aos seus olhos, a condição de dizer a mesma coisa que os respectivos provérbios. A terceira constatação foi a de que essa correspondência era devido não ao que se convencionou chamar de verbalismo, ou seja, o uso automático de palavras desprovidas de sentido, mas a esquemas de raciocínio e analogia por meio de saltos que caracterizam o sincretismo verbal. O sincretismo é definido por PIAGET (1961, p. 219) como "...o processo segundo o qual uma proposição provoca outra, ou uma causa provoca um efeito, não graças a uma relação causal explícita em detalhes (análise do como), mas outra vez graças a um esquema de conjunto que liga as duas proposições, ou as duas representações de fenômenos". Ou seja, no estudo dos provérbios, as palavras constantes destes são assimiladas às frases correspondentes devido a uma fusão de duas proposições. Não existe uma compreensão dos provérbios em seu sentido oculto, mas uma projeção deste na frase correspondente por fusão imediata.

BENJAMIN (1958, apud SOUZA e SILVA, 1992), popularizou o uso de provérbios para estudar o pensamento esquizofrênico, em 1946, posteriormente

sistematizado por GOHRAM (1956). Seus estudos apontaram um prejuízo na capacidade de abstração do esquizofrênico com tendência ao concretismo. A escala de inteligência Stanford-Binet (TERMAN e MERRILL, 1960) também utiliza provérbios para avaliar o pensamento abstrato.

DOUGLAS e PEEL (1979) realizaram um estudo sobre o desenvolvimento da metáfora e a interpretação de provérbios com 120 crianças das 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries. Seus resultados indicaram que traduções literais das metáforas caracterizaram as crianças da 1ª série. Para a 3ª série, 73 por cento indicaram uma compreensão da metáfora ao nível figurativo. O nível de respostas para metáfora e palavras de duplo sentido melhorou até a 7ª série. Os provérbios foram a categoria mais difícil para todos os grupos.

Provérbios foram também utilizados em estudos interculturais. KIM, SIOMOPOULOS e COHEN (1977), diante de uma situação de atrito na supervisão de psicoterapia, devido ao fato de Supervisor e Supervisionando, serem de países diferentes e possuírem diferentes valores e atitudes, exploraram o efeito da cultura na abstração do pensamento e na conceitualização de problemas através da interpretação de provérbios. Participaram como sujeitos os próprios autores, administrando reciprocamente, um ao outro, provérbios não pertencentes à cultura de um, mas a de outro. Foram utilizados 30 provérbios gregos e 30 provérbios coreanos. Para maior controle das possíveis diferenças não culturais, os sujeitos foram testados por um psicólogo clínico, através dos subtestes de similaridades e cubos do WAIS. Não houve diferença significativa entre os sujeitos no desempenho apresentado no teste. Análises das falhas de interpretação dos provérbios indicaram que valores culturais pareciam ser os responsáveis pela maioria dos erros, enquanto que erros de mau uso ou escolha de símbolos também foram evidenciados.

KEMPER (1981) realizou um estudo sobre a compreensão de provérbios não familiares numa série de quatro experimentos. Seus resultados indicaram que quando os provérbios ocorrem naturalmente no contexto lingüístico, o uso figurativo é mais rapidamente compreendido do que o uso literal. Em contraste, interpretações figurativas de provérbios isolados são mais difíceis do que interpretações literais.

Inferências do sentido literal do provérbio para o seu sentido figurativo parecem ter sido necessárias somente quando os sujeitos não podiam usar a informação contextual sobre o que o interlocutor queria dizer.

PAGE e WASHINGTON (1987) estudaram a orientação de valores e a sua transmissão entre gerações através do uso de provérbios. Os sujeitos desta pesquisa foram 100 mães solteiras negras, residentes em bairros de baixo poder aquisitivo. Foram realizadas entrevistas através da Escala de Provérbios PAGE-WASHINGTON e do inventário de valores ROCKEACH (não publicados). Os sujeitos avaliaram os provérbios tanto como valores finais, quanto como valores instrumentais, indicando aqueles valores que receberam de suas mães e que pretendiam passar para os seus filhos. Verificou-se correlação positiva significativa entre os provérbios recebidos das mães e aqueles que os sujeitos pretendiam passar para as próximas gerações.

GOODWIN e WENZEL (1979), em estudo sócio-lógico com provérbios da cultura anglo-americana, verificaram que os provérbios refletem práticas de conduta de um povo. Outra característica dos provérbios é a sua flexibilidade contextual, ou seja, o provérbio move a mente da imagem concreta evocada por seus termos familiares, através da apreensão da metáfora implícita, a uma nova aplicação para a situação problemática. Provérbios são largamente utilizados por pessoas mais velhas para transmitir uma idéia e pouco utilizados por pessoas mais jovens. Políticos utilizam provérbios com o objetivo de persuasão. Para ARISTÓTELES (apud GOODWIN e WENZEL, 1979), todo argumento retórico é baseado em probabilidades e signos. Os raciocínios iniciam-se com alguma percepção da aparência externa do fenômeno. Quando arguidores tomam tais percepções como signos de alguma coisa, eles raciocinam através destes. Dado ao fato de tais processos mentais serem fundamentais, um grande número de provérbios vem de encontro a eles. Os provérbios da cultura anglo-americana, conforme GOODWIN e WENZEL (1979), caracterizam padrões de argumentos, ilustram padrões de referência e advertem contra falácias específicas e gerais.

RICHARDSON e CHURCH (1959) realizaram uma análise do desenvolvimento cognitivo através da interpretação de provérbios. Participaram como

sujeitos, 64 crianças com idades entre 7 anos e 10 meses e 12 anos e 5 meses, e 30 adultos normais com idades entre 14 e 67 anos. As crianças eram de diferentes regiões e níveis sócio-econômicos.

Sete provérbios comumente utilizados e que poderiam ser compreendidos mais figurativamente do que literalmente, foram apresentados às crianças e adultos para que estes explicassem seus significados. As respostas foram classificadas como: 1- de dimensões gerais - específicas ou concretas, 2- de dimensões literais - figurativas e 3- de dimensões fisionômicas - articuladas.

Seus resultados indicaram que ocorreram mudanças significastes na frequência de respostas à medida em que aumenta a idade das crianças, exceto para as dimensões fisionômicas - articuladas. Com o aumento da idade diminuem as respostas com especificações fisionômicas concretas e aumentam as respostas metafóricas fisionômicas. Ou seja, a maior parte das interpretações metafóricas foi do tipo fisionômico, que implica no fato da criança compreender o provérbio a partir de um único termo e negligenciar o restante do mesmo. Adultos apresentaram respostas abstratas ou metafóricas, porém, sem a característica da fisionomização.

COHEN (1991) estudou a relação entre provérbios e o inconsciente, tomando como referencial a teoria freudiana. Segundo ele, o provérbio seria como a revelação positiva da fotografia, de um negativo que é a estrutura do inconsciente. Os provérbios transculturais se relacionariam com o inconsciente, pois estes são uma linguagem simbólica, uma metáfora do desejo, que atinge o inconsciente contornando a repressão. O provérbio, diferentemente do chiste e do sonho, coloca-se "mais a serviço do princípio da realidade, no sentido de observação da realidade em relação ao princípio do prazer."(COHEN, 1991, p.8)

2.4 Elaboração do Teste de Provérbios de GOHRAM

GOHRAM sistematizou a utilização de provérbios como forma de avaliar tipos de pensamento "concreto" e "abstrato", com a publicação do Teste de Provérbios, em 1956, desenvolvido para avaliar o grau de deterioração da função abstrata em

pacientes esquizofrênicos, psicóticos e lesionados cerebrais. O Teste de Provérbios de GOHRAM possui duas formas:

1. Forma clínica, que consiste de três formas paralelas contendo 12 provérbios cada, escalonados em ordem de dificuldade crescente e acompanhados de uma alternativa abstrata (Ab) e uma alternativa concreta (Co) e
2. Forma de múltipla escolha, composta de 40 provérbios com quatro alternativas cada, sendo uma alternativa abstrata (Ab), uma alternativa concreta (Co) e duas alternativas irrelevantes.

Um exemplo do Teste de Provérbios, forma de múltipla escolha é o seguinte: "Não atravesse a ponte até que você a alcance". Alternativa concreta: "A ponte está longe", alternativa abstrata: "Não se preocupe com os problemas até que eles cheguem" e alternativas irrelevantes "Não seja tolo" e "As pessoas não o apreciam quando você está mal humorado".

No processo de validação, GOHRAM (1956) utilizou o Teste de Provérbios, nas formas clínicas e de múltipla escolha, para o diagnóstico diferencial de sujeitos normais e esquizofrênicos. A amostra de sujeitos normais foi constituída por 100 homens das Forças Armadas e a de sujeitos psicóticos por 100 pacientes esquizofrênicos crônicos, comparados entre si por sexo, educação e inteligência. Para a avaliação de inteligência foi utilizado Teste de Conhecimento de Palavras da Bateria de Classificação de Aviadores. Tanto as formas clínicas quanto de múltipla escolha do Teste de Provérbios, discriminaram significativamente entre pacientes esquizofrênicos e sujeitos normais. Em estudo publicado em 1963, GOHRAM adicionou nova norma para avaliar a perda da função abstrata, através da seguinte fórmula: $\text{Escore abstrato} - \text{Escore Concreto} + 10$ (Abs - Co +10). Segundo ele, este índice combinaria o poder discriminativo de ambas as medidas e eliminaria quase totalmente uma possível perda de escore.

2.5 Estudos com o Teste de Provérbios de GOHRAM

ELMORE e GOHRAM (1957) utilizaram o Teste de Provérbios nas

formas clínicas e de múltipla escolha para aferir o grau de deterioração da função abstrata do pensamento entre sujeitos normais, esquizofrênicos e pacientes orgânicos. Seus resultados indicaram uma diferença significativa ($p=0,001$) entre indivíduos normais e aqueles do grupo psiquiátrico em relação ao escore abstrato da forma de múltipla escolha, porém, não entre pacientes esquizofrênicos e orgânicos. O escore concreto discriminou entre pacientes normais e esquizofrênicos crônicos e grupos de pacientes orgânicos, a um nível de significância de 0,001.

FOGEL (1965) utilizou o Teste de Provérbios de GOHRAM para a avaliação de doenças cerebrais. Participaram como sujeitos um grupo de 100 pacientes controle (66 homens e 34 mulheres) e 100 pacientes com lesão cerebral, sendo 64 pacientes de ambulatório e 36 pacientes internos. Os resultados indicaram que o escore abstrato parece ser o melhor indicador do teste e é comparável a vários subtestes do WAIS em seu poder discriminativo. Contudo, três subtestes do WAIS (arranjo de figuras, aritmética e cubos) parecem discriminar melhor que o Teste de Provérbios. O melhor subteste do WAIS, neste estudo, foi o arranjo de figuras, discriminando corretamente 68,5 por cento do total de pacientes. O melhor indicador do Teste de Provérbios foi o escore abstrato, discriminando 63 por cento dos pacientes.

SATZ e CARROLL (1962) utilizaram o Teste de Provérbios de GOHRAM (1956) como um instrumento projetivo. Participaram no grupo controle 113 homens e 66 mulheres, todos universitários e, no grupo de pacientes esquizofrênicos, 29 homens e 29 mulheres.

O Teste de Provérbios foi administrado individualmente e seu escore consistiu no tipo de freqüência de várias palavras produzidas pelos sujeitos a partir dos provérbios -estímulo. Foram definidas sete categorias de resposta : 1- qualificação de respostas como: "possivelmente, talvez, não necessariamente"; 2- tipos absolutos de respostas como: "sempre, nunca, tudo"; 3- respostas de comando explícito como: "cuida da tua vida"; 4- palavras negativas como: "não, não pode"; 5- respostas com comando implícito como "deveria"; 6- respostas peditivas como "will" ou "shall", como promessa futura e, 7- palavras como auto-referência : "eu, meu, nós, nosso".

Os resultados indicaram que o grupo controle apresentou mais respostas

formas clínicas e de múltipla escolha para aferir o grau de deterioração da função abstrata do pensamento entre sujeitos normais, esquizofrênicos e pacientes orgânicos. Seus resultados indicaram uma diferença significativa ($p=0,001$) entre indivíduos normais e aqueles do grupo psiquiátrico em relação ao escore abstrato da forma de múltipla escolha, porém, não entre pacientes esquizofrênicos e orgânicos. O escore concreto discriminou entre pacientes normais e esquizofrênicos crônicos e grupos de pacientes orgânicos, a um nível de significância de 0,001.

FOGEL (1965) utilizou o Teste de Provérbios de GOHRAM para a avaliação de doenças cerebrais. Participaram como sujeitos um grupo de 100 pacientes controle (66 homens e 34 mulheres) e 100 pacientes com lesão cerebral, sendo 64 pacientes de ambulatório e 36 pacientes internos. Os resultados indicaram que o escore abstrato parece ser o melhor indicador do teste e é comparável a vários subtestes do WAIS em seu poder discriminativo. Contudo, três subtestes do WAIS (arranjo de figuras, aritmética e cubos) parecem discriminar melhor que o Teste de Provérbios. O melhor subteste do WAIS, neste estudo, foi o arranjo de figuras, discriminando corretamente 68,5 por cento do total de pacientes. O melhor indicador do Teste de Provérbios foi o escore abstrato, discriminando 63 por cento dos pacientes.

SATZ e CARROLL (1962) utilizaram o Teste de Provérbios de GOHRAM (1956) como um instrumento projetivo. Participaram no grupo controle 113 homens e 66 mulheres, todos universitários e, no grupo de pacientes esquizofrênicos, 29 homens e 29 mulheres.

O Teste de Provérbios foi administrado individualmente e seu escore consistiu no tipo de freqüência de várias palavras produzidas pelos sujeitos a partir dos provérbios -estímulo. Foram definidas sete categorias de resposta : 1- qualificação de respostas como: "possivelmente, talvez, não necessariamente"; 2- tipos absolutos de respostas como: "sempre, nunca, tudo"; 3- respostas de comando explícito como: "cuida da tua vida"; 4- palavras negativas como: "não, não pode"; 5- respostas com comando implícito como "deveria"; 6- respostas peditivas como "will" ou "shall", como promessa futura e, 7- palavras como auto-referência : "eu, meu, nós, nosso".

Os resultados indicaram que o grupo controle apresentou mais respostas

qualificativas e negativas do que absolutas. Tal relação não foi encontrada entre os esquizofrênicos. O grupo controle apresentou respostas que implicavam mais autonomia e expressão da agressividade, como: "não, "não pode". Já no grupo de pacientes esquizofrênicos pareceu haver uma perda destas capacidades.

MARTIN (1967) utilizou o Teste de Provérbios de GOHRAM para testar a hipótese de que a deterioração da função abstrata, percebida clinicamente, poderia ser medida quantitativamente. Sujeitos normais, esquizofrênicos e lesionados cerebrais foram pareados segundo sexo e diagnóstico. O escore de concreticidade da forma de múltipla escolha do Teste de Provérbios diferiu significativamente entre a população normal e pacientes esquizofrênicos crônicos e lesionados cerebrais. O escore abstrato diferiu entre normais e esquizofrênicos. Os resultados deste estudo confirmam a hipótese de que uma diminuição no grau de abstração de normais e esquizofrênicos, bem como em grupos de lesionados pode ser avaliada através de provérbios.

JURJEVICH (1967) realizou um estudo de validade concorrente entre o Teste de Provérbios de GOHRAM (1956), as Matrizes Progressivas de RAVEN e o WAIS na avaliação intelectual de uma amostra de 131 pacientes de ambulatório de um hospital militar. Seus resultados evidenciaram um satisfatório grau de congruência ($p=0,001$) entre os três testes, em aplicações individuais. O Teste de Provérbios apresentou alta correlação com a escala verbal do WAIS e as Matrizes Progressivas de RAVEN com a escala de desempenho do WAIS. Tanto o Teste de Provérbios como as matrizes Progressivas estiveram mais associados à habilidade refletida pelos altos escores dos subtestes de similaridades e blocos do WAIS. JURJEVICH (1967) verificou que o Teste de Provérbios possui uma estimativa de quociente intelectual tão boa quanto a obtida pelo RAVEN. Entretanto, nem o Teste de Provérbios de GOHRAM, nem as Matrizes Progressivas de RAVEN podem substituir o WAIS.

SIMON (1987) utilizou o Teste de Provérbios de GOHRAM (1956) para avaliar a competência de 106 presidiários criminosos em sustentar seus interrogatórios e responsabilidades criminais. Os sujeitos competentes para sustentar suas responsabilidades criminais obtiveram um escore abstrato significativamente maior do que os sujeitos tidos como incompetentes; o escore concreto daqueles avaliados como

competentes foi menor do que o dos incompetentes. SIMON concluiu que o Teste de Provérbios de GOHRAM pode ser útil para tal avaliação, porém, como muitos presidiários não possuem grande domínio da leitura, deveria ser utilizada a forma clínica do mesmo.

LASKY (1967) estudou a fidedignidade de uma forma alternativa do Teste de Provérbios de GOHRAM (1956), a forma de múltipla escolha, com o intuito de equalizar o número de respostas concretas. Dado que, na forma original, as 40 escolhas corretas referiam-se ao escore abstrato e o escore concreto seria um número de respostas emitidas entre 20 itens selecionados pelo autor do teste como especialmente adaptados para diferenciar esquizofrênicos de normais, LASKY (1967) dividiu o Teste de Provérbios em duas formas, A e B, com 20 itens cada, equalizando o número de respostas concretas, mas mantendo a ordem de dificuldade crescente.

Esta nova forma alternativa do Teste de Provérbios foi administrada a 34 pacientes esquizofrênicos crônicos hospitalizados dos quais 17 receberam a forma A e 17, a forma B. Não houve diferença significativa entre os grupos com relação à idade, educação ou tempo de hospitalização. A fórmula FLANAGAM foi utilizada para o estudo da fidedignidade. Verificou-se que os escores abstratos possuíam uma fidedignidade de 0,88 e os concretos, de 0,48. A aplicação da fórmula de GOHRAM (1963), para combinar os escores, produziu uma fidedignidade de 0,90, pelo ajuste dos escores. Segundo LASKY (1967), a nova forma alternativa do Teste de Provérbio adquiriu uma fidedignidade que permite seu uso com razoável confiança em futuras pesquisas com esquizofrênicos crônicos.

Em estudo anterior, SHIMKUMAS et al. (1966, apud SHIMKUMAS et al., 1967) demonstraram que interpretações literais ou concretas de provérbios eram pobres preditores de psicopatologia em esquizofrênicos. Tais achados puseram em dúvida a capacidade dos provérbios para avaliar perda significativa da função abstrata do pensamento. Estes pesquisadores verificaram que a inteligência, mais do que o grau de doença, era o correlato primário da concretude ou abstração na interpretação dos provérbios. Além disso, o estudo demonstrou que somente pacientes com inteligência superior melhoraram sua capacidade de abstração após várias semanas de tratamento

hospitalar, enquanto que pacientes com inteligência média inferior não alteraram este aspecto. A partir desses resultados os autores sugeriram o abandono da dicotomia abstrato - concreto, com relação à interpretação de provérbios.

Em 1967, SHIMKUMAS et al. realizaram um estudo a fim de explicar a utilidade de respostas autistas na predição de psicopatologia na esquizofrenia. Se respostas autistas são úteis, devem estar relacionadas positivamente ao grau de doença e negativamente à inteligência.

Para tanto, participaram como sujeitos deste estudo, 80 pacientes esquizofrênicos (36 homens e 44 mulheres), de baixo nível sócio-econômico, com idades entre 16 e 50 anos. Os quocientes de inteligência foram avaliados através do subteste vocabulário do WAIS e uma estimativa do grau de patologia foi obtida através da Escala Global de Severidade de doenças mentais e da Escala de Avaliação Psiquiátrica Multidimensional de pacientes internos. As três formas clínicas do Teste de Provérbios de GOHRAM (1956) foram utilizadas para reduzir o efeito da prática.

Os sujeitos foram avaliados por estes instrumentos em quatro diferentes períodos: logo após a internação, cinco, treze e vinte e seis semanas após a internação. Todos os pacientes receberam diagnóstico de "doença severa" pela Escala de Avaliação Global. Os resultados indicaram que a patologia contribuiu 55 por cento para respostas autistas e a inteligência verbal, 45 por cento. Verificou-se também que, diferentemente do estudo anterior (SHIMKUMAS et al., 1966), a inteligência verbal não está significativamente relacionada a respostas autistas. Não houve diferenças significastes entre os grupos de Q.I. em relação ao grau de patologia, tendo os escores patológicos decrescidos significativamente durante o tratamento. Correlações baixas, porém significastes, foram encontradas entre respostas autistas e abstratas para os provérbios, no pré e pós-tratamento. Tais correlações não foram encontradas para as respostas concretas.

CARPENTER e CHAPMAN (1982) examinaram a relação existente entre os escores da Escala de Ajustamento Pré-Mórbido (Premorbid Adjustment Scale of the PHILLIPS Prognostic Rating Scale) da Escala de Avaliação de Prognóstico PHILLIPS e os escores do Teste de Provérbios de GOHRAM para respostas abstratas,

concretas e autistas. Os sujeitos foram 48 pacientes esquizofrênicos, 42 homens e 6 mulheres. O WAIS foi utilizado para controlar o efeito do vocabulário com vistas a esta comparação. Seus resultados não indicaram relação entre os baixos escores de concretude obtidos no Teste de Provérbios na avaliação de pacientes esquizofrênicos, tidos como ajustamento pré-mórbido baixo ou alto. Escores autistas foram mais fortemente relacionados à Escala PHILLIPS. Este dado parece não refletir uma deficiência para generalizar símbolos. Mas é, pelo menos em parte, devido a erros autísticos. Parece que as respostas autistas estão mais relacionadas à interpretação de provérbios do que ao estado pré-mórbido, sugerindo que respostas bizarras ou idiossincráticas, podem realçar a incapacidade de emitir respostas abstratas.

LOMÔNACO et al. (1981) estudaram a interpretação de provérbios em função do sexo e da idade. Neste estudo, o Teste de Provérbios de GOHRAM, traduzidos e adaptado em sua forma de múltipla escolha, foi aplicado a uma amostra constituída por 72 crianças e adolescentes nas faixas etárias de 9, 12 e 15 anos. Verificou-se que à medida em que os sujeitos se tornam mais velhos, aumenta a emissão de respostas abstratas e diminui a de concretas, sendo esta tendência mais acentuada no sexo feminino. Todavia como o instrumento utilizado foi constituído basicamente pela tradução de provérbios estrangeiros, grande parte era pouco ou não familiar aos sujeitos da pesquisa em questão.

CAPÍTULO II - ELABORAÇÃO E ESTUDOS COM O TESTE BRASILEIRO DE PROVÉRBIOS (TBP)

1. Elaboração do Teste Brasileiro de Provérbios

O Teste Brasileiro de Provérbios (TBP) foi elaborado por SILVA (1989), com o intuito de criar um instrumento para avaliar a concretude e abstração do pensamento através da interpretação de provérbios.

Para tanto, fez-se o arrolamento de 7.944 expressões coletivas, sendo 7.929 retiradas do livro "Adagiário Brasileiro" (MOTA 1973), e 15 da versão brasileira do Teste de Provérbios (GOHRAM, 1956), traduzida e adaptada por LOMÓNACO et al. (1981), em estudo realizado com provérbios.

Posteriormente, selecionou-se aqueles provérbios comumente utilizados em nosso meio, baseando-se simultânea e coletivamente em três critérios:

1. facilidade de compreensão dos provérbios pela população,
2. familiaridade ou conhecimento dos provérbios por esta população, e
3. isenção de regionalismos.

Foram selecionados, preliminarmente, 144 provérbios de um total de 7.944 e, posteriormente, reduzidos a 104 provérbios.

A partir dos provérbios selecionados anteriormente, fez-se a avaliação da familiaridade e da inteligibilidade das palavras constantes dos mesmos. Participaram desta etapa 40 alunos da 2ª série do 1º grau de duas escolas públicas de Araraquara - SP, na faixa etária de 8 a 9 anos, sendo 20 alunos da periferia e 20 alunos do centro da cidade. Foram eliminados todos os provérbios nos quais, pelo menos, 20 por cento das crianças acusaram dificuldades em atender todos os seus termos. Deste modo, foram selecionados 55 provérbios, sendo que, em 30 deles 10 por cento das crianças apresentaram dificuldades e, em 25 deles nenhuma criança apresentou dificuldades.

Posteriormente, fez-se a avaliação da familiaridade dos 55 provérbios

selecionados anteriormente por uma amostra de sujeitos adultos, tendo participado desta etapa 10 juizes com formação de nível superior. Foi utilizada uma escala de cinco pontos, na qual o provérbio foi classificado como: Totalmente Desconhecido, (ID), Pouco Conhecido (PC), Razoavelmente Conhecido (RC), Muito Conhecido (MC) e Extremamente Conhecido (EC). Foram selecionados 30 provérbios considerados como Muito Conhecido e Extremamente Conhecido, cuja somatória de concordância inter-juizes foi igual a, pelo menos, 80 por cento.

Após a avaliação da familiaridade dos provérbios, fez-se uma análise da validade de conteúdo do instrumento, com o intuito de identificar tipos de pensamento "concreto" e "abstrato". Participaram como sujeitos, cinco juizes adultos, com mestrado e/ou doutorado ou em Psicologia, ou em Educação, ou em Linguística. O material utilizado constou dos 30 provérbios selecionados anteriormente, seguidos de 3 alternativas de resposta, elaboradas pela autora, sendo uma alternativa concreta, uma alternativa abstrata e uma alternativa irrelevante, distribuídas aleatoriamente para cada provérbio, similarmente ao Teste de Provérbios de GOHRAM (1956). A alternativa concreta procurava expressar tão somente o sentido literal do provérbio. Por exemplo, no provérbio "Nem tudo que brilha é ouro", a alternativa concreta seria "Existem coisas que brilham e não são de ouro". A alternativa abstrata procurava expressar o sentido metafórico do provérbio, ou seja, aquele que não se prende ao seu sentido literal. Neste caso, uma interpretação do provérbio acima poderia ser "Nem tudo que parece bom é realmente bom". E, finalmente, a alternativa irrelevante foi definida como aquela não relacionada ao provérbio, nem em seu sentido literal, nem em seu sentido metafórico, tal como "O ouro é retirado das minas".

Tais alternativas foram avaliadas pelos juizes como adequadas ou não para identificar tipos de pensamento abstrato e concreto, ou se eram irrelevantes quanto a esta avaliação.

Ou seja, procurou-se determinar a validade de conteúdo do instrumento, através da avaliação realizada pelos cinco juizes. Esta avaliação foi feita através de uma escala de seis pontos, elaborada pela autora, que variava desde a consideração da irrelevância da alternativa em relação ao provérbio avaliado até seu caráter metafórico

ou abstrato, descrita a seguir:

1. Esta alternativa não expressa **qualquer** relação com o provérbio considerado.
2. Esta alternativa expressa apenas uma **ligeira** relação com o provérbio.
3. Esta alternativa expressa **ligeiramente** o sentido literal do provérbio.
4. Esta alternativa expressa **plenamente** o sentido literal do provérbio.
5. Esta alternativa expressa **ligeiramente** o sentido metafórico do provérbio.
6. Esta alternativa expressa **plenamente** o sentido metafórico do provérbio.

Foram consideradas pela autora como alternativa irrelevante o ponto 1 da escala, como concreta o ponto 4 e, como abstrata, o ponto 6. A avaliação realizada pelos juizes ocorreu em dois momentos. No primeiro momento foram julgadas as 3 alternativas de resposta referentes a cada um dos 30 provérbios selecionados anteriormente. Após esta etapa verificou-se que alguns provérbios deveriam ser eliminados de imediato, enquanto outros poderiam ter suas alternativas reelaboradas, dado que houve 80 por cento de concordância inter-juizes em, pelo menos duas das três alternativas. Assim, 12 provérbios foram reavaliados, após a reelaboração de suas alternativas. Foram aceitos aqueles provérbios em que houve 80 por cento de concordância inter-juizes nas três alternativas.

Desse modo, 20 provérbios e suas alternativas de respostas foram considerados adequados quanto à possibilidade de identificarem tipos de pensamentos abstrato ou concreto.

Após a validação de conteúdo, o instrumento, já reduzido a 20 provérbios, foi aplicado à 195 crianças e adolescentes, na faixa etária de 8 a 15 anos, subdivididos em 4 grupos (8 a 9 anos e 11 meses, 10 a 11 anos e 11 meses, 12 a 13 anos e 11 meses e 14 a 15 anos e 11 meses) de duas escolas públicas da cidade de Araraquara, sendo 98 de uma escola da periferia e 97 de uma escola do centro da cidade. Foram eliminados 8 sujeitos atípicos pertencentes ao grupo da periferia, cujas idades estavam acima daquela da maioria das crianças da 4ª série e cujos escores no instrumento eram muito inferiores aos obtidos por estas crianças. Assim, a amostra foi reduzida para 187 sujeitos. Em razão do pequeno número de sujeitos em cada grupo

de idade e por não ter havido diferença significativa entre eles, foram reunidos os sujeitos das faixas etárias de 8 e 9 anos, 10 e 11 anos, 12 e 13 anos e 14 e 15 anos, formando quatro grupos.

O T.B.P. foi aplicado coletivamente a 4 classes de aproximadamente, 30 alunos, em cada uma das escolas, após dadas as instruções (ver anexo). A aplicação foi realizada pela autora e por uma auxiliar, tendo sido registrado o tempo gasto por cada criança para responder ao instrumento.

Após a aplicação do T.B.P., este foi avaliado num primeiro momento, adotando-se o seguinte critério de atribuição de pontos :

- 1- à alternativa irrelevante foi atribuído o escore 0 (zero),
- 2 - à alternativa concreta foi atribuído o escore 1 (um),
- 3- à alternativa abstrata foi atribuído o escore 2 (dois).

O escore total do instrumento foi obtido a partir da soma dos escores para cada item do mesmo.

Os dados foram analisados estatisticamente através da análise de variância e foi calculado também o poder discriminativo dos itens e a precisão do instrumento.

A análise de variância indicou a existência de diferenças significantes entre os grupos de idade, porém, não entre as classes sociais e nem em relação à interação entre as variáveis idade e classe social. Em razão da existência de diferenças significantes entre os grupos de idades, empregou-se a prova t de Student (LEVIN, 1987), referente a amostras de tamanhos diferentes, a fim de localizar tais diferenças. Visto que não houve diferença significativa entre centro e periferia, estes grupos foram reunidos em um único grupo para cada faixa etária. Verificou-se a existência de diferenças significantes entre os quatro grupos de idade.

Quanto ao poder discriminativo, verificou-se que os itens do teste e o teste como um todo discriminaram em relação aos 4 grupos de idade a um nível de significância, de $p = 0,01$.

O cálculo da precisão do instrumento foi realizado a partir da reaplicação do T.B.P. a cinquenta sujeitos sorteados dentre os 187 sujeitos da amostra total. Foi encontrado um $r = 0,99$, indicando uma alta precisão do instrumento.

2. Estudos com o Teste Brasileiro de Provérbios

O Teste Brasileiro de Provérbios (SILVA, 1989) tem sido utilizado em estudos sobre abstração e escolaridade, bem como na avaliação da deterioração da função abstrata em esquizofrênicos.

LOMÔNACO et al. (1995) realizaram um estudo com o Teste Brasileiro de Provérbios para avaliar a capacidade de abstração, em função do tempo de escolaridade. Participaram como sujeitos 61 adultos, 33 do sexo masculino e 28 do sexo feminino, na faixa etária de 18 a 67 anos. Trinta e dois cursaram as 3ª e 4ª séries (grupo A) e 29 entre a 5ª e 8ª séries (grupo B). Os resultados indicaram não haver diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito à capacidade de abstração. A análise da relação entre idade e capacidade de abstração indicou que os adultos mais jovens (até 39 anos) apresentaram mais respostas abstratas, decrescendo com o aumento da idade. Respostas concretas e irrelevantes ocorreram com mais frequência nos sujeitos com idade igual ou superior a 40 anos. No tocante à escolaridade, verificou-se que sujeitos com maior grau de escolaridade revelaram nível de abstração mais acentuado, porém o número de itens significastes não foi muito expressivo.

Em outro estudo com o Teste Brasileiro de Provérbios, LOMÔNACO et al. (1993) aplicaram o instrumento a um grupo de 53 crianças, alunos da 3ª série do 1º grau de uma escola pública, com idades variando de 9 a 13 anos (grupo I), e a um grupo de alunos de um curso de alfabetização, na faixa etária de 15 a 48 anos (grupo A). Os resultados indicaram que o grupo A apresentou uma média de respostas abstratas maior que o Grupo I. No tocante ao sexo, em ambos os grupos, o sexo feminino obteve uma média superior de respostas abstratas.

SOUZA e SILVA (1992), em sua dissertação de mestrado, analisou a validade do conceito do Teste Brasileiro de Provérbios (SILVA, 1989). E utilizou-o

para estudar a concretude de pensamento em pacientes esquizofrênicos.

O fim de estudar a validade de conceito, ou seja, determinar a estrutura conceitual do instrumento, aplicou o T.B.P. a uma amostra de 215 pessoas, oriundas de diferentes seguimentos sociais (comércio, escolas, médicos, enfermeiras). Os dados coletados foram submetidos a uma análise fatorial PC (Principal - Components Analysis), com rotação Varimax e os fatores resultantes analisados quanto à consistência interna através do Alpha de Cronbach.

Através da análise fatorial do instrumento foram identificados três fatores significativos: o fator 1, denominado raciocínio por contiguidade, o fator 2, raciocínio por similaridade e o fator 3, envolvendo os tipos de raciocínio (raciocínio misto). Um quarto fator foi desconsiderado por apresentar uma baixa carga fatorial e não possuir precisão.

Segundo o autor, a "interpretação dos fatores baseou-se na estruturas dos provérbios assim como eles se apresentaram ao sujeito interpretante", ou seja, "procurou-se determinar qual seria a operação mental de base que a estrutura específica do provérbio suscitaria no sujeito testado" (SOUZA e SILVA, 1992, p. 60).

O fator 1, raciocínio por contiguidade, segundo o autor, é o grande fator, unipolar, composto de 13 itens, arrolados em ordem decrescente de carga fatorial (16, 19, 17, 15, 11, 14, 8, 2, 5, 3, 20, 9 e 10) e teve a maior engevalue (= 8,79).

Segundo SOUZA e SILVA, tais provérbios possuem uma estrutura conceitual simples, dispostas em um mesmo domínio, caracterizadas pela relação de contiguidade, horizontal e direta, "do tipo causa e efeito, do instrumento ao fim, do continente ao conteúdo, da coisa ao seu lugar" (RICOEUR, 1983, apud SOUZA e SILVA, 1992). O autor, aplicando tal raciocínio aos 13 provérbios destacados acima, encontrou correspondências, sendo algumas delas apresentadas a seguir:

- | | |
|---------|---------------------------------------|
| item 16 | Ferro fere <...> ferro ferido (Será) |
| item 19 | um <...> dois
pássaro <...> voando |
| item 11 | água <...> pedra |

mole <...> dura

bate <...> fura

Estes provérbios possuem uma estrutura que impele a um raciocínio guiado pela lógica do deslocamento metonímico, no eixo sintagmático (SOUZA e SILVA, 1992, p. 61).

O fator 2, raciocínio por similaridade, também unipolar, é composto por 12 itens, tendo sido analisados pelo autor os quatro mais representativos, ou seja, possuíam maior carga fatorial e eram mais puros.

item 18 - A mentira tem pernas curtas

item 13 - Longe dos olhos, longe do coração

item 01 - A galinha do vizinho é sempre mais gorda

item 03 - Nem tudo que brilha é ouro.

Nos dois primeiros provérbios existe uma coexistência de dois domínios numa mesma estrutura, ou seja, há uma associação de um reino conceitual abstrato com um concreto:

mentira ↔ pernas curtas

distância ↔ olhos + coração

Segundo o autor, o terceiro provérbio também exige uma transposição de domínio, remetendo a uma "galinha" que não a do sujeito que o interpreta ou seja, "a galinha (que não é minha) é sempre mais gorda", envolvendo aqui uma operação de comparação.

No quarto provérbio, a conjunção "nem" remeterá a uma comparação por fora do imediatamente dado ao provérbio, dentro da classe das "coisas que brilham", mas que, por sua vez, "não são de ouro". (SOUZA e SILVA, 1992, p.62).

Tais provérbios exigirão um movimento mental de comparação com domínios outros que não os dados literalmente. Estas comparações que se estabelecem entre classes são próprias da metáfora, em que uma relação por similaridade une os dois domínios, demandando assim, um raciocínio por similaridade, peculiar ao fator 2.

O fator 3, misto também unipolar, é composto por 12 itens, sendo os mais representativos :

item 12 - De grão em grão, a galinha enche o papo.

item 06 - Uma andorinha só não faz verão.

item 05 - Não chore sobre o leite derramado.

Segundo o autor, neste itens, as frases são dadas descritivamente dentro de um mesmo domínio, porém, sem as características claras de correspondência encontradas no fator 1. A metáfora também não é tão direta, como no fator 2, mas implícita e demanda uma relação de similaridade por fora do domínio sugerido pelo provérbio.

SOUZA e SILVA observou que nenhum dos dois planos de interpretação identificados até então pode ser responsável pela apreensão dessas estruturas e que somente ambos, em conjunto, seriam capazes de promover esta operação. Assim, ao mesmo tempo em que se oferece horizontalmente um sentido literal no plano sintagmático, esta mesma estrutura também propicia uma identidade de relações em um nível puramente mental, no sentido de desvendar o sentido figurado desses provérbios. A atuação conjunta dos fatores 1 e 2, caracteriza a operação mental, denominada raciocínio misto.

Dado que grande parte dos itens apresentaram cargas fatoriais importantes em mais de um fator, hipotetizou-se a existência de um único grande fator. A fim de verificar tal hipótese, o autor realizou uma análise da consistência interna da totalidade dos itens, resultando em um alpha altamente significativa (0,93). Foi identificado, então, um fator geral denominado Capacidade de Abstração, constituído por 19 itens. O item de número 07 foi eliminado por apresentar baixa consistência interna ($rif = 0,31$) e carga fatorial baixa para os três fatores considerados. A eliminação deste item não trouxe prejuízo ao instrumento, que continuou com alta consistência interna e precisão igual a 0,93.

Após a validação de construto do TBP, SOUZA e SILVA (1992) estudou os fenômenos do "concretismo" e da "superinclusão", aplicando o instrumento a 64

pacientes esquizofrênicos oriundos de institutos de saúde mental, cujos resultados foram comparados com a amostra de sujeitos utilizados na validação de conceito do TBP.

Concretismo foi definido como a tendência de interpretar os provérbios literalmente, ou seja, utilizando palavras chaves dos provérbios em sua forma original e não decodificada, não as traduzindo em um significado mais geral.

Superinclusão foi definida como "a supressão falha de elementos marginais" (PIRO, apud SOUZA e SILVA, 1992), que ocorre alheia a um termo principal existente no pensamento. Assim, segundo SOUZA e SILVA (1992,p. 67), "ao assinalar a alternativa irrelevante do teste, a qual, como o nome indica, nada tem a ver com o tema veiculado pelo provérbio, o esquizofrênico estará sendo superinclusivo".

Os resultados de SOUZA e SILVA (1992) indicaram que os sujeitos esquizofrênicos emitiram mais respostas concretas e irrelevantes do que o grupo controle, e mais respostas concretas do que irrelevantes. Ou seja, os fenômenos do concretismo e da superinclusão estão presentes na esquizofrenia, porém, o concretismo possui uma participação maior do que a superinclusão na redução da capacidade de abstração.

CAPÍTULO III - JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

Segundo ANASTASI (1977, p. 27), a padronização de um instrumento implica em uniformidade de processo na aplicação e avaliação do teste, ou seja, as condições de aplicação devem ser iguais para todos os indivíduos avaliados. Para que isto ocorra, as instruções devem ser detalhadas, abrangendo os materiais empregados, os limites de tempo, as instruções aos sujeitos, as demonstrações preliminares e as formas de responder às perguntas dos sujeitos.

Assim, no processo de padronização, o teste deve ser aplicado a uma amostra grande e representativa do tipo de sujeitos para o qual foi planejado, a fim de estabelecer normas. Estas normas são estabelecidas a partir da comparação do resultado de um indivíduo com aqueles resultados obtidos por outros. E indicarão a realização "normal" ou média de distribuição dos sujeitos e os graus de desvios, acima ou abaixo da média.

Segundo ERTHAL (1987, p. 79), pode-se utilizar normas de idade "... cujo critério de transformação é a idade mental ou o quociente de inteligência do indivíduo" ou normas de escore padrão que "... constituem um conjunto de processos que consistem em comparar as notas brutas individuais com a média do grupo, sendo a média avaliada em unidades de desvio-padrão de distribuição".

As normas de escore padrão mais utilizadas são os percentis e as ordens percentilicas.

Os percentis são calculados a partir do escore bruto e "... são expressos em função da percentagem de pessoas que, na amostra de padronização, estão abaixo de determinado resultado bruto (ERTHAL, 1987, p. 89).

A ordem percentilica é definida como "... a percentagem - e não um dado bruto como o percentil - da área total do histograma que fica do lado esquerdo da vertical levantada em x ". (ERTHAL, 1987, P. 91). E representa a percentagem de indivíduos que apresentam resultados iguais ou abaixo a um dado resultado.

Tendo em vista que no trabalho de SILVA (1989), a amostra de sujeitos

foi não só pequena, mas geograficamente limitada, o presente estudo propõe-se a complementá-lo, realizando a padronização do Teste Brasileiro de Provérbios para a população de crianças e adolescentes de 8 a 15 anos residentes no Estado de São Paulo. Ou seja, estabelecer normas para a avaliação dos resultados obtidos por um indivíduo em comparação ao grupo.

Na tentativa de seguir, com rigor, tais preceitos, a autora aplicou o TBP a uma amostra de 1.075 crianças e adolescentes, oriundos das regiões de : Ribeirão Preto, Vale do Ribeira e Metropolitana de São Paulo. Procurou-se verificar se os provérbios constantes do instrumento têm o caráter universal de compreensão, nas diferentes regiões.

Para tanto, foi realizado inicialmente, um estudo piloto, na cidade de Ribeirão Preto, a fim de se verificar se existiam ou não diferenças significantes entre as escolas públicas e particulares. Foi realizada uma análise de variância para as escolas e séries deste grupo.

Posteriormente, fez-se a aplicação do TBP nas três regiões citadas anteriormente. Foi realizada uma análise de variância para as regiões e as séries escolares e suas respectivas faixas etárias.

E finalmente, normas foram estabelecidas através do cálculo das ordens percentílicas, descritas a seguir.

CAPÍTULO IV - MÉTODO

1. Sujeitos

1.1. Caracterização da região de Ribeirão Preto

Segundo o IBGE (1991, p.17) esta região destaca-se por "...sua dinâmica econômica e estrutura espacial, condicionadas pela alta capitalização do setor agrário e expansão da agroindústria, que torna a região um dos principais pólos agrícolas do país. Destacam-se na região, os setores sucroalcooleiro, de equipamentos pesados, de calçados e grande parte das indústrias processadoras de suco de laranja do estado. No que tange ao modelo de organização do espaço rural, a região apresenta altos níveis de tecnologia e mecanização - definidores do padrão de acumulação no campo -, sofisticados sistemas de irrigação e cuidados fitossanitários, que alcançaram elevados níveis de produtividade em diferentes e significativos produtos de exportação e matéria-prima industrial. A expansão do setor de bens de capital e insumos a montante da atividade agrícola, assim como os segmentos a sua jusante, representados pelo setor processador de matérias-primas e pela verticalização para a indústria química e de produtos alimentares, têm acarretado profundas alterações no espaço produtivo da região e em suas relações de produção, levando a um aumento do trabalho assalariado na agricultura e favorecendo a existência de um complexo agroindustrial moderno na região, que já incorpora normalmente a introdução de componentes como a informática e a biotecnologia, principalmente na agroindústria canavieira e cítrica".

1.1.1 Caracterização da cidade de Ribeirão Preto.

Segundo o IBGE (1991,p.18), "...nessa mesorregião, onde existe uma grande complexidade da dinâmica econômica e a agroindústria se destaca como principal geradora de renda, o município de Ribeirão Preto distingue-se pela expansão do setor secundário de serviços, comandando a vida de relações de toda a região...o elevado poder aquisitivo do mercado neste centro urbano, associado ao dinamismo em determinados seguimentos do terciário, como aqueles ligados a comercialização e às

atividades bancárias e financeiras, que inclui o escritório da Bolsa de Valores de São Paulo, com volumes de investimento consideráveis, torna Ribeirão Preto um dos centros submetropolitanos mais dinâmicos do interior paulista". Ribeirão Preto possui uma população de 436.122 habitantes, sendo 426.295 na área urbana e 9.827 na área rural (IBGE, 1991, p.21).

1.1.1.1 Caracterização da clientela escolar de Ribeirão Preto

1.1.1.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPG "Glete de Alcântara", "...a escola está localizada no Parque Ribeirão Preto, a rua Professor Wladimir Pinto Ferraz, 156, num bairro carente, tanto no aspecto econômico como no social e cultural. A integração escola e comunidade melhorou um pouco e só não é melhor porque sendo uma comunidade trabalhadora, pouco tempo sobra para as outras atividades... As famílias que moram no Parque Ribeirão Preto são de condição sócio-econômica-cultural bastante pobre e de nível social baixo. Em geral, pai mãe saem cedo para o trabalho, deixando a casa aos filhos menores e aos cuidados dos maiores. Essas crianças vivem, pois, completamente abandonadas, sem diálogo com os pais, se defendendo da vida e dos problemas como podem. Essa situação familiar acaba se refletindo na escola; assim, teremos crianças arredias, que não sabem se comunicar ou, em contrapartida, crianças violentas, agressivas. Muitos apresentam uma aparência desleixada porque são elas mesmas que cuidam de suas roupas, sua comida e não se pode esperar muito de crianças tão pequenas e sem orientação da mãe. Os pais, na maioria, são semi-analfabetos, trabalham como pedreiros ou no corte de cana, as mães são faxineiras. O interesse pelos estudos tem melhorado um pouco, pois os pais frisam sempre que querem para os filhos, melhor sorte que suas, e, na medida do possível, incentivam e até obrigam os filhos a frequentar a escola. Contamos também com o apoio do CECIPAM e da PROMERP, que a atrela o bom desempenho ao trabalho. Ainda existe a evasão escolar, mas em menores proporções. Procuramos seguir os passos do aluno e detectar o porquê de ausências prolongadas da escola."

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: empregada doméstica, pedreiro, vigilante, carpinteiro, mestre de obras, cozinheiro, vendedor, pintor, operário, funcionário público, técnico de laboratório, motorista, entregador, encanador, marceneiro, cortineiro, jardineiro, tapeceiro, cabeleireiro, mecânico e operador de máquinas.

1.1.1.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio-baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1995, da E.E.P.G. "Dona Sinhá Junqueira", "...A E.E.PG. "Dona Sinhá Junqueira" está localizada à Rua Conselheiro Dantas, 358, na Vila Tibério, próxima ao centro da cidade, tendo à sua frente a Praça Coração de Maria, reformada e bem iluminada, com bancas de jornais e revistas, ponto de táxi e telefone público, ao lado da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Convém destacar, a facilidade de transporte com ônibus urbano, nas ruas laterais à escola. O bairro contém ainda, estabelecimentos comerciais de pequeno e médio porte em diversos ramos de atividades, agência de correios e telégrafos, agências bancárias, pequenas indústrias, destacando-se de grande porte a Companhia Antártica Paulista. A maior parte do alunado pertence à famílias de classe média baixa, necessitando sempre da ação da Associação de Pais e Mestres, que a cada vez mais intensifica sua atuação no sentido de amparar financeiramente as atividades pedagógicas da Unidade Escolar. A disciplina é boa e a assiduidade às aulas também, assentuada com controle e informação imediata aos pais. Entretanto, as dificuldades são visíveis no setor familiar com a intensificação dos problemas de natureza social, que interferem na situação ensino-aprendizagem. Nesse sentido a Associação de Pais e Mestres assumiu a parte financeira do Serviço de Psicologia Especializada em Distúrbios de Aprendizagem, como um benefício aos alunos e orientação específicas aos pais. A frequência dos pais à Escola é bastante assentuada no dia-a-dia, especialmente nas reuniões previstas no calendário escolar, sobre aproveitamento e frequência bimestralmente, com registros próprios, Professores, Coordenadores de classes e atendimento específicos junto à Direção. Convém ressaltar ainda, a participação dos Pais no Conselho da Escola, na

A.P.M. e nos eventos promovidos pela Unidade Escolar. Quanto às atividades profissionais dos pais, podemos destacar, professores, profissionais liberais, representantes comerciais, vendedores, mecânicos, eletricitistas, pequenos comerciantes e industriais. Considerando o aspecto histórico da Unidade, elevado número de pais foram alunos ou tiveram pessoas da família que passaram pela escola como aluno ou em exercício profissional, mantendo-se assim vínculos fortes com professores e funcionários, indicando relações de respeitabilidade com a Instituição Escolar”.

As profissões dos pais destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: vendedor, comerciante, operário, gerente de empresa, policial militar, técnico em eletrônica, contador, dentista, administrador de empresa, soldador, pequeno empresário, carreteiro, tapeceiro, feirante, desenhista, relojoeiro, escrivão, cartorário, serralheiro, biólogo, artesão, eletricitista, eletricitário.

1.1.1.1.3 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio.

O Plano Escolar de 1995, da EEPG “Prof. Cid de Oliveira” relata que “...segundo dados colhidos, verificou-se que a grande maioria da clientela do período diurno aspira à Universidade, o que não se verifica em relação ao noturno, 1º e 2º graus. Uma grande parcela se ressentiu de frequentar escola pública, gerando conflitos. A escola está inserida em um bairro de classe média, que exige da escola pública condições de excelência em todos os aspectos. Apesar das dificuldades decorrentes de vários fatores sociais, a escola tem o objetivo primordial valorizar a cultura, o conhecimento e crescimento interior do educando. Como forma de atuar para minimizar o problema, a escola dá destaque à valorização social, ao conteúdo, fazendo com que a comunidade perceba a importância do papel social da escola, usando dos recursos humanos e materiais de forma efetiva e produtiva”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: profissionais liberais, comerciantes, bancários, vendedores, professores, mecânico, pequenos empresários, administradores de empresas, cartorário, pedreiro, motorista, eletricitista, enfermeiro.

1.1.1.1.4. Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio alto.

Segundo o Perfil Sócio-Demográfico de 1995, do Colégio Marista, "...oitenta e três por cento dos alunos pertencem ao nível sócio-econômico A e dezessete por cento ao nível sócio-econômico B e C, e em sua maioria, residem nos bairros Higienópolis e Alto da Boa Vista. Setenta e Um por cento possuem imóveis próprios. Setenta e oito por cento dos pais possuem curso superior completo e trinta e dois por cento são profissionais liberais. Sessenta e quatro por cento das mães possuem curso superior completo, sendo quarenta por cento profissionais liberais e vinte e quatro por cento são donas de casa". As profissões dos pais, destacadas da amostras de sujeitos, em ordem decrescente de frequência são comerciantes, profissionais liberais, empresários, engenheiros, administradores de empresas, construtores, professores, vendedores autônomos, bancários, diretores de escola, delegado de polícia, securitários, enfermeiros-padrão, jornalistas, publicitários. Os grupos das quatro escolas distribuíram-se da forma mostrada na Tabela 1.

Tabela 1 - Número de sujeitos(N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Ribeirão Preto

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
		N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	
Baixa (Escola 3)		23	9a 2m	7m	27	11a 8m	5m	25	14a 11m	9m	75
Média-baixa (Escola 2)		24	8a 4m	4m	26	11a 11m	8m	25	14a 4m	4m	75
Média (Escola 1)		25	8a 6m	4m	25	11a 6m	6m	25	14a 6m	4m	75
Média-alta (Escola 4)		25	8a 7m	4m	25	11a 8m	4m	25	14a 7m	4m	75
Total de sujeitos		097			103			100			300

Foram eliminados 22 sujeitos atípicos, por estarem fora da faixa, ou por

apresentarem protocolos incompletos ou com mais de uma resposta. Foram eliminados, também, 116 sujeitos, por sorteio, com o objetivo de tornar o número de sujeitos proporcional ao tamanho da população. Desta forma, a amostra foi reduzida a 300 crianças e adolescentes.

1.1.2 Caracterização da cidade de Santo Antônio da Alegria.

A cidade de Santo Antônio da Alegria possui uma população de 5.065 habitantes, 2.916 na área urbana e 2.149 na área rural (IBGE, 1991, p.123).

Sua população é composta, em sua grande maioria, por pequenos agricultores e trabalhadores rurais, ou bóia-frias. Possui saneamento básico, uma única escola, posto de saúde e hospital. A economia do município baseia-se nas plantações de café, criações de gado e, atualmente, arrendamentos de terras para usinas de cana de açúcar. O município encontra-se próximo à divisa com o estado de Minas Gerais, a aproximadamente 100 quilômetros de Ribeirão Preto.

1.1.2.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1994, da EEPSPG "Macário de Almeida Cardoso"; "... a grande maioria que exerce atividade além da escola, dedica-se à agropecuária ou ao serviço doméstico. Os alunos provêm de famílias de baixo nível sócio-econômico-cultural (grande parte dos pais não tem completa as quatro séries de escolaridade). Além do rádio e televisão, a maioria dos alunos tem acesso apenas a jornais e revistas oferecidas pelo CIC. Em suas conversas, os assuntos mais freqüentes são a escola e a família. A população escolar está mais ou menos dividida quanto à moradia, entre zona rural e zona urbana. Todos esses dados afetam a presença regular às aulas, as taxas de evasão e conseqüentemente, a aprendizagem...".

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos em ordem decrescente de freqüência, são : trabalhador rural, caminhoneiro, pequeno agricultor, pedreiro, faxineiro, comerciante, motorista, garimpeiro, carregador, servente, operário,

vendedor, fiscal de praça.

A amostra de Santo Antônio da Alegria distribui-se da forma mostrada na Tabela 2.

Tabela 2 - Número de sujeitos(N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Santo Antônio da Alegria

Classe Social	Séire Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses	11a	12a 11 meses	14a	15a 11 meses				
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ		
Baixa (Escola 5)		15	8a 6m	5m	15	11a 11m	4m	15	14a 6m	5m	45
Total de sujeitos		15			15			15			45

Foram eliminados 15 sujeitos atípicos e 5 sujeitos por sorteio para tornar a amostra proporcional ao tamanho da população.

1.1.3 Caracterização da cidade de Porto Ferreira

A cidade de Porto Ferreira possui uma população de aproximadamente 50.000 habitantes, 42.000 na área urbana e 8.000 na área rural, segundo informações do setor de Fiscalização e Cadastro da Prefeitura Municipal de Porto Ferreira.

A economia do município baseia-se no grande número de pequenas cerâmicas, algumas grandes cerâmicas, fábricas de móveis e uma grande fábrica de vidros, que garantem o trabalho da população urbana. Na agricultura, predominam as plantações de algodão e laranja.

A grande maioria da população pertence às classes média e média baixa, visto que os maiores detentores de capital do município, residem em São Paulo, ou outras cidades.

1.1.3.1 Caracterização da clientela escolar de Porto Ferreira.

1.1.3.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo.

Segundo informações do Diretor da escola a clientela é constituída por uma população de baixo poder aquisitivo, oriunda da zona rural e da periferia.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: trabalhador rural, operário, pedreiro, caminhoneiro, pintor, motorista, comerciante, eletricitista, funcionário público, servente, cobrador, vigilante, vendedor.

1.1.3.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio.

Segundo o Plano Escolar de 1995, "a clientela é heterogênea, considerando-se tanto o aspecto cultura quanto os econômico-sociais. O período diurno recebe alunos cujos pais são: médicos, industriais, pedreiros, comerciantes, funcionários públicos, etc. O período noturno recebe alunos trabalhadores de diversos ramos de atividades da cidade. No que se refere ao lastro cultural, percebe-se uma concentração de alunos mais favoráveis do período diurno". Cinquenta e três por cento possuem casa própria, 19,16 por cento residem em COHAB, 17,19 por cento moram em casas de aluguel e 9,73 por cento moram em casas cedidas. Dezoito ponto oitenta por cento recebem de um a dois salários mínimos, 25,23 por cento recebe de um a quatro salários mínimos, 25,01 por cento recebem de cinco a sete salários mínimos, 17,77 por cento recebem de oito a dez salários mínimos 13,16 por cento recebem mais de dez salários mínimos. Oitenta e oito ponto trinta e seis por cento dos alunos possuem algum tipo de lazer".

As profissões dos pais, destacada da amostra de sujeitos, em ordem decrescente, são: comerciantes, professores, ceramistas, vendedores, oficial de justiça, torneiro mecânico, médicos, escriturários, veterinário, tapeceiro, empresário, gráfico, policial militar, construtor, marceneiro, chefe de seção, farmacêutico, eletricitista,

vigilante.

A amostra de Porto Ferreira distribui-se da forma mostrada na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Porto Ferreira.

Série Escolar Idades	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
Classe Social	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	
Baixa (Escola 6)	18	8a 6m	7m	18	11a 7m	5m	19	14a 8m	5m	55
Média (Escola 7)	19	8a 3m	2m	18	11a 2m	2m	18	14a 6m	4m	55
Total de sujeitos	37			36			37			110

Foram eliminados 48 sujeitos atípicos e 41 sujeitos por sorteio

1.2. Caracterização da Região do litoral sul paulista (Vale do Ribeira).

Segundo o IBGE (1991, p. 28) esta é "...a região mais pobre do Estado de São Paulo, cuja economia não se relaciona a qualquer dos ciclos econômicos ocorridos, à exceção da breve atividade mineradora de ouro, responsável pela ocupação inicial da área. A área apresenta um quadro de pobreza marcado por doenças típicas do subdesenvolvimento econômico e pelo conflito de terras, apontado como principal obstáculo ao desenvolvimento de região. As condições ecológicas desfavoráveis, como relevo muito movimentado, insalubridade e solos arenosos, resultam numa economia baseada principalmente na atividade agrícola, cujo rendimento apresenta pouco significado na economia paulista. Atualmente, a atividade industrial da região é representada pelo setor químico, produzindo ácido fosfórico cuja matéria-prima, a apatita, é um dos minérios disponíveis na mesorregião...Nos baixo terraços aluviais cultiva-se principalmente a banana, responsável por 60 por cento da economia

regional.... A cultura do chá, introduzida por japoneses na região, tornou-se um dos seus traços característicos, sendo responsável por 15 por cento da economia da área. Produtores locais tentam diversificar suas culturas com arroz, verduras, maracujá e plantas ornamentais e mais recentemente, com seringueiras...A atividade pecuária, com pouco significado, responde por apenas 5 por cento da produção regional - voltada para o rebanho bubalino cujos criadores procuram o mercado externo como a alternativa para comercializar os derivados de búfalo. A mesorregião apresenta baixa densidade demográfica em relação a média estadual (24,72 hab./Km²) e seu contingente populacional (325.153 hab.) tem pouca expressão no conjunto do Estado. A população urbana distribui-se em núcleo pequenos e esparsos, situados, em grande parte, no interior. A população rural de modo disperso, apresenta relativo adensamento nas margens do Ribeira do Iguape e ao longo da ferrovia que liga Registro a Santos, passando por Juquiá. Além da Ferrovia, a mesorregião é cortada pela BR-116, no trecho São Paulo- Curitiba... A indústria pesqueira apresenta-se consolidada na mesorregião, havendo companhias de pesca em Iguape com indústria de conservação de manjuba... No "Vale do Ribeira" é significativa a área ocupada por parques, estações ecológicas e zonas de preservação da vida silvestre, embora sejam freqüentes os desmatamentos em função da especulação imobiliária, como também a presença de serrarias clandestinas. Encontra-se nessa mesorregião a estação ecológica da Juréia- com 820 Km², abrangendo os municípios do Iguape, Miracatu, Peruibe e Itarari-, guardando uma vasta porção da Mata Atlântica, praias limpas e despoluídas, além de uma fauna com espécies já extintas em outras regiões do país, como o papagaio Chauá e o Macuco".

1.2.1 Caracterização da cidade de Barra do Turvo

Esta cidade encontra-se na divisa com o Estado do Paraná, a 32 Km da BR-116, vale a dentro. Possui uma população de 7.090 habitantes, 1.980 na área urbana e 5.110 na área rural. Não possui saneamento básico e o asfalto restringe-se a uma pequena área do centro da cidade. A economia do município baseia-se na agricultura de subsistência: o cultivo da banana, a extração do palmito e de madeiras

são os mais expressivos.

1.2.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1.995 da E.E.P.S.G. "Prof. Luiz D. G. Araújo", "A Unidade de Ensino, na parte da manhã, atende alunos de 5ª a 8ª séries, provenientes do rural em maior número (58%), pois o transporte escolar realiza-se somente nesse período, e do setor urbano, em menor número devido à falta de vagas. O município de Barra do Turvo, no qual essa clientela escolar está inserida, necessita de melhores condições de infra-estrutura básica. Os habitantes e os moradores novos que nele se fixam são pessoas, em sua maioria carentes sob o ponto de vista bio-psico-sócio-econômico e cultural, pouco acrescentando de bom ao "modus vivendus" (SIC) local. O baixo poder aquisitivo da população resulta em limitadas condições básicas de vida: Saúde, alimentação, moradia, trabalho, lazer e cultura, o que interfere negativamente na escolarização do educando, os valores, normas e costumes transmitidos pela família ou grupo de origem, deixam a desejar sob o enfoque formativo/cultural/educacional. Os momentos de integração social ocorrem de forma variada no decorrer do ano: festividades religiosas, mutirões, campeonatos de futebol, realizados na maioria dos bairros, e na cidade, em datas comemorativas: religiosas, cívicas e esportivas. Boa parte dos alunos (38%) conhecem somente o município, tornando-se a escola, o veículo comum de integração social e cultural. No geral, as formas de comunicação são mescladas com gírias e/ou dialetos bastante arraigados, acarretando lentidão na aprendizagem da norma culta da língua. Dos alunos matriculados na 5ª série, oriundos do rural, 70% provém de classes multisetoriais funcionando precariamente, no que diz respeito ao espaço físico adequado, carteiras em número insuficiente, iluminação, água, sanitários, o que tem limitado a atuação docente no rural. Diante disso, necessitam de um acompanhamento adequado ao nível de aprendizagem que apresentam, ritmo de desempenho, conceitos que dominam, etc. Na parte da tarde atende alunos do CB a 4ª série, com idades entre 6 e 16 anos, moradores aos arredores da U.E. Desses alunos, 25% é produto de lares desfeitos,

passando a ser criados por terceiros que muitas vezes não lhes dão o acompanhamento afetivo-formativo necessário, gerando problemas de ordem comportamental, psicológica e de pré-requisitos básicos, essenciais ao desenvolvimento do processo educacional. Aproximadamente, 80% dos alunos do período diurno são interessados, ativos, anseiam por aprender, postura essa que determina constante mudança nos procedimentos metodológicos e pedagógicos. Portanto, mais ou menos 68% da clientela escolar, realiza trabalho agrícola de subsistência, comércio ou doméstico, pois necessita auxiliar a parca renda familiar. A partir de 1.993 tal situação passou a ser considerada como um fator que pudesse favorecer a evasão e retenção; diante disso, desenvolveu-se(SIC) ações de apoio que estimulassem a permanência do aluno na escola”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: comerciantes, trabalhador rural, bancário, agricultor, pedreiro, açougueiro, eletricista, encanador, relojoeiro, vigilante, lixeiro, professor, vice-prefeito, costureira, cozinheira, balconista, enfermeira.

A amostra de Barra do Turvo distribui-se da forma mostrada na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Barra do Turvo.

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses	11a	12a 11 meses	14a	15a 11 meses				
		N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	
Média (Escola 8)		10	8a 7m	5m	10	12 anos	7m	10	14a 9m	8m	30
Total de sujeitos		10			10			10			30

Foram eliminados 33 sujeitos atípicos e 10 sujeitos por sorteio.

1.2.2 Caracterização da cidade de Registro

A cidade de Registro possui 48.943 habitantes, 31.961 em área urbanizada, 5.883 em área não-urbanizada, 10.225 em área rural e 855 em povoado (IBGE, 1.991, p. 121). Segundo dados da Prefeitura Municipal de Registro, esta cidade é considerada a capital do vale do Ribeira. "Possui 3.950 empresas englobando os setores comercial, industrial e de serviços. É um dos maiores produtores brasileiros de plantas ornamentais". (Prefeitura Municipal de Registro, 1995, p.14). Estão presentes ainda, a fabricação de artefatos de junco e o tatami. Essa região "...concentra os maiores produtores de banana e de chá preto da espécie assâmica, do País". (IBGE, 1991,p. 29). E faz parte do distrito plumbífero da região.

1.2.2.1 Caracterização da clientela escolar de Registro

1.2.2.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo

Segundo o Plano Escolar de 1995 da E.E.P.G "Alay José Corrêa", a escola está "... localizada em um bairro de periferia, situada às margens do Ribeira do Iguape. A clientela desta U.E. é, na sua maioria oriunda da Vila Alay José Corrêa. Os demais pertencem a um Bairro periférico Jardim Valeri, ainda contamos com alunos dos bairros: Ribeirão de Registro, Boa Vista, Takara, com distância de até 8 Kms. A comunidade da Vila Alay José Corrêa conta exclusivamente com a única instituição pública- a escola de 1º Grau. O número de alunos é bastante variável, devido à população flutuante que muda muito, ora para fugir das enchentes que vez ou outro ocorrem, ora em busca de melhores condições de trabalho. As ruas sem calçamento fazem com que certos pais procurem escolas melhor localizadas para seus filhos. A renda familiar é baixíssima. A maioria recebe de 1 a 2 salários mínimos e pouquíssimos são os casos que chegam a 3 salários mínimos mensais. A maioria quase que absoluta é constituída por trabalhadores assalariados, predominantemente no setor de serviços; poucos são autônomos, poucos pequenos proprietários, alguns pescadores e outros desempregados. Na maioria, as mães trabalham fora de casa, unindo-se a filhos menores, para complementar o orçamento familiar. Os ofícios são: empregadas

domésticas, engraxates, balconistas, jornaleiros, guardas-mirins, pecuária e lavoura. Grande parte possui casa própria, no entanto, em condições precárias de higiene. essas casas são, em tempo de enchentes, invadidas pelas águas”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência são: trabalhador rural, empregada doméstica, pedreiro, carregador, pequeno agricultor, pintor, vigia, pescador, cozinheira, verdureira, pagem, motorista, salgadoiro, eletricitista, mecânico, enfermeira.

1.2.2.1.2. Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1995 “A situação dos moradores da Vila Tupi, Jardim São Nicolau e São Conrado é bem mais avantajada nesse sentido. ai encontram-se funcionários públicos graduados, médicos, advogados e até pequenos proprietários. Já na Vila São Francisco, a situação é bem mais inferior. Crianças com sérios problemas de saúde e familiar. Essa é a grande maioria de nossa clientela”.

As profissões dos pais, destacados da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência são: pequeno comerciante, pedreiro, vendedora, empregada doméstica, escriturária, caminhoneiro, funcionário público, soldador, contadora, profissional liberal, diretora de escola.

1.2.2.1.3. Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio.

Segundo o Plano Escolar da EEPG “ Fábio Barreto”, a clientela escolar é assim considerada: Nossa clientela é o espelho da Sociedade Registrense, 80 por cento da população possui padrão de vida médio. Temos duas realidades distintas: alunos do diurno com a faixa etária que não ultrapassa os 21 anos, e sendo que apenas 0,5 por cento trabalha meio período. O período noturno é constituído por alunos cuja faixa etária oscila entre 15 e 40 anos, na sua maioria, trabalhadores. É responsabilidade da escola, oferecer a esta clientela um ensino de qualidade que atenda às suas aspirações e

necessidades". As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência são: comerciante, professor, vendedor, gerente de empresa, bancário, diretor de empresa, fiscal de rendas, exportador, profissional liberal, construtor, aviador, agricultor.

A amostra de Registro distribui-se da maneira apresentada na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Registro.

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ		
Baixa (Escola 9)		10	8a 5m	5m	10	12a 3m	7m	10	13a 8m	7m	30*
Média-baixa (Escola 10)		10	8a 2m	2m	10	11a 10m	5m	10	15a 2m	8m	30
Média (Escola 11)		10	8a 4m	3m	10	12a 5m	5m	10	14a 3m	2m	30
Total de sujeitos		30			30			30			90

*A amostra da escola de classe baixa de Registro foi retirada de uma 7ª. série, pois não possuía 8ª. série. Para efeito de análise estatística, foi agrupada às 8ªs. séries, dado que não havia diferença entre elas.

Foram eliminados 27 sujeitos atípicos e 66 sujeitos por sorteio.

1.3 Caracterização da região metropolitana de São Paulo

Segundo o IBGE (1991,p.123), "Esta região traduz uma organização espacial plena de contradições. A característica de aglutinar o desenvolvimento das forças produtivas a significativas crises na relação capital / trabalho está no cerne das contradições da Região Metropolitana de São Paulo, dois dias atuais... Se por um lado a mesorregião congrega, em seu interior, um intrincado conjunto de atividades econômicas tecnologicamente modernas, por outro, concentra múltiplos problemas sociais relativos à violência, habitação, saúde, educação, transportes, equipamentos urbanos, além da crescente demanda por melhores salários e condições de trabalho. No

espaço correspondente à microrregião de São Paulo, os contrastes são marcantes, desde a ocupação consolidada de forma estratificada e funcional de Santo André até as formas de autoconstrução e favelização que predominam nos bairros do Ipiranga e Itaquera, atingindo os municípios de Diadema, Mauá e Rio Grande da Serra, no ABCD... Os assentamentos urbanos tipo loteamento e autoconstrução encontram-se totalmente desprovidos de serviços de infra-estrutura, ao passo que as áreas mais aprazíveis e próximas dos locais de trabalho, tanto em São Paulo, como no ABCD, tornam-se proibitivas à população de baixa renda. Multiplicam-se por sua vez, nos espaços ainda vazios e com valorização crescente, as áreas residenciais destinadas aos bairros jardins, loteamentos fechados e de lazer”.

1.3.1. Caracterização da cidade de Caieiras

A cidade de Caieiras possui uma população de 39.029 habitantes, 37.731 na área urbana e 1.298 na área rural (IBGE, 1991, p.108). Encontra-se a 28 Kms de São Paulo, mantendo estreita relação com esta última, pois muitos de seus moradores trabalham em São Paulo. Possui razoável centro comercial, muitas escolas públicas e particulares.

1.3.1.1 Caracterização da clientela escolar de Caieiras.

1.3.1.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPG “Olindo Dártora”, a clientela escolar está assim caracterizada: “Nossa unidade escolar está situada na Vila Rosina. Esta localiza-se na parte periférica da cidade de Caieiras. O acesso à escola se dá através de ônibus pela antiga estrada velha de Campinas, hoje denominada Rod. Tancredo A. Neves. A comunidade é composta em sua maioria, por trabalhadores, pais que saem normalmente muito cedo de suas casas para manter o sustento da família e deixam os filhos aos cuidados dos irmãos mais velhos ou em creches mantidas pela prefeitura municipal de Caieiras. Conseqüentemente, é atribuído a escola um papel

assistencial que não cabe a ela”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente, são: pedreiro, empregada doméstica, pintor, borracheiro, frentista, operário, gari, marceneiro, costureira, porteiro, eletricitista, serralheiro, caseiro, secretária, soldador, vigia, mecânico, motorista.

1.3.1.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPG “Walter Weisflog”, “A escola recebe o aluno bastante heterogêneo oriundo de outras comunidades e até de outros municípios, havendo predominância do educando de classe média baixa, número significativo de pais separados. Alguns alunos exercem atividades extracurriculares variadas: aulas de natação e dança no CEM e escolas particulares, aprendem música e participam da fanfarra, jogam futebol, basquete, vôlei em conjunto com colegas. Participam de costumes transmitidos pela família e pela comunidade religiosa a que pertencem (dividem-se em católicos e protestantes). Alguns alunos prestam serviços a empresas por meio período e pertencem à guarda Mirim municipal. A distância da residência e mudanças frequentes de casa e trabalho pelos pais são situações que afetam a aprendizagem, através de transferências durante o ano letivo. Outro fator, que interfere na aprendizagem do educando é a falta de participação dos pais, durante o ano letivo. Ex.: reunião de Pais e APM, atividades desenvolvidas pela APM, etc. Embora a escola apresente estes problemas a nível social, a porcentagem de evasão e retenção não é significativa”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de freqüência são: comerciante, gerente de empresa, professor, vendedor, profissional liberal, metalúrgico, farmacêutico, projetista, empreiteiro, oficial de justiça, funcionário público, mecânico, motorista.

A amostra de sujeitos distribui-se da maneira apresentada na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Caieiras.

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ		
Baixa (Escola 12)	15	8a 5m	5m	15	11a 8m	8m	15	14a 8m	6m	45	
Média (Escola 13)	15	8a 5m	4m	15	11a 6m	3m	15	14a 10m	6m	45	
Total de sujeitos	30			30			30			90	

Foram eliminados 19 sujeitos atípicos e 68 sujeitos por sorteio.

1.3.2 Caracterização da Cidade de Mogi das Cruzes

A cidade de Mogi das Cruzes possui uma população de 273.255 habitantes, 246.948 na área urbana e 26.307 na área rural. Sua atividade econômica é constituída por indústrias e pela agricultura, distinguindo-se nesta última, o plantio de cogumelos. Possui um bom centro comercial e uma grande universidade particular.

1.3.2.1 Caracterização da clientela escolar de Mogi das Cruzes

1.3.2.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPG " Ver. Narciso Yague Guimarães", a clientela escolar é assim caracterizada. "Nossa unidade escolar atende prioritariamente a 3 bairros : Vila Natal, Jardim Nova União e Conjunto Residencial Nova Cocuera. São três bairros de população operária, famílias numerosas e carentes, com nível de baixa instrução, sendo que há um número muito grande de analfabetos. De um modo geral, o chefe da família trabalha em emprego mal remunerado. Muitos trabalham como operários nas indústrias do Município e da Capital. Mas a maioria trabalha de pedreiro, pintor e servente de pedreiro. As mães são faxineiras ou

domésticas em casas de família. O bairro de Vila Natal é de formação mais antiga, apresentando situação de moradias mais regular, enquanto que o bairro Jardim Nova União apresenta uma história de posseiros que ocupam a terra e constroem suas moradias, muitas, há mais de vinte anos. Os posseiros têm tido, nesse processo de luta pela regulamentação, o acompanhamento de um advogado que defende as causas junto ao Fórum Municipal. O conjunto residencial Novo Cocuera foi ocupado no início de 93, não apresentando características muito bem definidas. Os bairros Vila Natal e Jardim Nova União tem crescido bastante, apresentando um número considerável de habitações novas, o que contribui para o aumento populacional da escola. Esses bairros contam somente com instituições destinadas ao culto religioso como as igrejas católica, protestante e evangélicas. Os três bairros possuem associações de moradores que procuram, mesmo que com precariedade, encaminhar as necessidades e reivindicações da população. Em termos de lazer, não existe opção para os habitantes dos bairros, que não possuem praças de esportes, nem parques. A TV e o rádio, festas familiares e as realizadas na escola, bailes de família e as peladas de futebol nos campinhos, aos sábados e domingos, constituem as atividades de lazer dos habitantes dos bairros. A renda familiar concentra-se na faixa de 1 a 3 salários mínimos e satisfaz precariamente as necessidades básicas da família. Os pais saem cedo de casa para o trabalho, voltando tarde da noite. Em geral, os filhos mais velhos ficam em casa tomando conta dos irmãos menores. A disponibilidade dos pais para ajudar a escola financeiramente ou em trabalho físico, é nula". Segundo informações da diretora, o pessoal docente, na sua maioria, é antigo na escola, o que facilita a continuidade do trabalho pedagógico desenvolvido pela escola. Há uma boa integração da escola com a comunidade e com a universidade, com a qual mantêm convênio para exames laboratoriais (fezes) das crianças. Na medida do possível, os pais estão presentes nas reuniões do calendário letivo, marcadas antes do início das aulas matutinas.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: empregada doméstica, pedreiro, operário, caminhoneiro, pintor, servente, encanador, almoxarife, policial, cobrador de ônibus, vigilante, maquinista, carpinteiro, eletricista, soldador, costureira, gari, cozinheira, enfermeira, vendedor artesão, pequeno comerciante, motorista.

1.3.2.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio-baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPSG "Leonor de Oliveira Mello", a escola "...Acha-se localizada no bairro Mogilar, na rua Joaquina Maria de Jesus, 641, Mogi das Cruzes, S.P. Trata-se de um bairro privilegiado, próximo ao centro da cidade, onde prevalece o setor terciário, uma vez que possui diversas casas comerciais. No aspecto social, o bairro conta com a presença de igrejas, clubes escolas de 1º e 2º graus, universidades e ginásio de esportes. Embora a clientela escolar seja, na sua maioria, proveniente do próprio bairro, a escola também atende oriundos de bairros distantes, principalmente no período noturno, que mantém os cursos regular e supletivo. A clientela escolar é composta por alunos na faixa etária de sete até mais ou menos 50 anos, distribuídos entre os cursos de 1º e 2º graus regular e supletivo, em nível de 1º grau. Os alunos que estudam no período diurno (manhã e tarde) não exercem atividades remuneradas, cujos pais são, na sua maioria, profissionais liberais ou exercem cargos em empresas privadas. Quanto aos alunos do período noturno, na quase totalidade, são alunos trabalhadores".

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: pedreiro, vendedor, funcionário público, comerciante, profissional liberal, professor, empregada doméstica, costureira, manicure, pequeno agricultor, microempresário, contador, auxiliar de escritório, metalúrgico, mecânico, oficial de escola, manicure, técnico em computação, carpinteiro.

1.3.2.1.3 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPSG "Prof. Camilo Faustino de Mello", o curso de 1º grau, diurno, está assim caracterizado: "Os alunos da 1ª a 4ª série pertencem à faixa etária dos 6 aos 14 anos, havendo incidência acentuada dos 8 aos 12 anos. Alunos de 5ª a 8ª séries incluem-se na faixa etária que vai dos 10 aos 20 anos; a idade média varia de 12 a 14 anos. A maioria dos alunos considera a escola como o lugar onde busca os conhecimentos que lhe garantirão bons empregos. Além disso, a consideram como um lugar de lazer. As famílias não são numerosas, constituídas

geralmente de 1 a 5 filhos e professam a religião católica. Sessenta por cento das famílias possuem casa própria, 30 por cento moram em casas alugadas e 10 por cento em casas cedidas. Alunos das séries iniciais pertencem à famílias de renda mais baixa e moram em casas com menor número de cômodos. Noventa por cento das famílias possuem TV, mas apenas dez por cento assinam algum tipo de jornal ou revista. Quanto ao nível de escolaridade temos vinte e oito por cento dos pais sem completar o primeiro grau, e vinte por cento que tem o primeiro grau completo. Vinte por cento tem o segundo grau e vinte e sete por cento tem o terceiro grau, e apenas cinco por cento são analfabetos.

Sessenta e cinco por cento recebem de 1 a 5 salários mínimos, treze por cento de 6 a 9 salários mínimos e vinte e dois por cento possuem renda superior a dez salários mínimos. Tais dados nos remetem a uma clientela heterogênea, proveniente de meio sócio-econômico diversificado, o que implica também em valores e aspirações diversas”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: comerciante, professor, vendedor, empresário, agricultor, projetista, chefe de seção, corretor, contador, esteticista, almoxarife, metalúrgico, costureira, policial, manicure. A amostra de Mogi das Cruzes distribuiu-se da maneira apresentada na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 - Número de sujeitos(N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Mogi das Cruzes.

Série Escolar Idades Classe Social	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	
Baixa (Escola 14)	14	8a 5m	4m	18	12a 7m	7m	18	14a 10m	8m	50
Média-baixa (Escola 15)	18	8a 9m	7m	18	11a 8m	6m	17	14a 8m	5m	53
Média (Escola 16)	17	8a 5m	5m	17	12a 1m	6m	18	14a 10m	84m	52
Total de sujeitos	49			53			53			155

Foram eliminados 23 sujeitos atípicos e 57 sujeitos por sorteio.

1.3.3 Caracterização da cidade de São Paulo

A cidade de São Paulo possui uma população de 9.626.894 habitantes, 9.393.753 na área urbana e 233.141 na área rural.

Caracteriza-se por ser um grande polo industrial e o principal centro financeiro do país. Grande concentração de riquezas e a continua migração não planejada de pessoas de outros centros em busca de melhores condições de vida, promovem o crescimento da pobreza, da violência e da falta de habitação. Seus antagonismos estão presentes de forma maciça e delineada, no crescente número de favelas que se misturam aos centros financeiros e culturais de São Paulo. São Paulo é um dos grandes centros culturais e tecnológicos do país, berço das principais universidades e institutos de pesquisa e de saúde. A mesma cidade que produz riqueza, conhecimento e cultura, produz também violência, miséria e pobreza. Contrapontos difíceis de serem equacionados.

1.3.3.1 Caracterização da clientela escolar de São Paulo

1.3.3.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPG "Clóvis Rene Calabrez", a clientela escolar é assim caracterizada: " Devido à ausência dos pais por necessidade de trabalho, nota-se que as crianças apresentam uma carência afetiva muito grande, dando margem para uma deficiência na aprendizagem, onde os mesmos procuram suprir carência dentro da própria unidade escolar, na procura de seu espaço. O nível sócio-econômico da clientela é baixo, fazendo-se necessário o esclarecimento que facilite a aculturação. Em sua maioria, as crianças sofrem influência negativas de seus pais, sobretudo convivendo em lares desajustados, com situação financeira precária e com os que trabalham fora o dia todo. Por possuírem nível sócio-econômico baixo, a maioria dos alunos larga a escola para ir ao trabalho - a partir da 4ª série". Segundo informação da escola, estes alunos trabalham em supermercados, ou nas feiras. Os pais não participam do aprendizado da criança, dificultando assim, o trabalho da escola, que

fica isolada dos pais. Estes só vão à escola para saber de seus filhos, no final do ano. Outra informação importante é a de que a escola não tem sido atrativo para os alunos de 5ª a 8ª séries, que buscam outros atrativos fora da escola.

Junta-se a isso, a falta de preparação dos professores, especialmente aqueles mais novos na escola, que nem sempre conseguem captar a realidade das crianças e adolescentes e, então, promover o seu aprendizado.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: empregada doméstica, operário, pedreiro, vigilante, carregador, motorista, vendedor ambulante, costureira, caminhoneiro, segurança, entregador, eletricitista, chaveiro, pequeno comerciante, vendedora, serralheiro, cozinheiro, cambista, marceneiro, carpinteiro.

1.3.3.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo

Segundo o Plano Escolar de 1995 da E.E.P.G. "Rodrigues Alves", "a comunidade escolar de 1º Grau é formada na sua maioria por filhos de zeladores, domésticas, faxineiras, pequenos comerciantes e autônomos de prestação de serviço, eletricitistas, encanadores, etc. Devido à privilegiada localização da escola, pela grande facilidade de transporte, é grande o número de alunos que residindo em outros bairros, aqui estudam. Para a matrícula dos iniciantes de 1º Grau, desde 1994 somente casos excepcionais são aceitos entre aqueles que não residem no setor. Todos os alunos matriculados no CBI foram entrevistados pela Orientadora Educacional, quando da matrícula, em 1994 e pela coordenador de CB à 4ª série, em 1995, para uma triagem quanto aos conhecimentos e orientação à família foi dada quanto ao funcionamento da escola. Em 1992, houve uma grande demanda de alunos de escolas particulares para as Escolas Estaduais. Esta UE recebeu uma parcela dessa demanda que diminuiu de 1993 à 1995. Estes novos alunos, tem na sua maioria características opostas às da população escolar aqui existente, tendo uma vivência sócio-econômica de classe média. Portanto, o perfil da clientela escolar é muito heterogêneo". As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são:

zelador, vendedor, empregada doméstica, comerciante, bancário, técnico em eletrônica, secretária, professora, técnico em computação, telefonista, policial, enfermeira, gerente de empresa, escriturário, pedreiro, cabeleireira, almoxarife, taxista, marceneiro, porteiro.

1.3.3.1.3 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio

O Plano Escolar de 1995 da E.E.P.G. "Oswaldo Cruz" caracteriza sua clientela da seguinte maneira: " Os alunos que freqüentam nessa escolar são provenientes de diferentes classes sociais. Por ser uma área próxima ao centro, com vários prédios antigos transformados em habitações coletivas, que abrigam grande parte de nossos alunos, resulta uma clientela de baixo poder aquisitivo, com carência e dificuldades de todos os níveis (estrutura familiar decadente, orientação doméstica deficiente, problemas emocionais, etc.). Recebemos também crianças de "casa aberta", que, além das dificuldades acima citadas, apresentam sérios problemas de comportamento e desajuste social. Além desses alunos, a escola atende a uma população flutuante, pois temos alunos que moram na periferia de São Paulo (Franco da Rocha, Itaquera, Guaianases) cujos pais trabalham na região e que são obrigados a se locomoverem diariamente para nossa escola, permanecendo um período na escola e o outro em creches ou núcleos de assistência. Em decorrência dessa situação, verificamos, muitas vezes, a evasão e a repetência, pois exaustos, com sono, mal alimentados e sem amparo familiar, não há como a criança assimilar os conteúdos ministrados e, portanto, aprender. Cabe ainda lembrar que, devido ao achatamento econômico ocorrido nestes últimos anos, temos também crianças de classe média, oriundas de escolas particulares, cujos pais não tiveram mais condições financeiras para sustentá-las em tais escolas. Essa heterogeneidade, embora, muito difícil de ser trabalhada, acaba sendo salutar, pois a troca de experiência, o confronto entre valores e parâmetros de conduta diferentes, permitem uma reflexão mais profunda dos problemas sociais, econômicos e comportamentais e conseqüentes mudanças de atitude e enriquecimento pessoal".

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeito, em ordem decrescente de frequência, são: vendedor, comerciante, empresário, gerente de empresa, profissional liberal, estilista, metalúrgico, secretária, escriturário, taxista, contador, mecânico, enfermeira, bancário, chefe de sessão, diretora de cartório, professora, motorista.

A amostra de São Paulo distribuiu-se da maneira apresentada na Tabela 8, a seguir.

Tabela 8 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de São Paulo.

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ		
Baixa (Escola 17)	24	9 anos	7m	29	12a 6m	10m	30	15a 7m	3m	83	
Média-baixa (Escola 19)	27	8a 6m	4m	26	11a 11m	8m	25	14a 4m	4m	75	
Média (Escola 18)	32	8a 11m	6m	29	12a 1m	5m	34	15a 1m	6m	95	
Total de sujeitos	83			78			94			265	

Foram eliminados 9 sujeitos atípicos e 20 sujeitos por sorteio.

2. Material

Protocolo do TBP (ver anexo II), cronômetro, lápis e borracha.

3. Procedimento

O TBP foi aplicado, coletivamente, a todos os alunos da classe, com o

apresentarem protocolos incompletos ou com mais de uma resposta. Foram eliminados, também, 116 sujeitos, por sorteio, com o objetivo de tornar o número de sujeitos proporcional ao tamanho da população. Desta forma, a amostra foi reduzida a 300 crianças e adolescentes.

1.1.2 Caracterização da cidade de Santo Antônio da Alegria.

A cidade de Santo Antônio da Alegria possui uma população de 5.065 habitantes, 2.916 na área urbana e 2.149 na área rural (IBGE, 1991, p.123).

Sua população é composta, em sua grande maioria, por pequenos agricultores e trabalhadores rurais, ou bóia-frias. Possui saneamento básico, uma única escola, posto de saúde e hospital. A economia do município baseia-se nas plantações de café, criações de gado e, atualmente, arrendamentos de terras para usinas de cana de açúcar. O município encontra-se próximo à divisa com o estado de Minas Gerais, a aproximadamente 100 quilômetros de Ribeirão Preto.

1.1.2.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1994, da EEPSEG "Macário de Almeida Cardoso"; "... a grande maioria que exerce atividade além da escola, dedica-se à agropecuária ou ao serviço doméstico. Os alunos provêm de famílias de baixo nível sócio-econômico-cultural (grande parte dos pais não tem completa as quatro séries de escolaridade). Além do rádio e televisão, a maioria dos alunos tem acesso apenas a jornais e revistas oferecidas pelo CIC. Em suas conversas, os assuntos mais freqüentes são a escola e a família. A população escolar está mais ou menos dividida quanto à moradia, entre zona rural e zona urbana. Todos esses dados afetam a presença regular às aulas, as taxas de evasão e conseqüentemente, a aprendizagem...".

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos em ordem decrescente de freqüência, são : trabalhador rural, caminhoneiro, pequeno agricultor, pedreiro, faxineiro, comerciante, motorista, garimpeiro, carregador, servente, operário,

vendedor, fiscal de praça.

A amostra de Santo Antônio da Alegria distribui-se da forma mostrada na Tabela 2.

Tabela 2 - Número de sujeitos(N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Santo Antônio da Alegria

Classe Social	Séire Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses	11a	12a 11 meses	14a	15a 11 meses				
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ		
Baixa (Escola 5)		15	8a 6m	5m	15	11a 11m	4m	15	14a 6m	5m	45
Total de sujeitos		15			15			15			45

Foram eliminados 15 sujeitos atípicos e 5 sujeitos por sorteio para tornar a amostra proporcional ao tamanho da população.

1.1.3 Caracterização da cidade de Porto Ferreira

A cidade de Porto Ferreira possui uma população de aproximadamente 50.000 habitantes, 42.000 na área urbana e 8.000 na área rural, segundo informações do setor de Fiscalização e Cadastro da Prefeitura Municipal de Porto Ferreira.

A economia do município baseia-se no grande número de pequenas cerâmicas, algumas grandes cerâmicas, fábricas de móveis e uma grande fábrica de vidros, que garantem o trabalho da população urbana. Na agricultura, predominam as plantações de algodão e laranja.

A grande maioria da população pertence às classes média e média baixa, visto que os maiores detentores de capital do município, residem em São Paulo, ou outras cidades.

1.1.3.1 Caracterização da clientela escolar de Porto Ferreira.

1.1.3.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo.

Segundo informações do Diretor da escola a clientela é constituída por uma população de baixo poder aquisitivo, oriunda da zona rural e da periferia.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: trabalhador rural, operário, pedreiro, caminhoneiro, pintor, motorista, comerciante, eletricitista, funcionário público, servente, cobrador, vigilante, vendedor.

1.1.3.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio.

Segundo o Plano Escolar de 1995, "a clientela é heterogênea, considerando-se tanto o aspecto cultura quanto os econômico-sociais. O período diurno recebe alunos cujos pais são: médicos, industriais, pedreiros, comerciantes, funcionários públicos, etc. O período noturno recebe alunos trabalhadores de diversos ramos de atividades da cidade. No que se refere ao lastro cultural, percebe-se uma concentração de alunos mais favoráveis do período diurno". Cinquenta e três por cento possuem casa própria, 19,16 por cento residem em COHAB, 17,19 por cento moram em casas de aluguel e 9,73 por cento moram em casas cedidas. Dezoito ponto oitenta por cento recebem de um a dois salários mínimos, 25,23 por cento recebe de um a quatro salários mínimos, 25,01 por cento recebem de cinco a sete salários mínimos, 17,77 por cento recebem de oito a dez salários mínimos 13,16 por cento recebem mais de dez salários mínimos. Oitenta e oito ponto trinta e seis por cento dos alunos possuem algum tipo de lazer".

As profissões dos pais, destacada da amostra de sujeitos, em ordem decrescente, são: comerciantes, professores, ceramistas, vendedores, oficial de justiça, torneiro mecânico, médicos, escriturários, veterinário, tapeceiro, empresário, gráfico, policial militar, construtor, marceneiro, chefe de seção, farmacêutico, eletricitista,

vigilante.

A amostra de Porto Ferreira distribui-se da forma mostrada na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Porto Ferreira.

Série Escolar Idades Classe Social	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	
Baixa (Escola 6)	18	8a 6m	7m	18	11a 7m	5m	19	14a 8m	5m	55
Média (Escola 7)	19	8a 3m	2m	18	11a 2m	2m	18	14a 6m	4m	55
Total de sujeitos	37			36			37			110

Foram eliminados 48 sujeitos atípicos e 41 sujeitos por sorteio

1.2. Caracterização da Região do litoral sul paulista (Vale do Ribeira).

Segundo o IBGE (1991, p. 28) esta é "...a região mais pobre do Estado de São Paulo, cuja economia não se relaciona a qualquer dos ciclos econômicos ocorridos, à exceção da breve atividade mineradora de ouro, responsável pela ocupação inicial da área. A área apresenta um quadro de pobreza marcado por doenças típicas do subdesenvolvimento econômico e pelo conflito de terras, apontado como principal obstáculo ao desenvolvimento de região. As condições ecológicas desfavoráveis, como relevo muito movimentado, insalubridade e solos arenosos, resultam numa economia baseada principalmente na atividade agrícola, cujo rendimento apresenta pouco significado na economia paulista. Atualmente, a atividade industrial da região é representada pelo setor químico, produzindo ácido fosfórico cuja matéria-prima, a apatita, é um dos minérios disponíveis na mesorregião...Nos baixo terraços aluviais cultiva-se principalmente a banana, responsável por 60 por cento da economia

regional.... A cultura do chá, introduzida por japoneses na região, tornou-se um dos seus traços característicos, sendo responsável por 15 por cento da economia da área. Produtores locais tentam diversificar suas culturas com arroz, verduras, maracujá e plantas ornamentais e mais recentemente, com seringueiras...A atividade pecuária, com pouco significado, responde por apenas 5 por cento da produção regional - voltada para o rebanho bubalino cujos criadores procuram o mercado externo como a alternativa para comercializar os derivados de búfalo. A mesorregião apresenta baixa densidade demográfica em relação a média estadual (24,72 hab./Km²) e seu contingente populacional (325.153 hab.) tem pouca expressão no conjunto do Estado. A população urbana distribui-se em núcleo pequenos e esparsos, situados, em grande parte, no interior. A população rural de modo disperso, apresenta relativo adensamento nas margens do Ribeira do Iguape e ao longo da ferrovia que liga Registro a Santos, passando por Juquiá. Além da Ferrovia, a mesorregião é cortada pela BR-116, no trecho São Paulo- Curitiba... A indústria pesqueira apresenta-se consolidada na mesorregião, havendo companhias de pesca em Iguape com indústria de conservação de manjuba... No "Vale do Ribeira" é significativa a área ocupada por parques, estações ecológicas e zonas de preservação da vida silvestre, embora sejam freqüentes os desmatamentos em função da especulação imobiliária, como também a presença de serrarias clandestinas. Encontra-se nessa mesorregião a estação ecológica da Juréia- com 820 Km², abrangendo os municípios do Iguape, Miracatu, Peruibe e Itarari-, guardando uma vasta porção da Mata Atlântica, praias limpas e despoluídas, além de uma fauna com espécies já extintas em outras regiões do país, como o papagaio Chauá e o Macuco".

1.2.1 Caracterização da cidade de Barra do Turvo

Esta cidade encontra-se na divisa com o Estado do Paraná, a 32 Km da BR-116, vale a dentro. Possui uma população de 7.090 habitantes, 1.980 na área urbana e 5.110 na área rural. Não possui saneamento básico e o asfalto restringe-se a uma pequena área do centro da cidade. A economia do município baseia-se na agricultura de subsistência: o cultivo da banana, a extração do palmito e de madeiras

são os mais expressivos.

1.2.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1.995 da E.E.P.S.G. "Prof. Luiz D. G. Araújo", "A Unidade de Ensino, na parte da manhã, atende alunos de 5ª a 8ª séries, provenientes do rural em maior número (58%), pois o transporte escolar realiza-se somente nesse período, e do setor urbano, em menor número devido à falta de vagas. O município de Barra do Turvo, no qual essa clientela escolar está inserida, necessita de melhores condições de infra-estrutura básica. Os habitantes e os moradores novos que nele se fixam são pessoas, em sua maioria carentes sob o ponto de vista bio-psico-sócio-econômico e cultural, pouco acrescentando de bom ao "modus vivendus" (SIC) local. O baixo poder aquisitivo da população resulta em limitadas condições básicas de vida: Saúde, alimentação, moradia, trabalho, lazer e cultura, o que interfere negativamente na escolarização do educando, os valores, normas e costumes transmitidos pela família ou grupo de origem, deixam a desejar sob o enfoque formativo/cultural/educacional. Os momentos de integração social ocorrem de forma variada no decorrer do ano: festividades religiosas, mutirões, campeonatos de futebol, realizados na maioria dos bairros, e na cidade, em datas comemorativas: religiosas, cívicas e esportivas. Boa parte dos alunos (38%) conhecem somente o município, tornando-se a escola, o veículo comum de integração social e cultural. No geral, as formas de comunicação são mescladas com gírias e/ou dialetos bastante arraigados, acarretando lentidão na aprendizagem da norma culta da língua. Dos alunos matriculados na 5ª série, oriundos do rural, 70% provém de classes multisetoriais funcionando precariamente, no que diz respeito ao espaço físico adequado, carteiras em número insuficiente, iluminação, água, sanitários, o que tem limitado a atuação docente no rural. Diante disso, necessitam de um acompanhamento adequado ao nível de aprendizagem que apresentam, ritmo de desempenho, conceitos que dominam, etc. Na parte da tarde atende alunos do CB a 4ª série, com idades entre 6 e 16 anos, moradores aos arredores da U.E. Desses alunos, 25% é produto de lares desfeitos,

passando a ser criados por terceiros que muitas vezes não lhes dão o acompanhamento afetivo-formativo necessário, gerando problemas de ordem comportamental, psicológica e de pré-requisitos básicos, essenciais ao desenvolvimento do processo educacional. Aproximadamente, 80% dos alunos do período diurno são interessados, ativos, anseiam por aprender, postura essa que determina constante mudança nos procedimentos metodológicos e pedagógicos. Portanto, mais ou menos 68% da clientela escolar, realiza trabalho agrícola de subsistência, comércio ou doméstico, pois necessita auxiliar a parca renda familiar. A partir de 1.993 tal situação passou a ser considerada como um fator que pudesse favorecer a evasão e retenção; diante disso, desenvolveu-se(SIC) ações de apoio que estimulassem a permanência do aluno na escola”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: comerciantes, trabalhador rural, bancário, agricultor, pedreiro, açougueiro, eletricista, encanador, relojoeiro, vigilante, lixeiro, professor, vice-prefeito, costureira, cozinheira, balconista, enfermeira.

A amostra de Barra do Turvo distribui-se da forma mostrada na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Barra do Turvo.

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses	11a	12a 11 meses	14a	15a 11 meses				
		N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	
Média (Escola 8)		10	8a 7m	5m	10	12 anos	7m	10	14a 9m	8m	30
Total de sujeitos		10			10			10			30

Foram eliminados 33 sujeitos atípicos e 10 sujeitos por sorteio.

1.2.2 Caracterização da cidade de Registro

A cidade de Registro possui 48.943 habitantes, 31.961 em área urbanizada, 5.883 em área não-urbanizada, 10.225 em área rural e 855 em povoado (IBGE, 1.991, p. 121). Segundo dados da Prefeitura Municipal de Registro, esta cidade é considerada a capital do vale do Ribeira. "Possui 3.950 empresas englobando os setores comercial, industrial e de serviços. É um dos maiores produtores brasileiros de plantas ornamentais". (Prefeitura Municipal de Registro, 1995, p.14). Estão presentes ainda, a fabricação de artefatos de junco e o tatami. Essa região "...concentra os maiores produtores de banana e de chá preto da espécie assâmica, do País". (IBGE, 1991,p. 29). E faz parte do distrito plumbífero da região.

1.2.2.1 Caracterização da clientela escolar de Registro

1.2.2.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo

Segundo o Plano Escolar de 1995 da E.E.P.G "Alay José Corrêa", a escola está "... localizada em um bairro de periferia, situada às margens do Ribeira do Iguape. A clientela desta U.E. é, na sua maioria oriunda da Vila Alay José Corrêa. Os demais pertencem a um Bairro periférico Jardim Valeri, ainda contamos com alunos dos bairros: Ribeirão de Registro, Boa Vista, Takara, com distância de até 8 Kms. A comunidade da Vila Alay José Corrêa conta exclusivamente com a única instituição pública- a escola de 1º Grau. O número de alunos é bastante variável, devido à população flutuante que muda muito, ora para fugir das enchentes que vez ou outro ocorrem, ora em busca de melhores condições de trabalho. As ruas sem calçamento fazem com que certos pais procurem escolas melhor localizadas para seus filhos. A renda familiar é baixíssima. A maioria recebe de 1 a 2 salários mínimos e pouquíssimos são os casos que chegam a 3 salários mínimos mensais. A maioria quase que absoluta é constituída por trabalhadores assalariados, predominantemente no setor de serviços; poucos são autônomos, poucos pequenos proprietários, alguns pescadores e outros desempregados. Na maioria, as mães trabalham fora de casa, unindo-se a filhos menores, para complementar o orçamento familiar. Os ofícios são: empregadas

domésticas, engraxates, balconistas, jornaleiros, guardas-mirins, pecuária e lavoura. Grande parte possui casa própria, no entanto, em condições precárias de higiene. essas casas são, em tempo de enchentes, invadidas pelas águas”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência são: trabalhador rural, empregada doméstica, pedreiro, carregador, pequeno agricultor, pintor, vigia, pescador, cozinheira, verdureira, pagem, motorista, salgadoiro, eletricista, mecânico, enfermeira.

1.2.2.1.2. Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1995 “A situação dos moradores da Vila Tupi, Jardim São Nicolau e São Conrado é bem mais avantajada nesse sentido. ai encontram-se funcionários públicos graduados, médicos, advogados e até pequenos proprietários. Já na Vila São Francisco, a situação é bem mais inferior. Crianças com sérios problemas de saúde e familiar. Essa é a grande maioria de nossa clientela”.

As profissões dos pais, destacados da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência são: pequeno comerciante, pedreiro, vendedora, empregada doméstica, escriturária, caminhoneiro, funcionário público, soldador, contadora, profissional liberal, diretora de escola.

1.2.2.1.3. Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio.

Segundo o Plano Escolar da EEPG “ Fábio Barreto”, a clientela escolar é assim considerada: Nossa clientela é o espelho da Sociedade Registrense, 80 por cento da população possui padrão de vida médio. Temos duas realidades distintas: alunos do diurno com a faixa etária que não ultrapassa os 21 anos, e sendo que apenas 0,5 por cento trabalha meio período. O período noturno é constituído por alunos cuja faixa etária oscila entre 15 e 40 anos, na sua maioria, trabalhadores. É responsabilidade da escola, oferecer a esta clientela um ensino de qualidade que atenda às suas aspirações e

necessidades". As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência são: comerciante, professor, vendedor, gerente de empresa, bancário, diretor de empresa, fiscal de rendas, exportador, profissional liberal, construtor, aviador, agricultor.

A amostra de Registro distribui-se da maneira apresentada na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Registro.

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ		
Baixa (Escola 9)		10	8a 5m	5m	10	12a 3m	7m	10	13a 8m	7m	30*
Média-baixa (Escola 10)		10	8a 2m	2m	10	11a 10m	5m	10	15a 2m	8m	30
Média (Escola 11)		10	8a 4m	3m	10	12a 5m	5m	10	14a 3m	2m	30
Total de sujeitos		30			30			30			90

*A amostra da escola de classe baixa de Registro foi retirada de uma 7ª. série, pois não possuía 8ª. série. Para efeito de análise estatística, foi agrupada às 8ªs. séries, dado que não havia diferença entre elas.

Foram eliminados 27 sujeitos atípicos e 66 sujeitos por sorteio.

1.3 Caracterização da região metropolitana de São Paulo

Segundo o IBGE (1991,p.123), "Esta região traduz uma organização espacial plena de contradições. A característica de aglutinar o desenvolvimento das forças produtivas a significativas crises na relação capital / trabalho está no cerne das contradições da Região Metropolitana de São Paulo, dois dias atuais... Se por um lado a mesorregião congrega, em seu interior, um intrincado conjunto de atividades econômicas tecnologicamente modernas, por outro, concentra múltiplos problemas sociais relativos à violência, habitação, saúde, educação, transportes, equipamentos urbanos, além da crescente demanda por melhores salários e condições de trabalho. No

espaço correspondente à microrregião de São Paulo, os contrastes são marcantes, desde a ocupação consolidada de forma estratificada e funcional de Santo André até as formas de autoconstrução e favelização que predominam nos bairros do Ipiranga e Itaquera, atingindo os municípios de Diadema, Mauá e Rio Grande da Serra, no ABCD... Os assentamentos urbanos tipo loteamento e autoconstrução encontram-se totalmente desprovidos de serviços de infra-estrutura, ao passo que as áreas mais aprazíveis e próximas dos locais de trabalho, tanto em São Paulo, como no ABCD, tornam-se proibitivas à população de baixa renda. Multiplicam-se por sua vez, nos espaços ainda vazios e com valorização crescente, as áreas residenciais destinadas aos bairros jardins, loteamentos fechados e de lazer”.

1.3.1. Caracterização da cidade de Caieiras

A cidade de Caieiras possui uma população de 39.029 habitantes, 37.731 na área urbana e 1.298 na área rural (IBGE, 1991, p.108). Encontra-se a 28 Kms de São Paulo, mantendo estreita relação com esta última, pois muitos de seus moradores trabalham em São Paulo. Possui razoável centro comercial, muitas escolas públicas e particulares.

1.3.1.1 Caracterização da clientela escolar de Caieiras.

1.3.1.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPG “Olindo Dártora”, a clientela escolar está assim caracterizada: “Nossa unidade escolar está situada na Vila Rosina. Esta localiza-se na parte periférica da cidade de Caieiras. O acesso à escola se dá através de ônibus pela antiga estrada velha de Campinas, hoje denominada Rod. Tancredo A. Neves. A comunidade é composta em sua maioria, por trabalhadores, pais que saem normalmente muito cedo de suas casas para manter o sustento da família e deixam os filhos aos cuidados dos irmãos mais velhos ou em creches mantidas pela prefeitura municipal de Caieiras. Conseqüentemente, é atribuído a escola um papel

assistencial que não cabe a ela”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente, são: pedreiro, empregada doméstica, pintor, borracheiro, frentista, operário, gari, marceneiro, costureira, porteiro, eletricitista, serralheiro, caseiro, secretária, soldador, vigia, mecânico, motorista.

1.3.1.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPG “Walter Weisflog”, “A escola recebe o aluno bastante heterogêneo oriundo de outras comunidades e até de outros municípios, havendo predominância do educando de classe média baixa, número significativo de pais separados. Alguns alunos exercem atividades extracurriculares variadas: aulas de natação e dança no CEM e escolas particulares, aprendem música e participam da fanfarra, jogam futebol, basquete, vôlei em conjunto com colegas. Participam de costumes transmitidos pela família e pela comunidade religiosa a que pertencem (dividem-se em católicos e protestantes). Alguns alunos prestam serviços a empresas por meio período e pertencem à guarda Mirim municipal. A distância da residência e mudanças frequentes de casa e trabalho pelos pais são situações que afetam a aprendizagem, através de transferências durante o ano letivo. Outro fator, que interfere na aprendizagem do educando é a falta de participação dos pais, durante o ano letivo. Ex.: reunião de Pais e APM, atividades desenvolvidas pela APM, etc. Embora a escola apresente estes problemas a nível social, a porcentagem de evasão e retenção não é significativa”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de freqüência são: comerciante, gerente de empresa, professor, vendedor, profissional liberal, metalúrgico, farmacêutico, projetista, empreiteiro, oficial de justiça, funcionário público, mecânico, motorista.

A amostra de sujeitos distribui-se da maneira apresentada na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Caieiras.

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ		
Baixa (Escola 12)	15	8a 5m	5m	15	11a 8m	8m	15	14a 8m	6m	45	
Média (Escola 13)	15	8a 5m	4m	15	11a 6m	3m	15	14a 10m	6m	45	
Total de sujeitos	30			30			30			90	

Foram eliminados 19 sujeitos atípicos e 68 sujeitos por sorteio.

1.3.2 Caracterização da Cidade de Mogi das Cruzes

A cidade de Mogi das Cruzes possui uma população de 273.255 habitantes, 246.948 na área urbana e 26.307 na área rural. Sua atividade econômica é constituída por indústrias e pela agricultura, distinguindo-se nesta última, o plantio de cogumelos. Possui um bom centro comercial e uma grande universidade particular.

1.3.2.1 Caracterização da clientela escolar de Mogi das Cruzes

1.3.2.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPG " Ver. Narciso Yague Guimarães", a clientela escolar é assim caracterizada. "Nossa unidade escolar atende prioritariamente a 3 bairros : Vila Natal, Jardim Nova União e Conjunto Residencial Nova Cocuera. São três bairros de população operária, famílias numerosas e carentes, com nível de baixa instrução, sendo que há um número muito grande de analfabetos. De um modo geral, o chefe da família trabalha em emprego mal remunerado. Muitos trabalham como operários nas indústrias do Município e da Capital. Mas a maioria trabalha de pedreiro, pintor e servente de pedreiro. As mães são faxineiras ou

domésticas em casas de família. O bairro de Vila Natal é de formação mais antiga, apresentando situação de moradias mais regular, enquanto que o bairro Jardim Nova União apresenta uma história de posseiros que ocupam a terra e constroem suas moradias, muitas, há mais de vinte anos. Os posseiros têm tido, nesse processo de luta pela regulamentação, o acompanhamento de um advogado que defende as causas junto ao Fórum Municipal. O conjunto residencial Novo Cocuera foi ocupado no início de 93, não apresentando características muito bem definidas. Os bairros Vila Natal e Jardim Nova União tem crescido bastante, apresentando um número considerável de habitações novas, o que contribui para o aumento populacional da escola. Esses bairros contam somente com instituições destinadas ao culto religioso como as igrejas católica, protestante e evangélicas. Os três bairros possuem associações de moradores que procuram, mesmo que com precariedade, encaminhar as necessidades e reivindicações da população. Em termos de lazer, não existe opção para os habitantes dos bairros, que não possuem praças de esportes, nem parques. A TV e o rádio, festas familiares e as realizadas na escola, bailes de família e as peladas de futebol nos campinhos, aos sábados e domingos, constituem as atividades de lazer dos habitantes dos bairros. A renda familiar concentra-se na faixa de 1 a 3 salários mínimos e satisfaz precariamente as necessidades básicas da família. Os pais saem cedo de casa para o trabalho, voltando tarde da noite. Em geral, os filhos mais velhos ficam em casa tomando conta dos irmãos menores. A disponibilidade dos pais para ajudar a escola financeiramente ou em trabalho físico, é nula". Segundo informações da diretora, o pessoal docente, na sua maioria, é antigo na escola, o que facilita a continuidade do trabalho pedagógico desenvolvido pela escola. Há uma boa integração da escola com a comunidade e com a universidade, com a qual mantêm convênio para exames laboratoriais (fezes) das crianças. Na medida do possível, os pais estão presentes nas reuniões do calendário letivo, marcadas antes do início das aulas matutinas.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: empregada doméstica, pedreiro, operário, caminhoneiro, pintor, servente, encanador, almoxarife, policial, cobrador de ônibus, vigilante, maquinista, carpinteiro, eletricista, soldador, costureira, gari, cozinheira, enfermeira, vendedor artesão, pequeno comerciante, motorista.

1.3.2.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio-baixo.

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPSG "Leonor de Oliveira Mello", a escola "...Acha-se localizada no bairro Mogilar, na rua Joaquina Maria de Jesus, 641, Mogi das Cruzes, S.P. Trata-se de um bairro privilegiado, próximo ao centro da cidade, onde prevalece o setor terciário, uma vez que possui diversas casas comerciais. No aspecto social, o bairro conta com a presença de igrejas, clubes escolas de 1º e 2º graus, universidades e ginásio de esportes. Embora a clientela escolar seja, na sua maioria, proveniente do próprio bairro, a escola também atende oriundos de bairros distantes, principalmente no período noturno, que mantém os cursos regular e supletivo. A clientela escolar é composta por alunos na faixa etária de sete até mais ou menos 50 anos, distribuídos entre os cursos de 1º e 2º graus regular e supletivo, em nível de 1º grau. Os alunos que estudam no período diurno (manhã e tarde) não exercem atividades remuneradas, cujos pais são, na sua maioria, profissionais liberais ou exercem cargos em empresas privadas. Quanto aos alunos do período noturno, na quase totalidade, são alunos trabalhadores".

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: pedreiro, vendedor, funcionário público, comerciante, profissional liberal, professor, empregada doméstica, costureira, manicure, pequeno agricultor, microempresário, contador, auxiliar de escritório, metalúrgico, mecânico, oficial de escola, manicure, técnico em computação, carpinteiro.

1.3.2.1.3 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPSG "Prof. Camilo Faustino de Mello", o curso de 1º grau, diurno, está assim caracterizado: "Os alunos da 1ª a 4ª série pertencem à faixa etária dos 6 aos 14 anos, havendo incidência acentuada dos 8 aos 12 anos. Alunos de 5ª a 8ª séries incluem-se na faixa etária que vai dos 10 aos 20 anos; a idade média varia de 12 a 14 anos. A maioria dos alunos considera a escola como o lugar onde busca os conhecimentos que lhe garantirão bons empregos. Além disso, a consideram como um lugar de lazer. As famílias não são numerosas, constituídas

geralmente de 1 a 5 filhos e professam a religião católica. Sessenta por cento das famílias possuem casa própria, 30 por cento moram em casas alugadas e 10 por cento em casas cedidas. Alunos das séries iniciais pertencem à famílias de renda mais baixa e moram em casas com menor número de cômodos. Noventa por cento das famílias possuem TV, mas apenas dez por cento assinam algum tipo de jornal ou revista. Quanto ao nível de escolaridade temos vinte e oito por cento dos pais sem completar o primeiro grau, e vinte por cento que tem o primeiro grau completo. Vinte por cento tem o segundo grau e vinte e sete por cento tem o terceiro grau, e apenas cinco por cento são analfabetos.

Sessenta e cinco por cento recebem de 1 a 5 salários mínimos, treze por cento de 6 a 9 salários mínimos e vinte e dois por cento possuem renda superior a dez salários mínimos. Tais dados nos remetem a uma clientela heterogênea, proveniente de meio sócio-econômico diversificado, o que implica também em valores e aspirações diversas”.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: comerciante, professor, vendedor, empresário, agricultor, projetista, chefe de seção, corretor, contador, esteticista, almoxarife, metalúrgico, costureira, policial, manicure. A amostra de Mogi das Cruzes distribuiu-se da maneira apresentada na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 - Número de sujeitos(N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de Mogi das Cruzes.

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ		
Baixa (Escola 14)	14	8a 5m	4m	18	12a 7m	7m	18	14a 10m	8m	50	
Média-baixa (Escola 15)	18	8a 9m	7m	18	11a 8m	6m	17	14a 8m	5m	53	
Média (Escola 16)	17	8a 5m	5m	17	12a 1m	6m	18	14a 10m	84m	52	
Total de sujeitos	49			53			53			155	

Foram eliminados 23 sujeitos atípicos e 57 sujeitos por sorteio.

1.3.3 Caracterização da cidade de São Paulo

A cidade de São Paulo possui uma população de 9.626.894 habitantes, 9.393.753 na área urbana e 233.141 na área rural.

Caracteriza-se por ser um grande polo industrial e o principal centro financeiro do país. Grande concentração de riquezas e a continua migração não planejada de pessoas de outros centros em busca de melhores condições de vida, promovem o crescimento da pobreza, da violência e da falta de habitação. Seus antagonismos estão presentes de forma maciça e delineada, no crescente número de favelas que se misturam aos centros financeiros e culturais de São Paulo. São Paulo é um dos grandes centros culturais e tecnológicos do país, berço das principais universidades e institutos de pesquisa e de saúde. A mesma cidade que produz riqueza, conhecimento e cultura, produz também violência, miséria e pobreza. Contrapontos difíceis de serem equacionados.

1.3.3.1 Caracterização da clientela escolar de São Paulo

1.3.3.1.1 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico baixo

Segundo o Plano Escolar de 1995 da EEPG "Clóvis Rene Calabrez", a clientela escolar é assim caracterizada: " Devido à ausência dos pais por necessidade de trabalho, nota-se que as crianças apresentam uma carência afetiva muito grande, dando margem para uma deficiência na aprendizagem, onde os mesmos procuram suprir carência dentro da própria unidade escolar, na procura de seu espaço. O nível sócio-econômico da clientela é baixo, fazendo-se necessário o esclarecimento que facilite a aculturação. Em sua maioria, as crianças sofrem influência negativas de seus pais, sobretudo convivendo em lares desajustados, com situação financeira precária e com os que trabalham fora o dia todo. Por possuírem nível sócio-econômico baixo, a maioria dos alunos larga a escola para ir ao trabalho - a partir da 4ª série". Segundo informação da escola, estes alunos trabalham em supermercados, ou nas feiras. Os pais não participam do aprendizado da criança, dificultando assim, o trabalho da escola, que

fica isolada dos pais. Estes só vão à escola para saber de seus filhos, no final do ano. Outra informação importante é a de que a escola não tem sido atrativo para os alunos de 5ª a 8ª séries, que buscam outros atrativos fora da escola.

Junta-se a isso, a falta de preparação dos professores, especialmente aqueles mais novos na escola, que nem sempre conseguem captar a realidade das crianças e adolescentes e, então, promover o seu aprendizado.

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são: empregada doméstica, operário, pedreiro, vigilante, carregador, motorista, vendedor ambulante, costureira, caminhoneiro, segurança, entregador, eletricitista, chaveiro, pequeno comerciante, vendedora, serralheiro, cozinheiro, cambista, marceneiro, carpinteiro.

1.3.3.1.2 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio baixo

Segundo o Plano Escolar de 1995 da E.E.P.G. "Rodrigues Alves", "a comunidade escolar de 1º Grau é formada na sua maioria por filhos de zeladores, domésticas, faxineiras, pequenos comerciantes e autônomos de prestação de serviço, eletricitistas, encanadores, etc. Devido à privilegiada localização da escola, pela grande facilidade de transporte, é grande o número de alunos que residindo em outros bairros, aqui estudam. Para a matrícula dos iniciantes de 1º Grau, desde 1994 somente casos excepcionais são aceitos entre aqueles que não residem no setor. Todos os alunos matriculados no CBI foram entrevistados pela Orientadora Educacional, quando da matrícula, em 1994 e pela coordenador de CB à 4ª série, em 1995, para uma triagem quanto aos conhecimentos e orientação à família foi dada quanto ao funcionamento da escola. Em 1992, houve uma grande demanda de alunos de escolas particulares para as Escolas Estaduais. Esta UE recebeu uma parcela dessa demanda que diminuiu de 1993 à 1995. Estes novos alunos, tem na sua maioria características opostas às da população escolar aqui existente, tendo uma vivência sócio-econômica de classe média. Portanto, o perfil da clientela escolar é muito heterogêneo". As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeitos, em ordem decrescente de frequência, são:

zelador, vendedor, empregada doméstica, comerciante, bancário, técnico em eletrônica, secretária, professora, técnico em computação, telefonista, policial, enfermeira, gerente de empresa, escriturário, pedreiro, cabeleireira, almoxarife, taxista, marceneiro, porteiro.

1.3.3.1.3 Caracterização da clientela escolar de nível sócio-econômico médio

O Plano Escolar de 1995 da E.E.P.G. "Oswaldo Cruz" caracteriza sua clientela da seguinte maneira: " Os alunos que freqüentam nessa escolar são provenientes de diferentes classes sociais. Por ser uma área próxima ao centro, com vários prédios antigos transformados em habitações coletivas, que abrigam grande parte de nossos alunos, resulta uma clientela de baixo poder aquisitivo, com carência e dificuldades de todos os níveis (estrutura familiar decadente, orientação doméstica deficiente, problemas emocionais, etc.). Recebemos também crianças de "casa aberta", que, além das dificuldades acima citadas, apresentam sérios problemas de comportamento e desajuste social. Além desses alunos, a escola atende a uma população flutuante, pois temos alunos que moram na periferia de São Paulo (Franco da Rocha, Itaquera, Guaianases) cujos pais trabalham na região e que são obrigados a se locomoverem diariamente para nossa escola, permanecendo um período na escola e o outro em creches ou núcleos de assistência. Em decorrência dessa situação, verificamos, muitas vezes, a evasão e a repetência, pois exaustos, com sono, mal alimentados e sem amparo familiar, não há como a criança assimilar os conteúdos ministrados e, portanto, aprender. Cabe ainda lembrar que, devido ao achatamento econômico ocorrido nestes últimos anos, temos também crianças de classe média, oriundas de escolas particulares, cujos pais não tiveram mais condições financeiras para sustentá-las em tais escolas. Essa heterogeneidade, embora, muito difícil de ser trabalhada, acaba sendo salutar, pois a troca de experiência, o confronto entre valores e parâmetros de conduta diferentes, permitem uma reflexão mais profunda dos problemas sociais, econômicos e comportamentais e conseqüentes mudanças de atitude e enriquecimento pessoal".

As profissões dos pais, destacadas da amostra de sujeito, em ordem decrescente de frequência, são: vendedor, comerciante, empresário, gerente de empresa, profissional liberal, estilista, metalúrgico, secretária, escriturário, taxista, contador, mecânico, enfermeira, bancário, chefe de sessão, diretora de cartório, professora, motorista.

A amostra de São Paulo distribuiu-se da maneira apresentada na Tabela 8, a seguir.

Tabela 8 - Número de sujeitos (N), médias (\bar{X}) e desvios-padrão (σ) das idades da cidade de São Paulo.

Classe Social	Série Escolar	2ª. Série			5ª. Série			8ª. Série			Total de sujeitos
	Idades	8a	9 a 11 meses		11a	12a 11 meses		14a	15a 11 meses		
		N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	N	\bar{X} (idade)	σ	
Baixa (Escola 17)		24	9 anos	7m	29	12a 6m	10m	30	15a 7m	3m	83
Média-baixa (Escola 19)		27	8a 6m	4m	26	11a 11m	8m	25	14a 4m	4m	75
Média (Escola 18)		32	8a 11m	6m	29	12a 1m	5m	34	15a 1m	6m	95
Total de sujeitos		83			78			94			265

Foram eliminados 9 sujeitos atípicos e 20 sujeitos por sorteio.

2. Material

Protocolo do TBP (ver anexo II), cronômetro, lápis e borracha.

3. Procedimento

O TBP foi aplicado, coletivamente, a todos os alunos da classe, com o

intuito de facilitar a aplicação e não causar transtornos às escolas.

A aplicação foi realizada pela autora do presente trabalho, sendo cronometrado o tempo para cada participante, após terem sido dadas as instruções constantes do anexo 1.

3.1 Estudo piloto

Foi realizado um estudo piloto na cidade de Ribeirão Preto, com o intuito de verificar possíveis diferenças entre as escolas públicas e escolas privadas de nível sócio-econômico médio-alto. Em caso positivo, estender a pesquisa para escolas particulares e estabelecer normas para ambos os grupos.

3.1.1 Sujeitos

Participaram como sujeitos 300 alunos da amostra de Ribeirão Preto, já caracterizada anteriormente.

3.1.2 Material

Foi utilizado o mesmo material descrito anteriormente.

3.1.3 Procedimento

Foi realizado o procedimento descrito anteriormente.

3.1.4 Resultados

Após a aplicação do instrumento, este foi avaliado a partir de um critério diferente daquele utilizado em trabalho anterior (SILVA, 1989). Verificou-se que a atribuição de pesos diferentes às respostas e o somatório destas, constituindo uma única pontuação, impossibilitava uma análise qualitativa dos tipos de respostas que o sujeito poderia emitir. Sendo assim, optou-se por avaliar separadamente as respostas

irrelevantes, concretas e abstratas, tendo sido atribuído o mesmo peso a cada uma delas, que foi igual a um. Desta forma, a verificação do número de respostas irrelevantes, concretas e abstratas torna-se imediata e a inferência da posição do sujeito diante das diferentes fases do desenvolvimento cognitivo, mais segura.

Foram calculadas as médias de tempo gasto por cada sujeito para responder ao teste, apresentadas na Tabela 9, a seguir.

Tabela 9 - Tempo médio de respostas ao TBP (estudo piloto).

Idade / Grupos	8a --- 9 a 11 meses	11a --- 12a 11 meses	14a --- 15a 11 meses
	\bar{X}	\bar{X}	\bar{X}
Escola 1 (C.M.)	22 min 12 seg	9 min 21 seg	7 min 41 seg
Escola 2 (C.M.B.)	13 min 3 seg	13 min 10 seg	7 min 48 seg
Escola 3 (C.B.)	22 min	12 min 8 seg	8 min 54 seg
Escola 4 (C.M.A.)	14 min 49 seg	6 min 36 seg	4 min 22 seg

Verifica-se que à medida em que aumenta a idade, o tempo gasto para responder ao instrumento diminui sensivelmente.

As médias, desvios-padrão e medianas para cada tipo de resposta emitida pelas três faixas etárias dos quatro grupos de escolas são apresentadas na Tabela 10, a seguir.

Tabela 10 - Médias, desvios-padrão e medianas do número de respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos frente ao TBP (estudo piloto).

Idades		8a --- 9 a 11 meses			11a --- 12a 11 meses			14a --- 15a 11 meses		
		Irrel.	Conc.	Abst.	Irrel.	Conc.	Abst.	Irrel.	Conc.	Abst.
Grupos	Respos- tas	X	σ	md	X	σ	md	X	σ	md
	Escola 1 (C.M.)	X	6.160	6.760	7.080	0.960	5.160	13.880	0.000	0.200
σ		3.625	2.862	4.751	1.620	4.741	5.925	0.000	0.500	0.500
md		7.000	7.000	6.000	0.000	4.000	16.000	0.000	0.000	20.000
Escola 2 (C.M.B.)	X	7.250	6.625	6.125	2.269	6.192	10.846	0.040	1.040	18.920
	σ	3.234	3.474	3.493	3.080	5.329	6.733	0.200	1.767	1.754
	md	7.500	5.500	6.000	1.000	5.500	13.000	0.000	0.000	20.000
Escola 3 (C.B.)	X	8.261	6.739	5.000	4.037	7.296	8.667	1.000	3.120	15.880
	σ	2.880	2.340	2.714	2.821	3.196	3.563	1.826	2.368	3.180
	md	8.000	6.000	5.000	3.000	7.000	8.000	1.000	3.000	16.000
Escola 4 (C.M.A.)	X	3.680	11.800	4.520	1.040	5.080	13.880	0.040	0.600	19.360
	σ	3.375	4.528	3.293	1.274	4.242	4.781	0.200	1.291	1.287
	md	3.000	10.000	9.000	1.000	3.000	16.000	0.000	0.000	20.000

Observa-se que à medida em que aumenta a idade, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem, aumentando por conseguinte, as médias de respostas abstratas.

Na faixa etária de 8 a 9 anos e 11 meses, esta tendência ainda não é muito evidente, visto que as médias para os três tipos de respostas estão muito próximas. Destacam-se, porém, a E3 (Classe Baixa - C.B.) que apresentou uma média de respostas irrelevantes maior do que as demais escolas e a E4 (Classe Média-Alta C.M.A.) que apresentou uma média de respostas concretas maior do que as demais escolas.

Estes resultados são apresentados graficamente na Figura 1, a seguir.

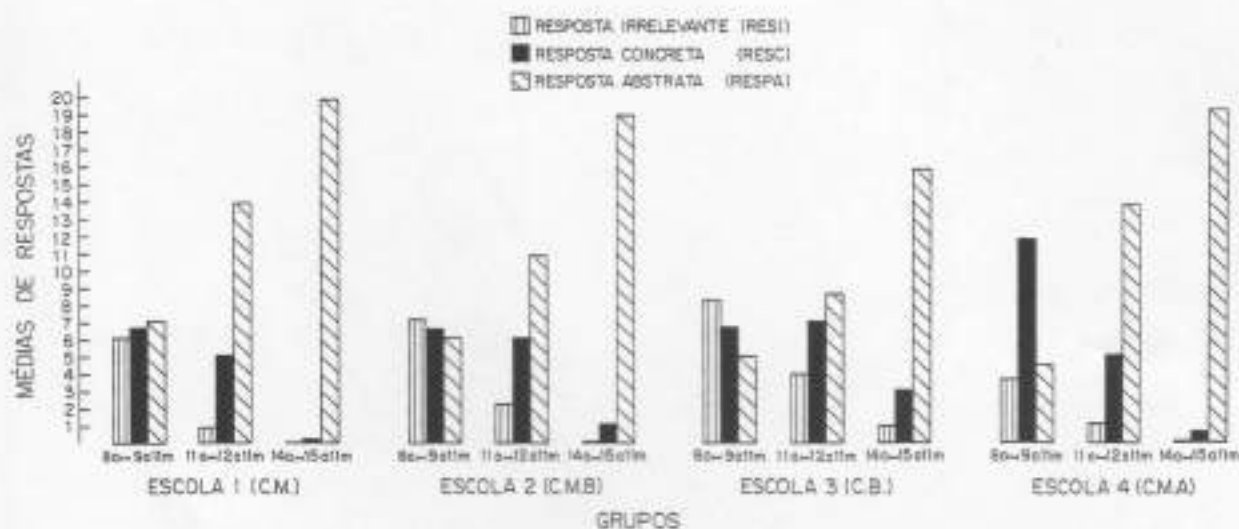


Figura 1 - Médias de respostas ao TBP (estudo piloto)

Foi realizada uma análise de variância (two way) para cada tipo de resposta emitido pelas quatro escolas.

Para a resposta irrelevante, foram encontradas diferenças significantes entre as escolas $\{F(3, 288) = 19,35; p < 0,001\}$, entre as séries $\{F(2, 288) = 166,82; p < 0,001\}$, bem como houve interação na relação entre as variáveis $\{F(6, 288) = 3,84; p < 0,001\}$.

Dado que houve diferenças significantes entre escolas e séries, procurou-se identificar tais diferenças através das comparações pareadas de probabilidades de Tukey (WILKINSON, 1990), apresentadas nas Tabelas 11 e 12, a seguir.

Tabela 11 - Comparações pareadas de probabilidades para as quatro escolas em relação à resposta irrelevante (estudo piloto).

Escolas \ Escolas	1	2	3	4
1	1.000			
2	0.169	1.000		
3	< 0.001*	0.008*	1.000	
4	0.169	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre as E1 e E3; entre as E2 e E3, E2 e E4, e entre as E3 e E4.

Tabela 12 - Comparações pareadas de probabilidades para as três séries em relação à resposta irrelevante (estudo piloto)

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001	1.000	
8ª.	< 0.001	< 0.001	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre as três séries escolares.

Para a resposta concreta, também foram encontradas diferenças significantes entre as escolas $\{F(3, 288) = 4,93; p < 0,005\}$ e entre as séries $\{F(2, 288) = 103,43; p < 0,001\}$, tendo havido interação na relação entre as variáveis $\{F(6, 288) = 7,55; p < 0,001\}$.

Dado que houve diferenças significantes entre escolas e séries, tais diferenças foram identificadas através das comparações pareadas de probabilidades de Tukey, apresentadas nas tabelas 13 e 14, a seguir.

Tabela 13 - Comparações pareadas de probabilidades para as quatro escolas em relação à resposta concreta (estudo piloto).

Escolas \ Escolas	1	2	3	4
1	1.000			
2	0.721	1.000		
3	0.013*	0.192	1.000	
4	0.007*	0.127	0.997	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre as E1 e E2, e as E1 e E4.

Tabela 14 - Comparações pareadas de probabilidades para as três séries em relação à resposta concreta (estudo piloto).

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001*	1.000	
8ª.	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre as três séries.

Para a resposta abstrata, foram identificadas diferenças significantes entre as escolas $\{F(3, 288) = 19,99; p < 0,001\}$, entre as séries $\{F(2, 288) = 260,42; p < 0,001\}$, bem como interação na relação entre as variáveis $\{F(6, 288) = 2,77; p < 0,05\}$.

Dado que houve diferenças significantes entre escolas e séries, estas foram identificadas através das comparações pareadas de probabilidades de Turkey, apresentadas nas Tabelas 15 e 16, a seguir.

Tabela 15 - Comparações pareadas de probabilidades para as quatro escolas em relação à resposta abstrata (estudo piloto).

Escolas \ Escolas	1	2	3	4
1	1.000			
2	0.059	1.000		
3	< 0.001*	0.006*	1.000	
4	0.416	0.767	< 0.001*	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre as E1 e E3, entre as E2 e E3, e entre as E3 e E4.

Tabela 16 - Comparações pareadas de probabilidades para as três séries em relação à resposta abstrata (estudo piloto).

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001*	1.000	
8ª.	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre as três séries escolares.

As interações encontradas na relação entre as variáveis parecem ser devido às discrepâncias de resultados entre E3 e E4, para as respostas irrelevantes da faixa etária de 8 anos e 9 anos e 11 meses, e entre a E4 das demais, para as respostas concretas desta mesma faixa etária.

Para a resposta irrelevante, a E4 (classe média-alta) diferiu apenas das E3 (classe baixa) e E2 (classe média-baixa), para a resposta concreta, diferiu apenas da E1 (classe média) e para resposta abstrata, apenas de E3. Dado que as diferenças significantes encontradas entre a E4 e as demais, foram poucas, não caracterizando uma diferença para todas as respostas, decidiu-se aplicar o TBP apenas às escolas públicas.

4. Tratamento dos Resultados

Após a aplicação do TBP os dados foram tratados através de uma análise de variância (two way) para escolas e séries, tendo sido realizadas comparações

pareadas de probabilidades de Tukey.

Foi realizado também um estudo da homogeneidade do instrumento.

Foram estabelecidas normas para cada tipo de respostas a partir da elaboração das ordens percentílicas para as três faixas etárias.

CAPÍTULO V - RESULTADOS

1. Apresentação e Discussão

1.1 Região de Ribeirão Preto

Após a aplicação do TBP, este foi avaliado segundo critério de atribuição de pontos, descrito no estudo piloto.

Os tempos médios para responder ao TBP, das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira, são apresentados na Tabela 17, a seguir.

Tabela 17 - Tempo médio (\bar{X}) de respostas ao TBP das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira.

		Séries	2ª.	5ª.	8ª.
		Idades	8a --- 9a 11m	11a --- 12a 11m	14a --- 15a 11m
Cidades	Grupos	\bar{X}	\bar{X}	\bar{X}	
Sto Ant. Alegria	Classe Baixa(E5)	16 min 36seg	8min 16seg	6min 12seg	
Porto Ferreira	Classe Baixa(E6)	30min 17 seg	9min 49seg	7min 48seg	
	Classe Média(E7)	18min 11seg	8min 45seg	5min 32seg	

Observa-se que, à medida em que aumenta a idade, o tempo médio utilizado pelos sujeitos diminui.

As médias, desvios-padrão e medianas dos escores do TBP, das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira são apresentadas na Tabela 18, a seguir. A amostra de Ribeirão Preto, analisada no estudo piloto, foi mantida como representativa desta cidade no presente estudo.

Tabela 18 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira.

Cidades	Grupos	Séries	2ª			5ª			8ª		
		Idades	8a --- 9a 11m			11a --- 12a 11m			14a --- 15a 11m		
		Resp. X σ md	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
Santo Antonio Alegria	Escola 5 (C.B.)	X	7.533	9.267	3.200	2.400	6.800	10.800	0.133	1.133	18.533
		σ	4.749	5.351	1.859	2.586	4.586	5.672	0.352	2.059	1.995
		md	9.000	8.000	3.000	2.000	7.000	10.000	0.000	1.000	19.000
Porto Ferreira	Escola 6 (C.M.)	X	7.611	6.667	5.778	3.444	6.222	10.333	0.579	2.000	17.421
		σ	3.127	2.657	3.001	3.014	2.691	4.550	1.261	2.494	3.115
		md	7.000	7.000	6.000	3.500	6.000	9.000	0.000	1.000	19.000
	Escola 7 (C.B.)	X	8.053	6.053	5.316	1.778	7.500	10.722	0.333	1.778	17.889
		σ	3.291	2.592	2.790	2.102	4.902	5.644	0.767	2.102	2.541
		md	9.000	6.000	6.000	1.000	6.500	10.000	0.000	5.000	18.500

Observa-se que à medida em que aumenta a idade, diminuem as médias de respostas irrelevantes e concretas, e aumentam as médias de respostas abstratas para todos os grupos.

Na faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, esta tendência ainda não é clara, dado que as médias dos três tipos de respostas encontram-se muito próximas, com exceção da E5 que apresentou uma média de respostas concretas um pouco abaixo das demais escolas.

Na faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses, observa-se um aumento das médias de respostas abstratas com uma diminuição das médias de respostas irrelevantes nas três escolas. As médias de respostas concretas permanecem quase iguais às do grupo anterior.

Na faixa etária de 14 a 15 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem sensivelmente. Já as médias de respostas abstratas aproximam-se de 20, o número máximo de respostas ao TBP.

Estes resultados estão representados graficamente na Figura 2, a seguir.

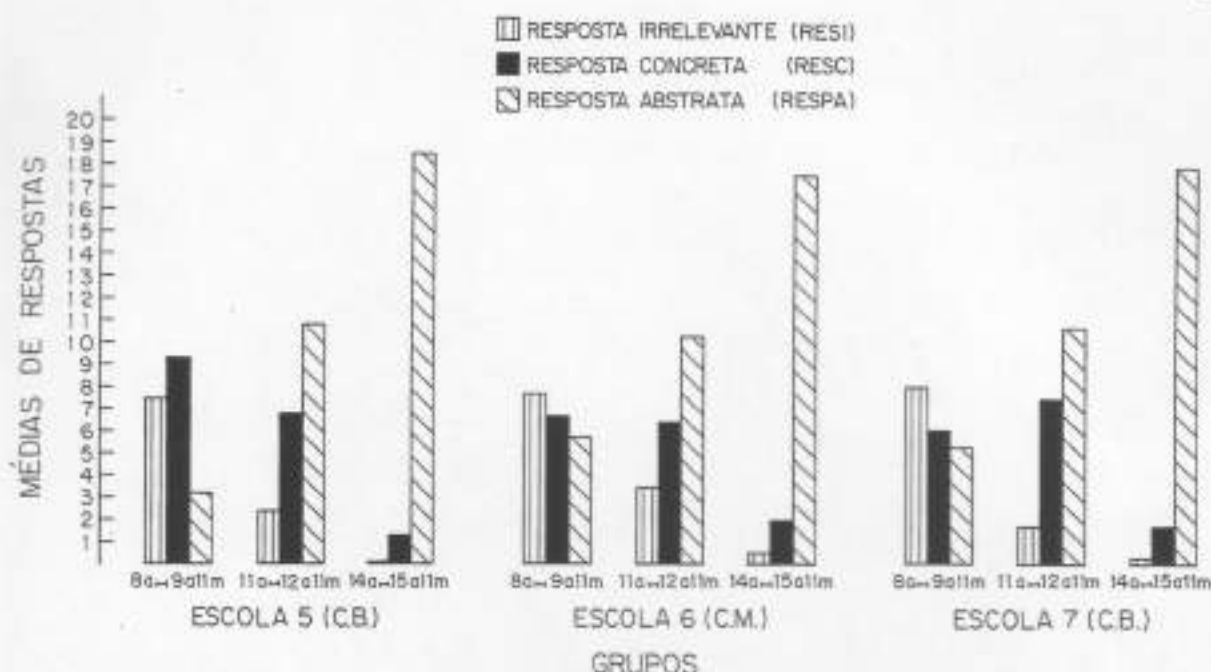


Figura 2 - Médias (\bar{X}) de respostas ao TBP das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira.

1.2 Região do Vale do Ribeira

Após a aplicação do instrumento, este foi avaliado segundo o critério estabelecido no estudo piloto.

As médias de tempo para responder ao TBP foram calculadas e são apresentadas na Tabela 19, a seguir.

Tabela 19 - Tempo médio de respostas (\bar{X}) ao TBP das cidades de Barra do Turvo e Registro.

Cidades	Séries	2ª	5ª	8ª
		Idades	Idades	Idades
	X	\bar{X}	\bar{X}	\bar{X}
Barra do Turvo	Escola 8 (C.M.B.)	8a --- 9a 11m	11a --- 12a 11m	14a --- 15a 11m
		16min 38seg	12min 20seg	8min 46seg
Registro	Escola 9 (C.B.)	21min 8 seg	10min 36seg	7min 33seg
	Escola 10 (C.M.B.)	17min 17seg	8min 59seg	6min 16seg
	Escola 11 (C.M.)	11min 20seg	8min 53seg	6min 52seg

Nota-se que à medida em que a idade aumenta, o tempo médio de respostas ao TBP diminui sensivelmente.

As médias, desvios-padrão e medianas dos escores no TBP para as cidades de Barra do Turvo e Registro são apresentadas na Tabela 20, a seguir.

Tabela 20 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP das de Barra do Turvo e Registro.

Cidades	Grupos	Séries	2ª			5ª			8ª		
		Idades	8a	9a	11m	11a	12a	11m	14a	15a	11m
		Resp.	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
		X σ md									
Barra do Turvo	Escola 8 (C.M.B.)	X	8.500	6.800	4.700	2.300	6.700	11.000	0.100	1.800	18.100
		σ	3.064	2.098	2.359	3.020	3.335	4.967	0.316	3.676	3.695
		md	9.000	7.000	5.000	0.500	7.000	10.500	0.000	0.500	19.500
Registro	Escola 9 (C.B.)	X	7.400	6.200	6.400	2.455	8.727	8.818	0.333	1.556	18.111
		σ	2.914	1.751	2.011	2.115	4.671	4.215	0.707	1.424	2.088
		md	8.000	6.000	6.000	2.000	9.000	8.000	0.000	1.000	19.000
	Escola 10 (C.M.B.)	X	7.000	7.500	5.500	2.300	5.200	12.500	0.300	1.200	18.500
		σ	2.357	1.900	2.321	2.541	3.190	5.503	0.675	1.687	1.841
		md	7.000	8.000	6.000	1.500	4.000	15.000	0.000	0.500	19.000
	Escola 11 (C.M.)	X	7.100	5.800	7.100	2.800	5.800	11.400	0.100	1.000	18.900
		σ	5.527	3.584	6.437	3.795	5.574	7.276	0.316	2.160	2.470
		md	6.000	5.500	4.500	1.000	4.000	13.500	0.000	0.000	20.000

Observa-se que à medida que aumenta a idade, diminuem as médias de respostas irrelevantes e concretas, e aumentam as médias de respostas abstratas para todos os grupos.

Na faixa etária de 8 anos e 9 anos e 11 meses, esta tendência também não é clara, dado que as médias de respostas irrelevantes, concretas e abstratas encontram-se muito próximas.

Na faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses, as médias de respostas

irrelevantes diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam. Já as médias de respostas concretas não diferem muito daquelas encontrada para a faixa etária anterior.

Na faixa etária de 14 anos a 15 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas são muito baixas, sendo as primeiras quase nulas. Já as médias de respostas abstratas encontram-se muito próximas de 20, número máximo de respostas ao TBP.

Estes resultados são representados graficamente na Figura 3, a seguir.

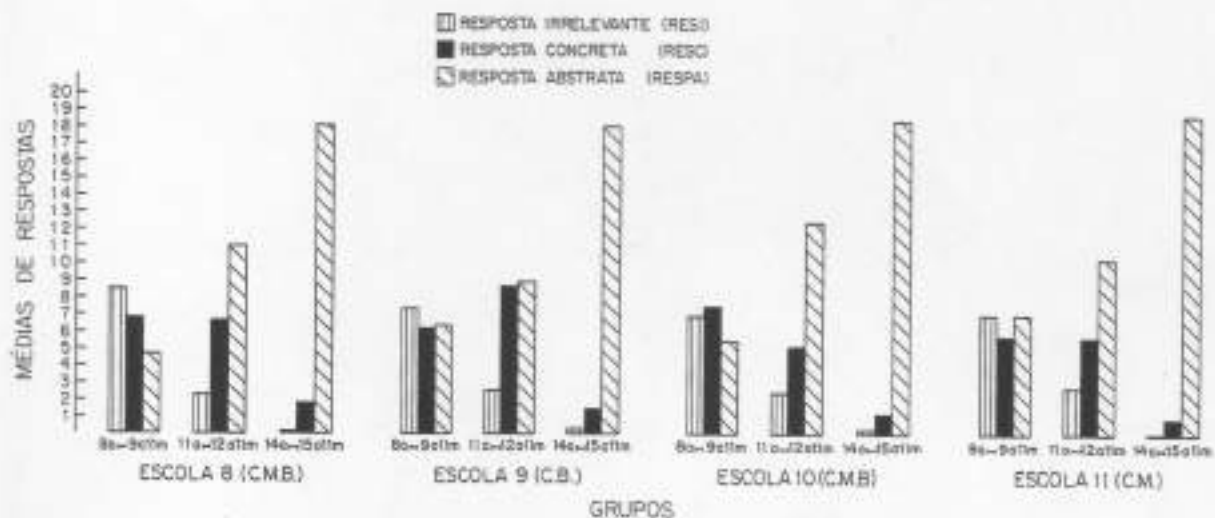


Figura 3 - Médias de respostas ao TBP das cidades de Barra do Turvo e Registro.

1.3 Região Metropolitana de São Paulo

Após a aplicação do instrumento, este foi avaliado segundo critério descrito anteriormente, no estudo piloto.

Os tempos médios de respostas ao TBP foram calculados e são apresentados na Tabela 21.

Tabela 21 - Tempo médio (\bar{X}) de respostas ao TBP da região metropolitana de São Paulo.

Cidades	Séries	2 ^a .	5 ^a .	8 ^a .
	Idades	8a --- 9a 11m	11a --- 12a 11m	14a --- 15a 11m
	X	\bar{X}	\bar{X}	\bar{X}
Grupos				
Caieiras	Escola 12 (C.B.)	16 min 37seg	11min 40seg	6min 30seg
	Escola 13 (C.M.)	16min 18seg	7min 48seg	5min
Mogi das Cruzes	Escola 14 (C.B.)	23min 14seg	10min 24seg	6min 18seg
	Escola 15 (C.M.B.)	16min 4seg	9min 3seg	5min 40seg
	Escola 16 (C.M.)	13 min 39seg	10min	5min 38seg
São Paulo	Escola 17 (C.B.)	11 min 47seg	9min 21seg	8min 30seg
	Escola 19 (C.M.B.)	17 min 35seg	8min 38seg	5min 39seg
	Escola 18 (C.M.)	17 min 23seg	8min 22seg	5min 36seg

Observa-se que à medida em que aumenta a idade, o tempo médio de respostas ao TBP diminui sensivelmente para todos os grupos de sujeitos.

As médias, desvios-padrão e medianas dos escores no TBP, para a cidade de Caieiras são apresentadas na Tabela 22, a seguir.

Tabela 22 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP para a cidade de Caieiras.

Grupos	Séries	2 ^a .			5 ^a .			8 ^a .		
	Idades	8a --- 9a 11m			11a --- 12a 11m			14a --- 15a 11m		
	Resp.	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
	\bar{X} σ md									
Escola 12 (C.B.)	X	7.667	6.667	5.667	3.267	6.600	10.200	0.667	3.133	16.200
	σ	2.845	3.177	2.225	3.615	5.705	6.338	1.291	4.373	4.280
	md	8.000	6.000	6.000	2.000	6.000	10.000	0.000	1.000	17.000
Escola 13 (C.M.)	X	4.933	9.200	5.733	0.933	5.467	13.600	0.000	0.533	19.467
	σ	3.788	4.916	5.663	1.387	4.155	4.273	0.000	0.743	0.743
	md	4.000	8.000	4.000	0.000	4.000	15.000	0.000	0.000	20.000

Observa-se que à medida em que aumenta a idade, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam.

Para a faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, esta tendência ainda não é clara, pois, as médias de respostas irrelevantes, concretas e abstratas estão muito próximas. A E13 destaca-se com a média de respostas concretas mais elevada.

Para a faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses as médias de respostas irrelevantes diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam. Já as médias de respostas concretas mantiveram-se quase iguais às da faixa etária anterior para a E12 e diminuíram para a E13.

Estes resultados são representados graficamente na Figura 4, a seguir.

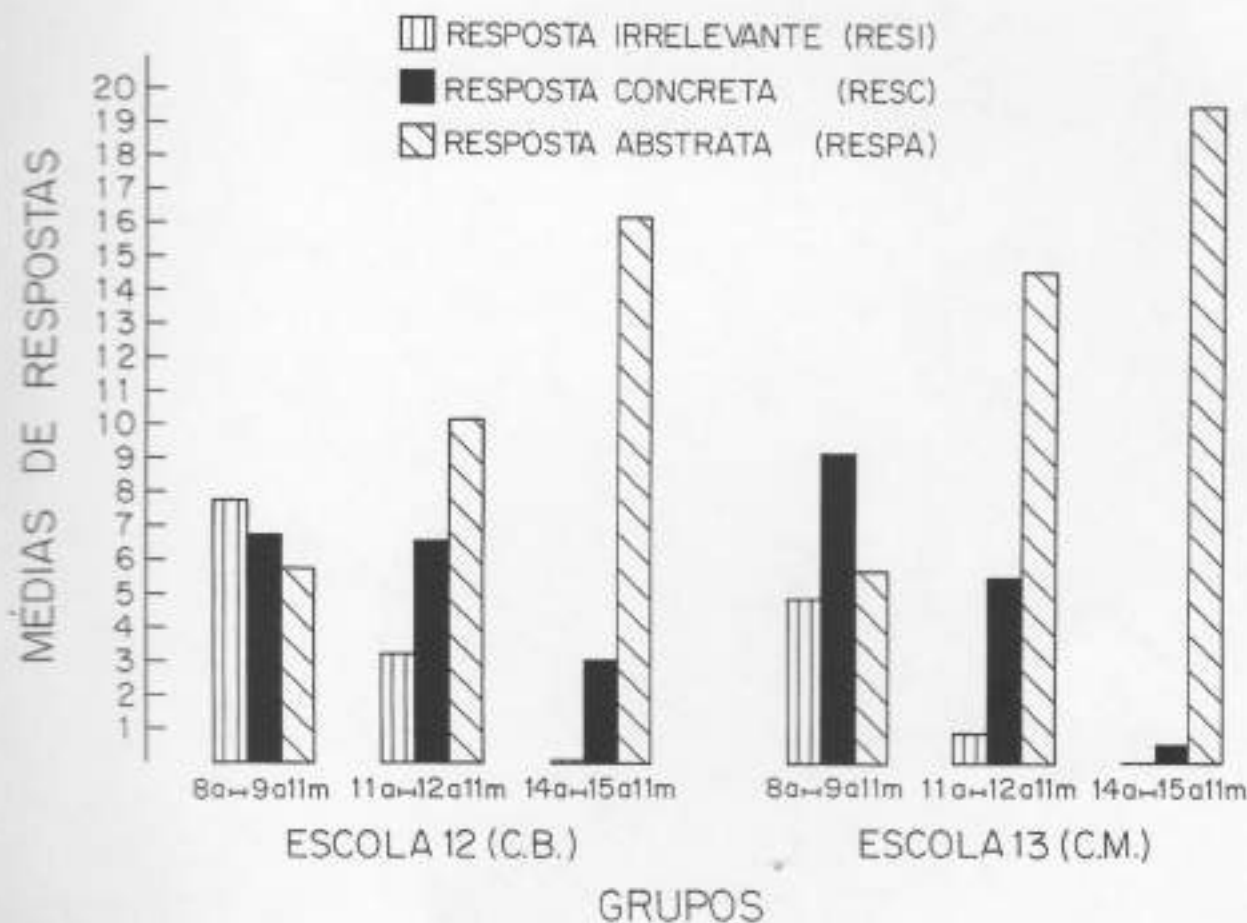


Figura 4 - Médias de respostas ao TBP da cidade de Caieiras.

Médias, desvios-padrão e medianas de respostas encontradas para a amostra da cidade de Mogi das Cruzes, são apresentadas na Tabela 23, a seguir.

Tabela 23 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP para a cidade de Mogi das Cruzes.

Grupos	Séries Idades	2 ^o			5 ^o			8 ^o		
		8a --- 9a 11m			11a --- 12a 11m			14a --- 15a 11m		
	Resp. \bar{X} σ md	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
Escola 14 (C.B.)	X	6.786	7.571	5.643	2.667	6.944	10.444	0.444	2.778	16.778
	σ	2.517	3.390	1.946	3.218	4.544	6.224	0.856	2.861	2.981
	md	7.000	7.000	5.500	1.500	5.500	11.500	0.000	2.500	17.000
Escola 15 (C.M.B.)	X	6.278	8.444	5.056	1.556	4.722	13.722	0.294	1.765	17.941
	σ	3.786	4.617	3.918	1.947	3.953	5.074	0.470	2.016	2.076
	md	7.000	7.000	3.500	1.000	4.500	14.000	0.000	1.000	19.000
Escola 16 (C.M.)	X	6.706	7.647	5.647	1.824	5.941	12.235	0.278	1.444	18.278
	σ	4.497	4.554	4.623	2.069	3.750	5.081	0.752	1.917	2.321
	md	7.000	7.000	4.000	1.000	6.000	13.000	0.000	0.500	19.500

Observa-se que à medida em que aumenta a idade, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam para todos os grupos.

Na faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, esta tendência ainda não é clara, pois, as médias de respostas irrelevantes, concretas e abstratas também estão muito próximas.

Na faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11, meses as médias de respostas irrelevantes diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam. Já as médias de respostas concretas, também continuam próximas àquelas encontradas para a faixa etária anterior.

Na faixa etária de 14 a 15 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem sensivelmente, sendo que as primeiras são quase

nulas. As médias de respostas abstratas estão próximas de 20, número máximo de respostas ao TBP.

Estes resultados encontram-se representados graficamente na Figura 5, a seguir.

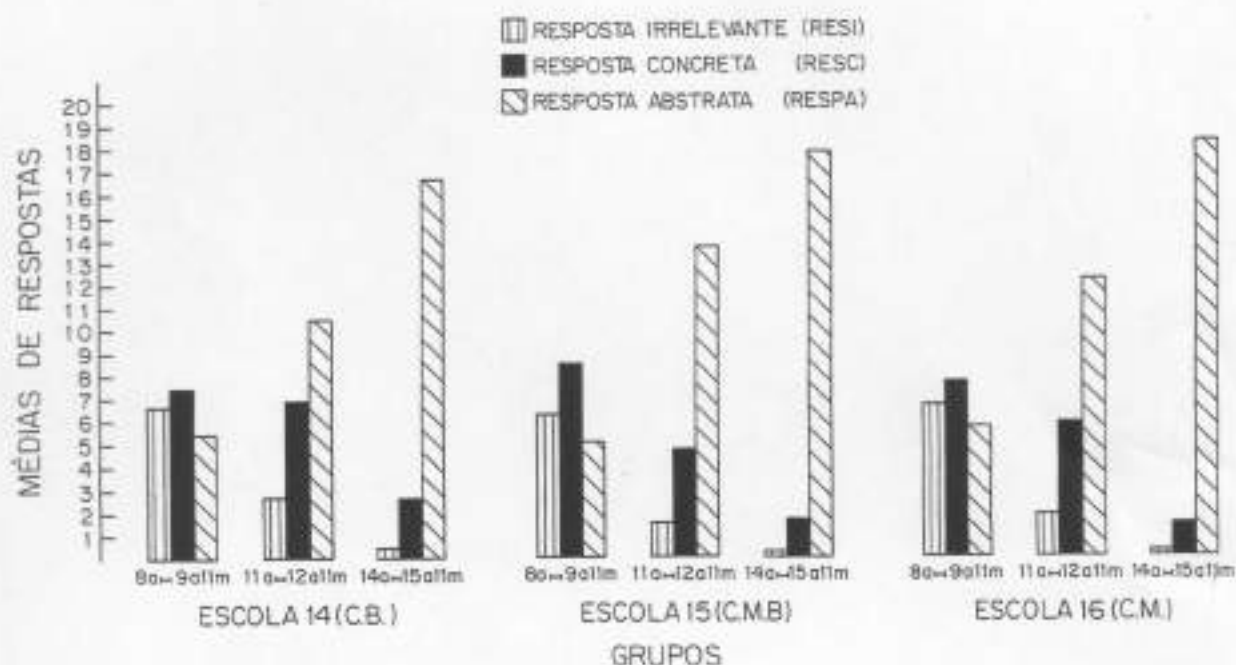


Figura 5 - Médias de Respostas ao TBP para a cidade de Mogi das Cruzes.

As médias, desvios-padrão e medianas das respostas irrelevantes, concretas e abstratas encontradas para a amostra de São Paulo, são apresentadas na Tabela 24, a seguir.

Tabela 24 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas das respostas (md) irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP para a cidade de São Paulo.

Grupos	Séries	2 ^o			5 ^o			8 ^o		
	Idades	8a --- 9a 11m		11a --- 12a 11m			14a --- 15a 11m			
	Resp. X σ md	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
Escola 17 (C.B.)	X	7.125	8.333	4.542	4.033	7.333	8.667	1.419	2.871	15.710
	σ	3.040	3.409	2.702	2.977	3.790	4.444	1.544	2.487	3.237
	md	6.500	8.000	4.000	4.000	7.000	7.000	1.000	2.000	16.000
Escola 18 (C.M.)	X	6.192	8.692	4.808	1.050	5.400	13.600	0.467	1.567	17.967
	σ	4.409	4.155	4.167	1.731	3.789	4.806	0.860	2.208	2.553
	md	5.500	7.500	3.000	0.000	5.500	14.000	0.000	0.500	19.000
Escola 19 (C.M.B.)	X	6.125	9.250	4.531	1.393	6.071	12.500	0.441	2.235	17.353
	σ	3.508	4.656	3.193	1.792	4.594	5.217	0.824	2.090	2.200
	md	7.000	8.500	4.500	1.000	5.500	11.500	0.000	2.000	17.500

Verifica-se que à medida em que aumenta a idade, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam para todos os grupos.

Para a faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas encontram-se muito próximas e são mais elevadas do que as médias de respostas abstratas.

Para a faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam.

Na faixa etária de 14 a 15 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas são muito baixas, sendo as primeiras quase nulas. As médias de respostas abstratas estão mais próximas de 20, número máximo de respostas ao TBP.

Estes resultados estão representados graficamente na Figura 6, a seguir.

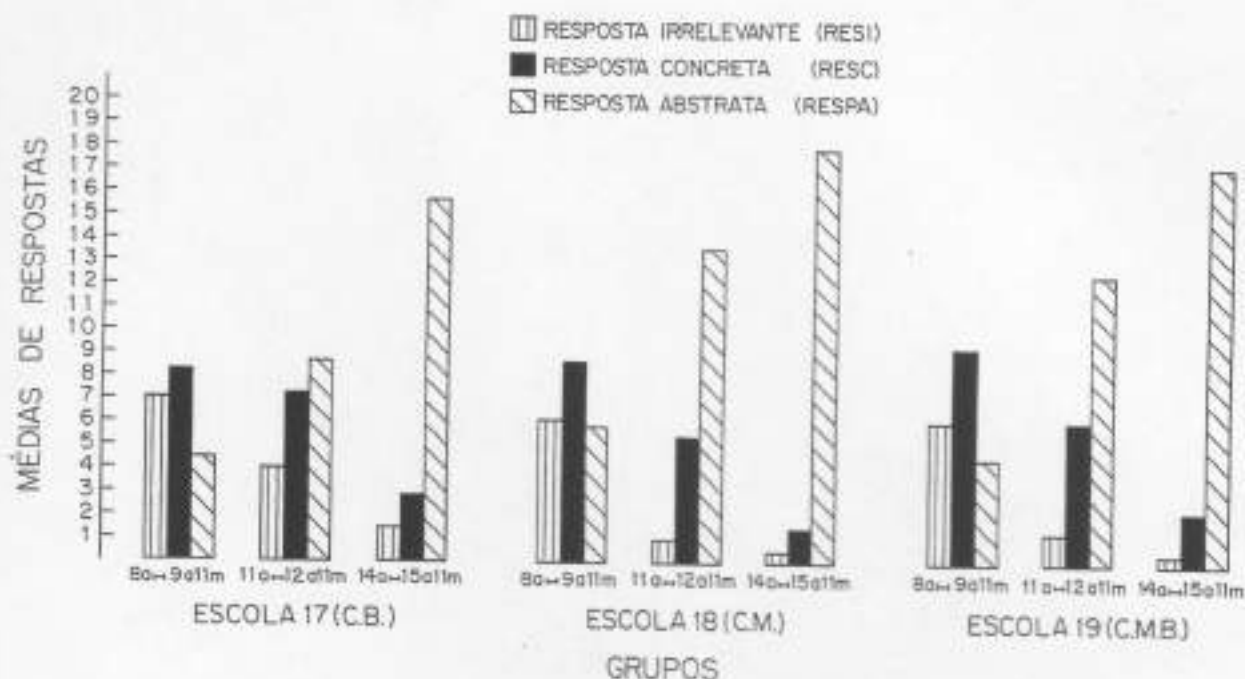


Figura 6 - Médias de respostas ao TBP para a cidade de São Paulo

1.4 Análise de variância realizada para regiões e séries.

Foi realizada uma análise de variância (two way) para as três regiões e séries do Estado de São Paulo em relação a cada um dos tipos de respostas ao TBP.

Os resultados indicaram que, para o tipo de resposta irrelevante, não houve diferença significativa entre as regiões, sendo $\{F(2, 1066) = 0,72; p > 0,05\}$ e sim, entre as séries escolares, sendo $\{F(2, 1066) = 382,79; p < 0,001\}$. Não houve interação na relação entre as variáveis $\{F(4, 1066) = 1,32; p > 0,05\}$.

Dado que ocorreram diferenças significativas entre as séries, procurou-se identificar tais diferenças através das comparações pareadas de probabilidades, de Tukey, apresentadas na Tabela 25, a seguir.

Tabela 25 - Comparações pareadas de probabilidades entre as séries escolares (resposta irrelevante).

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001*	1.000	
8ª.	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Verifica-se que foram encontradas diferenças significantes entre todas as séries escolares.

Para o tipo de resposta concreta, também não foram encontradas diferenças significantes entre as regiões, sendo $\{F(2, 1066) = 2,43; p > 0,05\}$, e sim entre as séries escolares sendo $\{F(2, 1066) = 179,46; p < 0,001\}$. Não houve interação na relação entre as variáveis, sendo $\{F(4, 1066) = 1,91; p > 0,05\}$.

Dado que ocorreram diferenças significantes entre as séries, tais diferenças foram identificadas através das comparações pareadas de probabilidades de Tukey, e são apresentadas na Tabela 26, a seguir.

Tabela 26 - Comparações pareadas de probabilidades entre as séries escolares (respostas concretas).

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001*	1.000	
8ª.	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre todas as séries.

Para o tipo de resposta abstrata, também não foram diferenças significantes entre as regiões, sendo $\{F(2, 1066) = 0,89; p > 0,05\}$, e sim entre as

séries, sendo $\{F(2, 1066) = 564,16; p > 0,05\}$. Não houve interação na relação entre as variáveis, sendo $\{F(4, 1066) = 1,59; p > 0,05\}$.

As diferenças significantes encontradas entre as séries foram identificadas através das comparações pareadas de probabilidade de Tukey, apresentadas na Tabela 27, a seguir.

Tabela 27 - Comparações pareadas de probabilidades entre as séries escolares (resposta concreta).

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001*	1.000	
8ª.	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre todas as séries

Os resultados apresentados pelas três faixas etárias, nas três diferentes regiões do Estado de São Paulo, indicam uma tendência cognitiva evolutiva.

Tal tendência, configurada pela diminuição da emissão de respostas irrelevantes e concretas e aumento da emissão de respostas abstratas, com o aumento da idade, vai ao encontro aos estudos de RICHARDSON e CHURCH (1959), SILVA (1989) e LOMÔNACO et al. (1993). Seus resultados evidenciaram o aumento de respostas abstratas ou metafóricas, em detrimento das respostas concretas ou literais e irrelevantes.

Além disso, tais resultados podem ser interpretados à luz de algumas concepções teóricas acerca do desenvolvimento cognitivo infantil (PIAGET, 1977, VYGOSTKY, 1987 e BRUNER (apud GIACAGLIA, 1980)).

Estas concepções teóricas, em especial a de PIAGET, concebem o desenvolvimento infantil como composto por estágios que se sucedem uns aos outros, indicando assim as possibilidades do indivíduo.

Desta forma, a predominância de respostas concretas caracterizaria o pensamento operatório concreto, calcado na verificação objetiva. E a predominância de respostas abstratas, caracterizaria o pensamento formal, hipotético-dedutivo.

Na faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, porém, a predominância também de respostas irrelevantes, parece indicar a presença de um pensamento mais primitivo, pré-lógico (PIAGET, 1977) e superinclusivo (SOUZA e SILVA, 1992).

Na faixa etária de 11 a 12 anos e 11 meses, há o predomínio de respostas abstratas, mas ainda aparecem muitas respostas concretas. Isto parece indicar um período de transição entre o pensamento operatório concreto e o pensamento formal.

Na faixa etária de 14 anos a 15 anos e 11 meses, a predominância absoluta de respostas abstratas, indica o estabelecimento do pensamento formal. Ou seja, o indivíduo pode prescindir do presente e raciocinar por hipóteses e implicações.

1.5 Estudo da homogeneidade do TBP

Foi realizado um estudo, através das matrizes de correlações de PEARSON, para verificar a homogeneidade do instrumento, a partir do resultado de todos os sujeitos (N = 1075). A comparação de cada item com o total é apresentada na Tabela 28, a seguir.

Tabela 28 - Correlação entre os itens e o teste como um todo (N = 1075).

Itens	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Total	0,645	0,508	0,663	0,663	0,706	0,676	0,616	0,765	0,778	0,799
Itens	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Total	0,655	0,668	0,590	0,675	0,661	0,663	0,684	0,505	0,751	0,712

Observa-se que houve uma correlação positiva entre todos os itens e o total do teste, sugerindo uma homogeneidade do instrumento.

1.6 Normalização do TBP para o Estado de São Paulo

Dado que não houve diferença significativa entre as regiões, foram estabelecidas normas para o TBP, a partir do cálculo das ordens percentilicas de cada tipo de resposta em relação às três faixas etárias.

Para tanto, utilizou-se a fórmula:

$$OP = \frac{fac + \frac{fn}{2}}{n} \times 100$$

onde:

OP = ordem percentilica

fac = frequência acumulada anterior à classe escolhida

fn = frequência simples da classe escolhida

n = somatório das frequências ou número total dos casos

Os resultados encontrados para a faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, são apresentados nas Tabelas 29, 30 e 31, a seguir.

Tabela 29 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta irrelevante (8 anos a 9 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	17	17	2
1	18	35	7
2	21	56	13
3	20	76	18
4	23	99	25
5	30	129	32
6	31	160	41
7	31	191	50
8	37	228	60
9	40	268	71
10	27	295	80
11	18	319	87
12	21	334	92
13	8	342	96
14	2	344	98
15	2	346	98
16	3	349	99

Observa-se que quanto menor o número e maior a frequência de respostas irrelevantes, menor é a ordem percentilica.

Tabela 30 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta concreta (8 anos a 9 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0 — 2	12	12	1
3	14	26	5
4	35	61	12
5	39	100	23
6	53	153	36
7	35	188	48
8	44	232	60
9	23	255	69
10	32	287	77
11	13	300	84
12	4	304	86
13	7	311	88
14	8	319	90
15	7	326	92
16	5	331	94
17	5	336	95
18	8	344	97
19	2	346	98
20	3	349	99

Observa-se que quanto menor o número e maior a frequência de respostas concretas, menor é a ordem percentilica.

Tabela 31 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta abstrata (8 anos a 9 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	13	13	1
1	28	41	7
2	32	73	16
3	54	127	31
4	40	167	42
5	36	203	53
6	34	237	63
7	32	269	72
8	18	287	79
9	25	312	85
10	7	319	90
11	15	334	93
12	3	337	96
13	1	338	96
14	2	340	97
15	2	342	97
16	3	345	98
18	2	347	99
20	2	349	99

Observa-se que quanto menor o número e maior a frequência de respostas abstratas, menor é a ordem percentilica.

Tabela 32 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta irrelevante (11 anos a 12 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	134	134	18
1	58	192	45
2	42	234	59
3	26	260	69
4	18	278	75
5	30	308	82
6	17	325	88
7	15	340	93
8	5	345	96
9	4	349	97
10	4	353	98
11	2	355	99
13	1	356	99

Observa-se que quanto menor o número e maior a freqüência de respostas abstratas, menor é a ordem percentilica.

Tabela 33 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta concreta (11 anos a 12 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	30	30	4
1	22	52	11
2	22	74	17
3	33	107	25
4	31	138	34
5	26	164	42
6	38	202	51
7	27	229	60
8	26	255	67
9	29	284	75
10	18	302	82
11	9	311	86
12	13	324	89
13	6	330	91
14	9	339	93
15	4	343	95
16	6	349	97
17	1	350	98
18	5	355	99
19	1	356	99

Observa-se que quanto menor o número, maior a frequência de respostas concretas e a ordem percentilica.

Tabela 34 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta abstrata (11 anos a 12 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0 --- 1	8	8	1
2	8	16	3
3	8	24	5
4	19	43	9
5	19	62	14
6	20	82	20
7	22	104	26
8	16	120	31
9	20	140	36
10	27	167	43
11	9	176	48
12	19	195	52
13	16	211	57
14	18	229	61
15	20	249	67
16	29	278	74
17	17	295	80
18	16	311	85
19	19	330	90
20	26	356	96

Observa-se que quanto maior o número de respostas abstratas, maior a sua freqüência e a ordem percentilica.

Tabela 35 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta irrelevantes (14 anos a 15 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	285	285	38
1	47	332	83
2	16	348	95
3	13	361	96
4	7	368	98
9	1	369	99

Observa-se que quanto menor o número de respostas irrelevantes, maior a sua frequência e menor a ordem percentilica.

Tabela 36 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta concreta (14 anos a 15 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	164	164	22
1	67	231	53
2	38	269	67
3	27	296	76
4	26	322	83
5	13	335	89
6	15	350	92
7	10	360	96
8	3	363	97
9	2	365	98
10	1	366	99
11	1	367	99
12	1	368	99
13	1	369	99

Observa-se que quanto menor o número de respostas concretas, maior é a sua frequência e menor a ordem percentilica.

Tabela 37 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta abstrata (14 anos a 15 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
6 --- 10	9	9	1
11	4	13	2
12	6	19	4
13	15	34	7
14	12	46	10
15	23	69	15
16	27	96	22
17	25	121	29
18	32	153	37
19	71	224	51
20	145	369	80

Observa-se que quanto maior o número e a freqüência de respostas abstratas, maior é a ordem percentilica.

Estes resultados implicam numa avaliação do sujeito a partir da análise simultânea dos três tipos de respostas.

Assim, para uma criança de 8 anos que emitiu 5 respostas irrelevantes ($OP = 32$), 12 respostas concretas ($OP = 86$) e 5 respostas abstratas ($OP = 73$), obteve um resultado esperado para a sua idade, com a predominância de respostas concretas.

As porcentagens de respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP, estão representadas graficamente na Figura 7, a seguir.

Foram identificadas diferenças significantes entre as E1 e E3, entre as E2 e E3, e entre as E3 e E4.

Tabela 16 - Comparações pareadas de probabilidades para as três séries em relação à resposta abstrata (estudo piloto).

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001*	1.000	
8ª.	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre as três séries escolares.

As interações encontradas na relação entre as variáveis parecem ser devido às discrepâncias de resultados entre E3 e E4, para as respostas irrelevantes da faixa etária de 8 anos e 9 anos e 11 meses, e entre a E4 das demais, para as respostas concretas desta mesma faixa etária.

Para a resposta irrelevante, a E4 (classe média-alta) diferiu apenas das E3 (classe baixa) e E2 (classe média-baixa), para a resposta concreta, diferiu apenas da E1 (classe média) e para resposta abstrata, apenas de E3. Dado que as diferenças significantes encontradas entre a E4 e as demais, foram poucas, não caracterizando uma diferença para todas as respostas, decidiu-se aplicar o TBP apenas às escolas públicas.

4. Tratamento dos Resultados

Após a aplicação do TBP os dados foram tratados através de uma análise de variância (two way) para escolas e séries, tendo sido realizadas comparações

pareadas de probabilidades de Tukey.

Foi realizado também um estudo da homogeneidade do instrumento.

Foram estabelecidas normas para cada tipo de respostas a partir da elaboração das ordens percentílicas para as três faixas etárias.

CAPÍTULO V - RESULTADOS

1. Apresentação e Discussão

1.1 Região de Ribeirão Preto

Após a aplicação do TBP, este foi avaliado segundo critério de atribuição de pontos, descrito no estudo piloto.

Os tempos médios para responder ao TBP, das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira, são apresentados na Tabela 17, a seguir.

Tabela 17 - Tempo médio (\bar{X}) de respostas ao TBP das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira.

		Séries	2ª.	5ª.	8ª.
		Idades	8a --- 9a 11m	11a --- 12a 11m	14a --- 15a 11m
Cidades	Grupos	\bar{X}	\bar{X}	\bar{X}	
Sto Ant. Alegria	Classe Baixa(E5)	16 min 36seg	8min 16seg	6min 12seg	
Porto Ferreira	Classe Baixa(E6)	30min 17 seg	9min 49seg	7min 48seg	
	Classe Média(E7)	18min 11seg	8min 45seg	5min 32seg	

Observa-se que, à medida em que aumenta a idade, o tempo médio utilizado pelos sujeitos diminui.

As médias, desvios-padrão e medianas dos escores do TBP, das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira são apresentadas na Tabela 18, a seguir. A amostra de Ribeirão Preto, analisada no estudo piloto, foi mantida como representativa desta cidade no presente estudo.

Tabela 18 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira.

Cidades	Grupos	Séries	2ª			5ª			8ª		
		Idades	8a --- 9a 11m			11a --- 12a 11m			14a --- 15a 11m		
		Resp. X σ md	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
Santo Antonio Alegria	Escola 5 (C.B.)	X	7.533	9.267	3.200	2.400	6.800	10.800	0.133	1.133	18.533
		σ	4.749	5.351	1.859	2.586	4.586	5.672	0.352	2.059	1.995
		md	9.000	8.000	3.000	2.000	7.000	10.000	0.000	1.000	19.000
Porto Ferreira	Escola 6 (C.M.)	X	7.611	6.667	5.778	3.444	6.222	10.333	0.579	2.000	17.421
		σ	3.127	2.657	3.001	3.014	2.691	4.550	1.261	2.494	3.115
		md	7.000	7.000	6.000	3.500	6.000	9.000	0.000	1.000	19.000
	Escola 7 (C.B.)	X	8.053	6.053	5.316	1.778	7.500	10.722	0.333	1.778	17.889
		σ	3.291	2.592	2.790	2.102	4.902	5.644	0.767	2.102	2.541
		md	9.000	6.000	6.000	1.000	6.500	10.000	0.000	5.000	18.500

Observa-se que à medida em que aumenta a idade, diminuem as médias de respostas irrelevantes e concretas, e aumentam as médias de respostas abstratas para todos os grupos.

Na faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, esta tendência ainda não é clara, dado que as médias dos três tipos de respostas encontram-se muito próximas, com exceção da E5 que apresentou uma média de respostas concretas um pouco abaixo das demais escolas.

Na faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses, observa-se um aumento das médias de respostas abstratas com uma diminuição das médias de respostas irrelevantes nas três escolas. As médias de respostas concretas permanecem quase iguais às do grupo anterior.

Na faixa etária de 14 a 15 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem sensivelmente. Já as médias de respostas abstratas aproximam-se de 20, o número máximo de respostas ao TBP.

Estes resultados estão representados graficamente na Figura 2, a seguir.

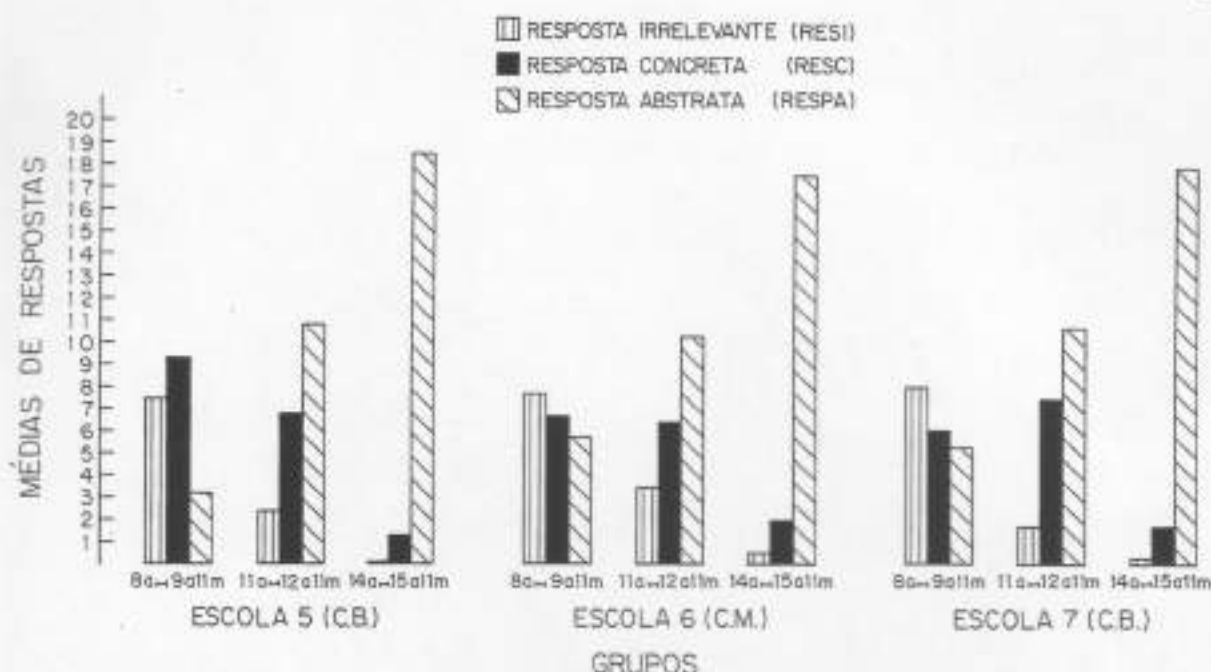


Figura 2 - Médias (\bar{X}) de respostas ao TBP das cidades de Santo Antônio da Alegria e Porto Ferreira.

1.2 Região do Vale do Ribeira

Após a aplicação do instrumento, este foi avaliado segundo o critério estabelecido no estudo piloto.

As médias de tempo para responder ao TBP foram calculadas e são apresentadas na Tabela 19, a seguir.

Tabela 19 - Tempo médio de respostas (\bar{X}) ao TBP das cidades de Barra do Turvo e Registro.

Cidades	Séries	2ª	5ª	8ª
		Idades	Idades	Idades
Grupos	X	\bar{X}	\bar{X}	\bar{X}
Barra do Turvo	Escola 8 (C.M.B.)	8a --- 9a 11m	11a --- 12a 11m	14a --- 15a 11m
		16min 38seg	12min 20seg	8min 46seg
Registro	Escola 9 (C.B.)			
		21min 8 seg	10min 36seg	7min 33seg
	Escola 10 (C.M.B.)			
		17min 17seg	8min 59seg	6min 16seg
	Escola 11 (C.M.)			
		11min 20seg	8min 53seg	6min 52seg

Nota-se que à medida em que a idade aumenta, o tempo médio de respostas ao TBP diminui sensivelmente.

As médias, desvios-padrão e medianas dos escores no TBP para as cidades de Barra do Turvo e Registro são apresentadas na Tabela 20, a seguir.

Tabela 20 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP das de Barra do Turvo e Registro.

Cidades	Grupos	Séries	2ª			5ª			8ª		
		Idades	8a	9a	11m	11a	12a	11m	14a	15a	11m
		Resp. X σ md	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
Barra do Turvo	Escola 8 (C.M.B.)	X	8.500	6.800	4.700	2.300	6.700	11.000	0.100	1.800	18.100
		σ	3.064	2.098	2.359	3.020	3.335	4.967	0.316	3.676	3.695
		md	9.000	7.000	5.000	0.500	7.000	10.500	0.000	0.500	19.500
Registro	Escola 9 (C.B.)	X	7.400	6.200	6.400	2.455	8.727	8.818	0.333	1.556	18.111
		σ	2.914	1.751	2.011	2.115	4.671	4.215	0.707	1.424	2.088
		md	8.000	6.000	6.000	2.000	9.000	8.000	0.000	1.000	19.000
	Escola 10 (C.M.B.)	X	7.000	7.500	5.500	2.300	5.200	12.500	0.300	1.200	18.500
		σ	2.357	1.900	2.321	2.541	3.190	5.503	0.675	1.687	1.841
		md	7.000	8.000	6.000	1.500	4.000	15.000	0.000	0.500	19.000
	Escola 11 (C.M.)	X	7.100	5.800	7.100	2.800	5.800	11.400	0.100	1.000	18.900
		σ	5.527	3.584	6.437	3.795	5.574	7.276	0.316	2.160	2.470
		md	6.000	5.500	4.500	1.000	4.000	13.500	0.000	0.000	20.000

Observa-se que à medida que aumenta a idade, diminuem as médias de respostas irrelevantes e concretas, e aumentam as médias de respostas abstratas para todos os grupos.

Na faixa etária de 8 anos e 9 anos e 11 meses, esta tendência também não é clara, dado que as médias de respostas irrelevantes, concretas e abstratas encontram-se muito próximas.

Na faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses, as médias de respostas

irrelevantes diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam. Já as médias de respostas concretas não diferem muito daquelas encontrada para a faixa etária anterior.

Na faixa etária de 14 anos a 15 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas são muito baixas, sendo as primeiras quase nulas. Já as médias de respostas abstratas encontram-se muito próximas de 20, número máximo de respostas ao TBP.

Estes resultados são representados graficamente na Figura 3, a seguir.

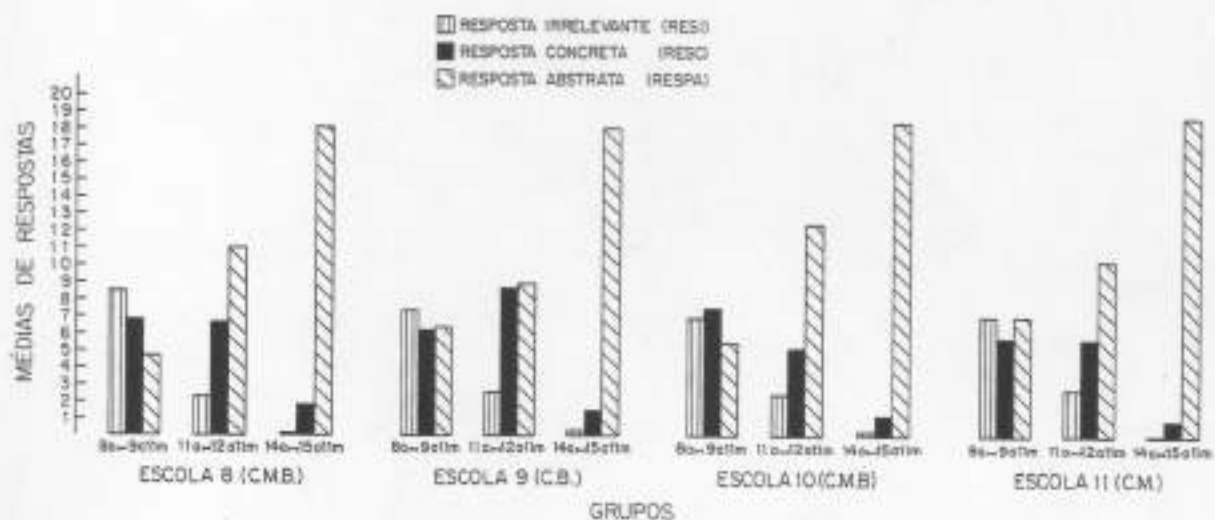


Figura 3 - Médias de respostas ao TBP das cidades de Barra do Turvo e Registro.

1.3 Região Metropolitana de São Paulo

Após a aplicação do instrumento, este foi avaliado segundo critério descrito anteriormente, no estudo piloto.

Os tempos médios de respostas ao TBP foram calculados e são apresentados na Tabela 21.

Tabela 21 - Tempo médio (\bar{X}) de respostas ao TBP da região metropolitana de São Paulo.

Cidades	Séries	2 ^a .	5 ^a .	8 ^a .
	Idades	8a --- 9a 11m	11a --- 12a 11m	14a --- 15a 11m
	X	\bar{X}	\bar{X}	\bar{X}
Grupos				
Caieiras	Escola 12 (C.B.)	16 min 37seg	11min 40seg	6min 30seg
	Escola 13 (C.M.)	16min 18seg	7min 48seg	5min
Mogi das Cruzes	Escola 14 (C.B.)	23min 14seg	10min 24seg	6min 18seg
	Escola 15 (C.M.B.)	16min 4seg	9min 3seg	5min 40seg
	Escola 16 (C.M.)	13 min 39seg	10min	5min 38seg
São Paulo	Escola 17 (C.B.)	11 min 47seg	9min 21seg	8min 30seg
	Escola 19 (C.M.B.)	17 min 35seg	8min 38seg	5min 39seg
	Escola 18 (C.M.)	17 min 23seg	8min 22seg	5min 36seg

Observa-se que à medida em que aumenta a idade, o tempo médio de respostas ao TBP diminui sensivelmente para todos os grupos de sujeitos.

As médias, desvios-padrão e medianas dos escores no TBP, para a cidade de Caieiras são apresentadas na Tabela 22, a seguir.

Tabela 22 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP para a cidade de Caieiras.

Grupos	Séries	2 ^a .			5 ^a .			8 ^a .		
	Idades	8a --- 9a 11m			11a --- 12a 11m			14a --- 15a 11m		
	Resp.	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
\bar{X} σ md										
Escola 12 (C.B.)	X	7.667	6.667	5.667	3.267	6.600	10.200	0.667	3.133	16.200
	σ	2.845	3.177	2.225	3.615	5.705	6.338	1.291	4.373	4.280
	md	8.000	6.000	6.000	2.000	6.000	10.000	0.000	1.000	17.000
Escola 13 (C.M.)	X	4.933	9.200	5.733	0.933	5.467	13.600	0.000	0.533	19.467
	σ	3.788	4.916	5.663	1.387	4.155	4.273	0.000	0.743	0.743
	md	4.000	8.000	4.000	0.000	4.000	15.000	0.000	0.000	20.000

Observa-se que à medida em que aumenta a idade, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam.

Para a faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, esta tendência ainda não é clara, pois, as médias de respostas irrelevantes, concretas e abstratas estão muito próximas. A E13 destaca-se com a média de respostas concretas mais elevada.

Para a faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses as médias de respostas irrelevantes diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam. Já as médias de respostas concretas mantiveram-se quase iguais às da faixa etária anterior para a E12 e diminuíram para a E13.

Estes resultados são representados graficamente na Figura 4, a seguir.

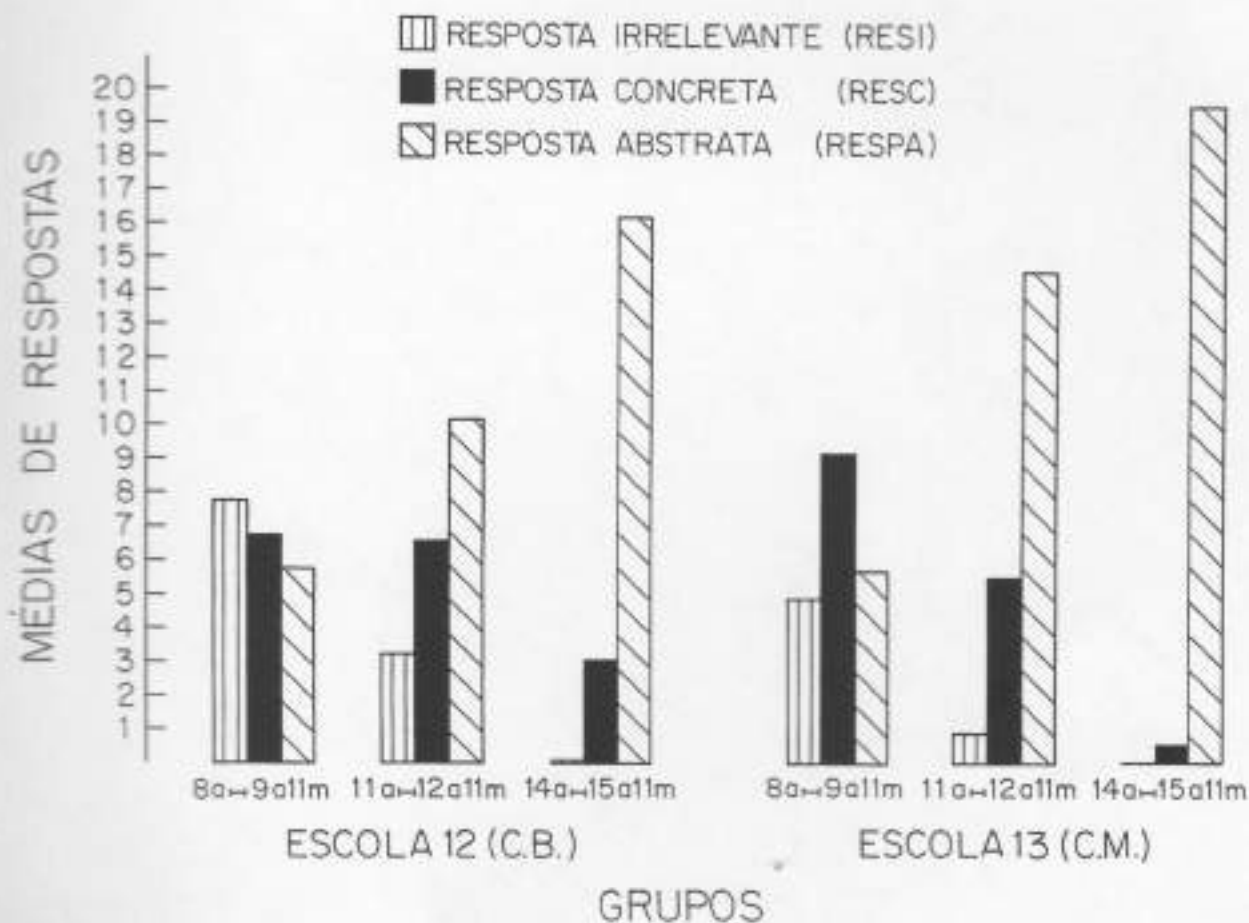


Figura 4 - Médias de respostas ao TBP da cidade de Caieiras.

Médias, desvios-padrão e medianas de respostas encontradas para a amostra da cidade de Mogi das Cruzes, são apresentadas na Tabela 23, a seguir.

Tabela 23 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas (md) das respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP para a cidade de Mogi das Cruzes.

Grupos	Séries Idades	2 ^a .			5 ^a .			8 ^a .		
		8a --- 9a 11m			11a --- 12a 11m			14a --- 15a 11m		
	Resp. \bar{X} σ md	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
Escola 14 (C.B.)	X	6.786	7.571	5.643	2.667	6.944	10.444	0.444	2.778	16.778
	σ	2.517	3.390	1.946	3.218	4.544	6.224	0.856	2.861	2.981
	md	7.000	7.000	5.500	1.500	5.500	11.500	0.000	2.500	17.000
Escola 15 (C.M.B.)	X	6.278	8.444	5.056	1.556	4.722	13.722	0.294	1.765	17.941
	σ	3.786	4.617	3.918	1.947	3.953	5.074	0.470	2.016	2.076
	md	7.000	7.000	3.500	1.000	4.500	14.000	0.000	1.000	19.000
Escola 16 (C.M.)	X	6.706	7.647	5.647	1.824	5.941	12.235	0.278	1.444	18.278
	σ	4.497	4.554	4.623	2.069	3.750	5.081	0.752	1.917	2.321
	md	7.000	7.000	4.000	1.000	6.000	13.000	0.000	0.500	19.500

Observa-se que à medida em que aumenta a idade, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam para todos os grupos.

Na faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, esta tendência ainda não é clara, pois, as médias de respostas irrelevantes, concretas e abstratas também estão muito próximas.

Na faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11, meses as médias de respostas irrelevantes diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam. Já as médias de respostas concretas, também continuam próximas àquelas encontradas para a faixa etária anterior.

Na faixa etária de 14 a 15 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem sensivelmente, sendo que as primeiras são quase

nulas. As médias de respostas abstratas estão próximas de 20, número máximo de respostas ao TBP.

Estes resultados encontram-se representados graficamente na Figura 5, a seguir.

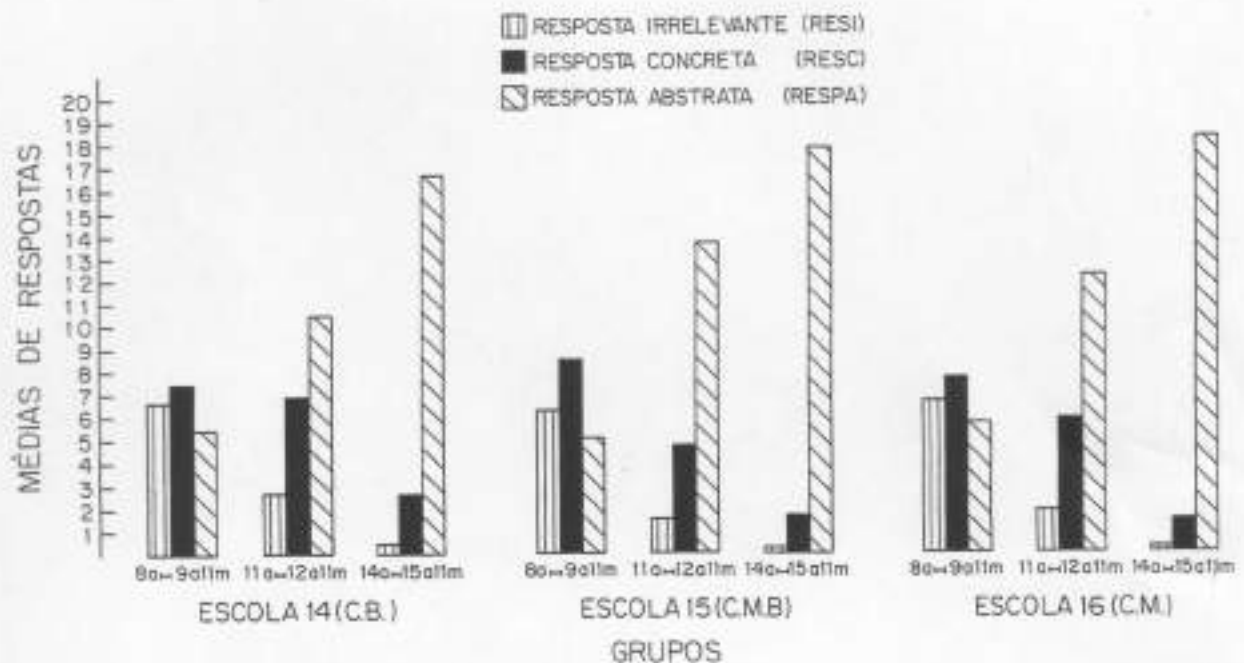


Figura 5 - Médias de Respostas ao TBP para a cidade de Mogi das Cruzes.

As médias, desvios-padrão e medianas das respostas irrelevantes, concretas e abstratas encontradas para a amostra de São Paulo, são apresentadas na Tabela 24, a seguir.

Tabela 24 - Médias (\bar{X}), desvios-padrão (σ) e medianas das respostas (md) irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP para a cidade de São Paulo.

Grupos	Séries	2 ^o			5 ^o			8 ^o		
	Idades	8a --- 9a 11m		11a --- 12a 11m			14a --- 15a 11m			
	Resp. X σ md	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA	RESI	RESC	RESPA
Escola 17 (C.B.)	X	7.125	8.333	4.542	4.033	7.333	8.667	1.419	2.871	15.710
	σ	3.040	3.409	2.702	2.977	3.790	4.444	1.544	2.487	3.237
	md	6.500	8.000	4.000	4.000	7.000	7.000	1.000	2.000	16.000
Escola 18 (C.M.)	X	6.192	8.692	4.808	1.050	5.400	13.600	0.467	1.567	17.967
	σ	4.409	4.155	4.167	1.731	3.789	4.806	0.860	2.208	2.553
	md	5.500	7.500	3.000	0.000	5.500	14.000	0.000	0.500	19.000
Escola 19 (C.M.B.)	X	6.125	9.250	4.531	1.393	6.071	12.500	0.441	2.235	17.353
	σ	3.508	4.656	3.193	1.792	4.594	5.217	0.824	2.090	2.200
	md	7.000	8.500	4.500	1.000	5.500	11.500	0.000	2.000	17.500

Verifica-se que à medida em que aumenta a idade, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam para todos os grupos.

Para a faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas encontram-se muito próximas e são mais elevadas do que as médias de respostas abstratas.

Para a faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas diminuem e as médias de respostas abstratas aumentam.

Na faixa etária de 14 a 15 anos e 11 meses, as médias de respostas irrelevantes e concretas são muito baixas, sendo as primeiras quase nulas. As médias de respostas abstratas estão mais próximas de 20, número máximo de respostas ao TBP.

Estes resultados estão representados graficamente na Figura 6, a seguir.

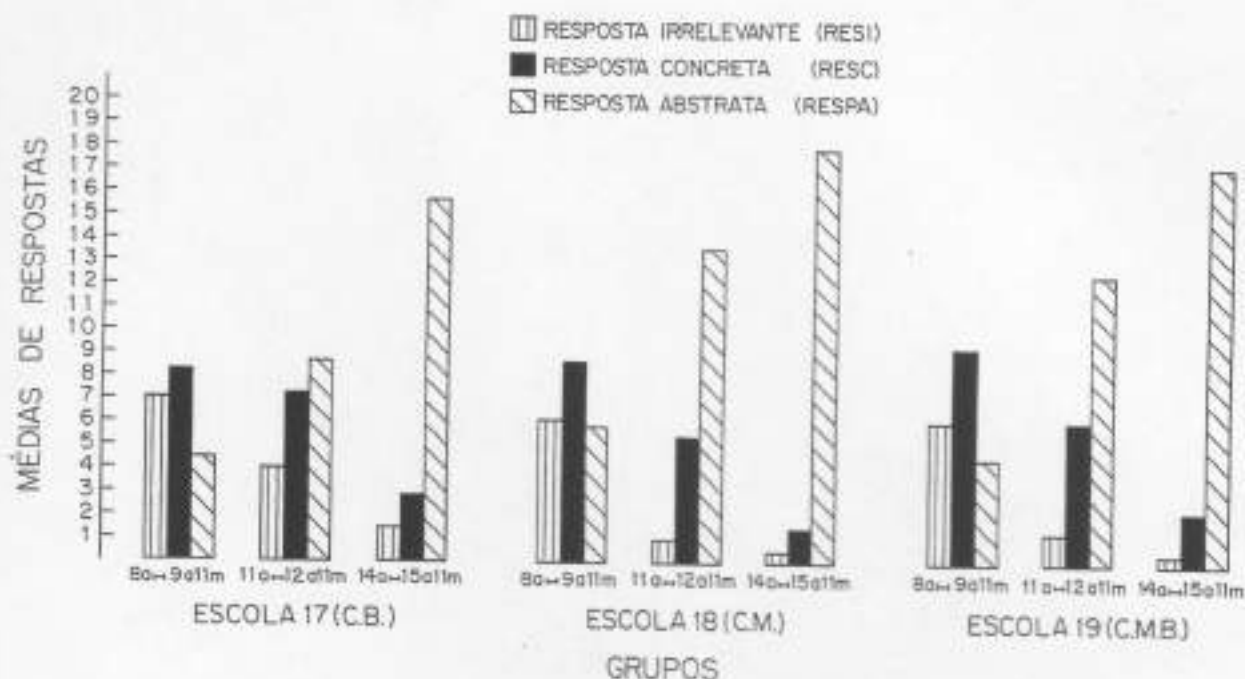


Figura 6 - Médias de respostas ao TBP para a cidade de São Paulo

1.4 Análise de variância realizada para regiões e séries.

Foi realizada uma análise de variância (two way) para as três regiões e séries do Estado de São Paulo em relação a cada um dos tipos de respostas ao TBP.

Os resultados indicaram que, para o tipo de resposta irrelevante, não houve diferença significativa entre as regiões, sendo $\{F(2, 1066) = 0,72; p > 0,05\}$ e sim, entre as séries escolares, sendo $\{F(2, 1066) = 382,79; p < 0,001\}$. Não houve interação na relação entre as variáveis $\{F(4, 1066) = 1,32; p > 0,05\}$.

Dado que ocorreram diferenças significativas entre as séries, procurou-se identificar tais diferenças através das comparações pareadas de probabilidades, de Tukey, apresentadas na Tabela 25, a seguir.

Tabela 25 - Comparações pareadas de probabilidades entre as séries escolares (resposta irrelevante).

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001*	1.000	
8ª.	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Verifica-se que foram encontradas diferenças significantes entre todas as séries escolares.

Para o tipo de resposta concreta, também não foram encontradas diferenças significantes entre as regiões, sendo $\{F(2, 1066) = 2,43; p > 0,05\}$, e sim entre as séries escolares sendo $\{F(2, 1066) = 179,46; p < 0,001\}$. Não houve interação na relação entre as variáveis, sendo $\{F(4, 1066) = 1,91; p > 0,05\}$.

Dado que ocorreram diferenças significantes entre as séries, tais diferenças foram identificadas através das comparações pareadas de probabilidades de Tukey, e são apresentadas na Tabela 26, a seguir.

Tabela 26 - Comparações pareadas de probabilidades entre as séries escolares (respostas concretas).

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001*	1.000	
8ª.	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre todas as séries.

Para o tipo de resposta abstrata, também não foram diferenças significantes entre as regiões, sendo $\{F(2, 1066) = 0,89; p > 0,05\}$, e sim entre as

séries, sendo $\{F(2, 1066) = 564,16; p > 0,05\}$. Não houve interação na relação entre as variáveis, sendo $\{F(4, 1066) = 1,59; p > 0,05\}$.

As diferenças significantes encontradas entre as séries foram identificadas através das comparações pareadas de probabilidade de Tukey, apresentadas na Tabela 27, a seguir.

Tabela 27 - Comparações pareadas de probabilidades entre as séries escolares (resposta concreta).

Séries \ Séries	2ª.	5ª.	8ª.
2ª.	1.000		
5ª.	< 0.001*	1.000	
8ª.	< 0.001*	< 0.001*	1.000

Foram identificadas diferenças significantes entre todas as séries

Os resultados apresentados pelas três faixas etárias, nas três diferentes regiões do Estado de São Paulo, indicam uma tendência cognitiva evolutiva.

Tal tendência, configurada pela diminuição da emissão de respostas irrelevantes e concretas e aumento da emissão de respostas abstratas, com o aumento da idade, vai ao encontro aos estudos de RICHARDSON e CHURCH (1959), SILVA (1989) e LOMÔNACO et al. (1993). Seus resultados evidenciaram o aumento de respostas abstratas ou metafóricas, em detrimento das respostas concretas ou literais e irrelevantes.

Além disso, tais resultados podem ser interpretados à luz de algumas concepções teóricas acerca do desenvolvimento cognitivo infantil (PIAGET, 1977, VYGOSTKY, 1987 e BRUNER (apud GIACAGLIA, 1980)).

Estas concepções teóricas, em especial a de PIAGET, concebem o desenvolvimento infantil como composto por estágios que se sucedem uns aos outros, indicando assim as possibilidades do indivíduo.

Desta forma, a predominância de respostas concretas caracterizaria o pensamento operatório concreto, calcado na verificação objetiva. E a predominância de respostas abstratas, caracterizaria o pensamento formal, hipotético-dedutivo.

Na faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, porém, a predominância também de respostas irrelevantes, parece indicar a presença de um pensamento mais primitivo, pré-lógico (PIAGET, 1977) e superinclusivo (SOUZA e SILVA, 1992).

Na faixa etária de 11 a 12 anos e 11 meses, há o predomínio de respostas abstratas, mas ainda aparecem muitas respostas concretas. Isto parece indicar um período de transição entre o pensamento operatório concreto e o pensamento formal.

Na faixa etária de 14 anos a 15 anos e 11 meses, a predominância absoluta de respostas abstratas, indica o estabelecimento do pensamento formal. Ou seja, o indivíduo pode prescindir do presente e raciocinar por hipóteses e implicações.

1.5 Estudo da homogeneidade do TBP

Foi realizado um estudo, através das matrizes de correlações de PEARSON, para verificar a homogeneidade do instrumento, a partir do resultado de todos os sujeitos (N = 1075). A comparação de cada item com o total é apresentada na Tabela 28, a seguir.

Tabela 28 - Correlação entre os itens e o teste como um todo (N = 1075).

Itens	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Total	0,645	0,508	0,663	0,663	0,706	0,676	0,616	0,765	0,778	0,799
Itens	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Total	0,655	0,668	0,590	0,675	0,661	0,663	0,684	0,505	0,751	0,712

Observa-se que houve uma correlação positiva entre todos os itens e o total do teste, sugerindo uma homogeneidade do instrumento.

1.6 Normalização do TBP para o Estado de São Paulo

Dado que não houve diferença significativa entre as regiões, foram estabelecidas normas para o TBP, a partir do cálculo das ordens percentilicas de cada tipo de resposta em relação às três faixas etárias.

Para tanto, utilizou-se a fórmula:

$$OP = \frac{fac + \frac{fn}{2}}{n} \times 100$$

onde:

OP = ordem percentilica

fac = frequência acumulada anterior à classe escolhida

fn = frequência simples da classe escolhida

n = somatório das frequências ou número total dos casos

Os resultados encontrados para a faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, são apresentados nas Tabelas 29, 30 e 31, a seguir.

Tabela 29 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta irrelevante (8 anos a 9 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	17	17	2
1	18	35	7
2	21	56	13
3	20	76	18
4	23	99	25
5	30	129	32
6	31	160	41
7	31	191	50
8	37	228	60
9	40	268	71
10	27	295	80
11	18	319	87
12	21	334	92
13	8	342	96
14	2	344	98
15	2	346	98
16	3	349	99

Observa-se que quanto menor o número e maior a frequência de respostas irrelevantes, menor é a ordem percentilica.

Tabela 30 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta concreta (8 anos a 9 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0 — 2	12	12	1
3	14	26	5
4	35	61	12
5	39	100	23
6	53	153	36
7	35	188	48
8	44	232	60
9	23	255	69
10	32	287	77
11	13	300	84
12	4	304	86
13	7	311	88
14	8	319	90
15	7	326	92
16	5	331	94
17	5	336	95
18	8	344	97
19	2	346	98
20	3	349	99

Observa-se que quanto menor o número e maior a frequência de respostas concretas, menor é a ordem percentilica.

Tabela 31 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta abstrata (8 anos a 9 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	13	13	1
1	28	41	7
2	32	73	16
3	54	127	31
4	40	167	42
5	36	203	53
6	34	237	63
7	32	269	72
8	18	287	79
9	25	312	85
10	7	319	90
11	15	334	93
12	3	337	96
13	1	338	96
14	2	340	97
15	2	342	97
16	3	345	98
18	2	347	99
20	2	349	99

Observa-se que quanto menor o número e maior a frequência de respostas abstratas, menor é a ordem percentilica.

Tabela 32 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta irrelevante (11 anos a 12 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	134	134	18
1	58	192	45
2	42	234	59
3	26	260	69
4	18	278	75
5	30	308	82
6	17	325	88
7	15	340	93
8	5	345	96
9	4	349	97
10	4	353	98
11	2	355	99
13	1	356	99

Observa-se que quanto menor o número e maior a frequência de respostas abstratas, menor é a ordem percentilica.

Tabela 33 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta concreta (11 anos a 12 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	30	30	4
1	22	52	11
2	22	74	17
3	33	107	25
4	31	138	34
5	26	164	42
6	38	202	51
7	27	229	60
8	26	255	67
9	29	284	75
10	18	302	82
11	9	311	86
12	13	324	89
13	6	330	91
14	9	339	93
15	4	343	95
16	6	349	97
17	1	350	98
18	5	355	99
19	1	356	99

Observa-se que quanto menor o número, maior a frequência de respostas concretas e a ordem percentilica.

Tabela 34 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta abstrata (11 anos a 12 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0 — 1	8	8	1
2	8	16	3
3	8	24	5
4	19	43	9
5	19	62	14
6	20	82	20
7	22	104	26
8	16	120	31
9	20	140	36
10	27	167	43
11	9	176	48
12	19	195	52
13	16	211	57
14	18	229	61
15	20	249	67
16	29	278	74
17	17	295	80
18	16	311	85
19	19	330	90
20	26	356	96

Observa-se que quanto maior o número de respostas abstratas, maior a sua freqüência e a ordem percentilica.

Tabela 35 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta irrelevantes (14 anos a 15 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	285	285	38
1	47	332	83
2	16	348	95
3	13	361	96
4	7	368	98
9	1	369	99

Observa-se que quanto menor o número de respostas irrelevantes, maior a sua frequência e menor a ordem percentilica.

Tabela 36 - Distribuição de frequências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta concreta (14 anos a 15 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
0	164	164	22
1	67	231	53
2	38	269	67
3	27	296	76
4	26	322	83
5	13	335	89
6	15	350	92
7	10	360	96
8	3	363	97
9	2	365	98
10	1	366	99
11	1	367	99
12	1	368	99
13	1	369	99

Observa-se que quanto menor o número de respostas concretas, maior é a sua frequência e menor a ordem percentilica.

Tabela 37 - Distribuição de freqüências simples e acumuladas e ordem percentilica dos sujeitos em relação à resposta abstrata (14 anos a 15 anos e 11 meses).

<i>X</i>	<i>f</i>	<i>fa</i>	<i>OP</i>
6 --- 10	9	9	1
11	4	13	2
12	6	19	4
13	15	34	7
14	12	46	10
15	23	69	15
16	27	96	22
17	25	121	29
18	32	153	37
19	71	224	51
20	145	369	80

Observa-se que quanto maior o número e a freqüência de respostas abstratas, maior é a ordem percentilica.

Estes resultados implicam numa avaliação do sujeito a partir da análise simultânea dos três tipos de respostas.

Assim, para uma criança de 8 anos que emitiu 5 respostas irrelevantes ($OP = 32$), 12 respostas concretas ($OP = 86$) e 5 respostas abstratas ($OP = 73$), obteve um resultado esperado para a sua idade, com a predominância de respostas concretas.

As porcentagens de respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP, estão representadas graficamente na Figura 7, a seguir.

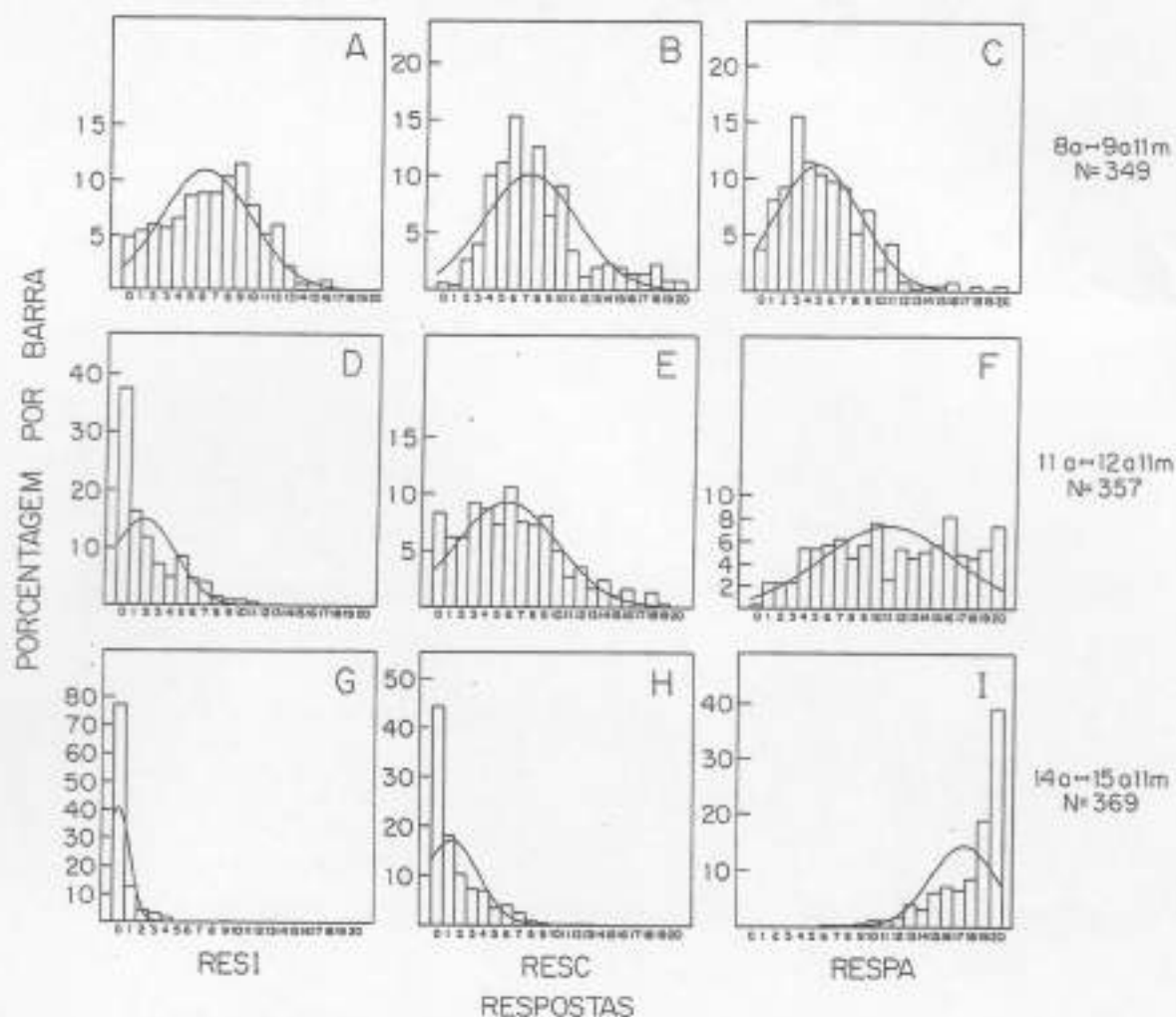


Figura 7 - Percentagens de respostas irrelevantes, concretas e abstratas dos sujeitos em relação ao TBP.

Observa-se que para a faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, os três tipos de respostas possuem uma distribuição quase normal.

Já para a faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses, apenas para o tipo de resposta concreta é que a curva se aproxima de uma curva normal.

Na faixa etária de 14 anos a 15 anos e 11 meses, observa-se que o gráfico envolveu de uma curva assimétrica à esquerda para respostas irrelevantes e concretas para uma curva assimétrica à direita, para respostas abstratas, onde se encontram condensadas as frequências percentuais de respostas.

Pode-se dizer, portanto, que o TBP parece mais adequado para a faixa

etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, onde se obteve uma distribuição normal de sujeitos.

Para as faixas etárias superiores, o TBP parece poder medir somente aqueles sujeitos que se encontra abaixo de um determinado resultado e não aqueles que se encontra acima deste.

Tais limitações parecem ocorrer devido ao grau de facilidade do instrumento para estas faixas, especialmente para aquela de 14 anos a 15 anos e 15 meses.

Este grau de facilidade poderia ser diminuído com o uso de provérbios mais difíceis e talvez menos populares do que os empregados nesta pesquisa.

CAPÍTULO VI - CONCLUSÕES

Os resultados do TBP para as três regiões do Estado de São Paulo indicaram uma mesma tendência para as três séries e respectivas faixas etárias estudadas no presente trabalho.

Em relação às séries e respectivas faixas etárias, ocorreram diferenças significantes entre as três séries em todas as regiões do Estado de São Paulo. Estes resultados indicam que o TBP possui um bom poder discriminativo para as séries e respectivas faixas etárias indo ao encontro daqueles resultados obtidos por SILVA (1989).

Observou-se ainda que à medida em que aumenta idade, aumentam as médias de respostas abstratas e diminuem as médias de respostas concretas e irrelevantes.

Na faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses, há o predomínio de respostas concretas e irrelevantes.

Na faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses há o predomínio de respostas abstratas, mas ainda se observa um número expressivo de respostas concretas. Isto parece caracterizar um período de transição entre o final do período operatório concreto e o estabelecimento por completo do pensamento formal.

Na fase de 14 anos a 15 anos e 11 meses há o predomínio de respostas abstratas, caracterizando o pensamento formal.

Estes dados vão ao encontro das teorias de desenvolvimento cognitivo de PIAGET, (1977), VYGOTSKY (1987) e BRUNER (apud GIACAGLIA, 1990), para os quais há um desligamento progressivo do pensamento concreto para o pensamento formal, abstrato.

A análise de variância dos resultados das três regiões indicou não haver diferenças significantes entre estas.

Quanto à normalização do TBP para as três regiões e para o Estado como um todo, foram encontradas curvas próximas a uma distribuição normal de sujeitos para os três tipos de resposta apenas na faixa etária de 8 anos a 9 anos e 11 meses. Este

dado indica que o TBP parece ser mais adequado para esta faixa etária, posto que o teste adequado é aquele que apresenta uma distribuição normal. Quando tal fato não ocorre, supõe-se que o mesmo necessite de modificações nos seus itens (ANASTASI, 1977, p. 32) até que a distribuição de sujeitos se aproxime de uma curva normal.

Para a faixa etária de 11 anos a 12 anos e 11 meses, apenas o tipo de resposta concreta obteve uma curva próxima à normal.

Para a faixa etária de 14 anos a 15 anos e 11 meses, as curvas evoluem de uma distribuição assimétrica à esquerda para as respostas irrelevantes e concretas para uma distribuição assimétrica à direita, para as respostas abstratas.

Isto parece indicar que para esta faixa etária, os itens do TBP não apresentaram grau de dificuldade necessário para se estabelecer uma distribuição de sujeitos que refletisse as diferenças entre os mais capazes e os menos capazes. Para que isto ocorra, torna-se necessário a construção de itens com maior grau de dificuldade para este grupo de idade em estudo posterior com TBP. Ou mesmo, com outros instrumentos que venham a ser construídos com provérbios.

Entretanto, o estabelecimento de normas por si só não permite conhecer quais habilidades ou dificuldades de indivíduos que este pode predizer. Por isso, faz-se necessário estabelecer a validade de critério para o instrumento.

Em relação ao TBP, sugere-se o estudo de validade de critério preditiva, comparando-se os resultados no TBP com notas escolares, por exemplo. Tal estudo daria maior consistência aos resultados obtidos na presente pesquisa com o TBP fazendo deste um instrumento útil àqueles que pesquisam e utilizam testes psicológicos como instrumento de diagnóstico.

De uma maneira geral, o TBP obteve importantes resultados em relação às diferentes variáveis do presente trabalho. E também abriu a possibilidade de novos estudos com provérbios no campo do desenvolvimento cognitivo, na psiquiatria e em outros campos do conhecimento científico.

Assim, espera-se que novas pesquisas venham a ser realizadas com o mesmo, visando seu aprimoramento e constante atualização científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANASTASI, A. Testes Psicológicos. 2ª ed. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1977.
- BOESKY, D. Proverbs and psychoanalysis. The Psychoanalytic Quarterly, V. 65, n. 4 : 539-64, 1976.
- CARPENTER, B. N. & CHAPMAN, L. J. Premorbid status in schizofrenia and abstract, literal, or autistic proverb interpretations. Journal of Abnormal Psychology, V. 91, n. 3 : 151-56, 1982.
- COHEN, C. Provérbios e o Inconsciente. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1992.
- DOUGLAS, S. D. & PEEL, B. The development of metaphor and proverb translation in children grades 1 through 7. Journal of Educational Research, V. 73, n. 2 : 116-19, 1979.
- ELMORE, C. M. & GOHRAM, D. R. Measuring the impairment of the abstracting function with the Proverbs Test. Journal of Clinical Psychology, V. 13 : 263-66, 1957.
- ERTHAL, M.T. Manual de psicometria. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1987.
- FERREIRA, A. B. H. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1977.
- FOGEL, M. L. The Proverbs Test in the appraisal of cerebral disease. The journal of General Psychology, V. 72 : 269-75, 1965.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sinopse preliminar do senso demográfico de São Paulo. Rio de Janeiro, IBGE, 1991. V. 6, 235 p.
- GIACAGLIA, L. R. A. Teoria da instrução e ensino por descoberta : contribuições de Jerome Bruner. In ; PENTEADO, W. M. A. org. Psicologia e Ensino. São Paulo, PAPELIVROS, 1980. p. 42 - 58.

- GOODWIN, P. D. & WENZEL, J. W. Proverbs and practical reasoning : a study in socio - logic. Quarterly Journal of Speech, V. 65 : 289-302, 1979.
- GOHRAM, D. R. Use of the Proverbs Test for differentiating schizophrenics from normals. Journal of Consulting Psychology, V. 20, n. 6 : 435-40, 1956.
- GOHRAM, D. R. Proverbs Test - Best Answer Form. Psychological Test Specialists, 1956.
- GOHRAM, D. R. Additional Norms and scoring suggestions for the Proverbs Test. Psychological Reports, V. 20, 487-92, 1963.
- JURJEVICH, R. M. Intellectual assessment with Gohram's Proverbs Test, Raven's Progressives Matrices and WAIS. Psychological Reports, V. 20: 1285-86, 1967.
- KEMPER, S. Comprehension and interpretation of proverbs. Journal of Psycholinguistic Research, V. 10, n. 2 : 179-98, 1981.
- KIM, P. S., SIOMOPOULOS, G. & COHEN, R. J. Verbal abstraction and culture : an exploratory study with proverbs. Psychological Reports, V.41 : 967-72, 1977.
- LASKY, L. Alternative forms of the multiple choice version of the Proverbs Test. The Journal of Psychology, V. 65 : 59-60, 1967.
- LEVIN, JACK. Estatística Aplicada a Ciências Humanas. São Paulo, HARBRA HARPER & ROW DO BRASIL, 1987.
- LOMÔNACO, J. F. B.; FARIA A. R.; PULLIN, E. M. M. P.; MARTINS NETO, H.; AMÊNDOLA, M. B. & MARTINS, R. H. S. C. A interpretação de provérbios em função do sexo e da idade. Psicologia: Ciência e profissão, V. 2 : 69-86, 1981.
- LOMÔNACO, J. F. B.; CLARO, E. C. F.; SOUZA, J. T. P.; MORIN, N. N. R.; BARREIRA, S. D. & LIMA, V. S. Escolaridade e capacidade de abstração : um estudo com o Teste Brasileiro de Provérbios. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 11, n. 2:101-106, 1995.
- LOMÔNACO, J. B. F.; DECHICHI, C. & YUKIMITSU, M. T. C. P. Pensamento "concreto" e "abstrato" em crianças e adultos : um estudo através da interpretação de provérbios. Estudos de Psicologia, V. 10, n. 3 : 9-20, 1993.

- MARTIN, W. T. Analysis of the abstracting function in reasoning using an experimental test. Psychological Reports, V. 21 : 593-98, 1967.
- MOREIRA, M.A. Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos. São Paulo, Moraes, 1985.
- MOTA, L. Adagiário Brasileiro. Fortaleza, Editora da Universidade Federal de Fortaleza, 1973.
- PAGE, M. H. & WASHINGTON, N. D. Family proverbs and value transmission of single black mother. The Journal of Social Psychology, V. 127, n. 1 : 49-58, 1987.
- PIAGET, JEAN. A linguagem e o pensamento da criança. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1961.
- _____. Psicologia da interligência. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1977.
- _____. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1973. 151 p.
- RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. Psicologia e epistemologia genética de Piaget. São Paulo, EPU, 1988.
- RICHARDSON, C. & CHURCH, J. A developmental analysis of proverbs interpretations. The Journal of Genetic Psychology, V. 94 : 169-79, 1959.
- ROCHA, R. A enunciação dos provérbios. São Paulo, ANNABLUME Ed., 1995.
- SATZ, P. & CARROLL, L. T. Utilization of the Proverbs Test as a projective instrument : an objective approach through language behavior. The Journal of General Psychology, 67 : 205-13, 1962.
- SHIMKUNAS, A. M.; GYNTER, M. D. & SMITH, K. Schizophrenic responses to the Proverbs Test: abstract, concrete, or autistic? Journal of Abnormal Psychology, V. 72 n. 2 : 128-33, 1967.
- SILVA, C. B. B. Elaboração e validação de um instrumento para avaliar níveis de pensamento através da interpretação de provérbios. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1989.
- SIMON, M. J. Use of the Proverbs Test in the assesment of competency to stand trial.

Psychological Reports, V. 60 : 1166, 1987.

SOUZA E SILVA, Carlos Henrique. O concretismo esquizofrênico : estudo feito através de um teste de provérbios. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 1992.

STEINBERG, M. 1001 provérbios em contraste. São Paulo. Ed. Ática, 1985, 127 p.

TERMAN, L. M. & MERRILL, M. A. Stanford - Binet Intelligence Scale ; Manual for the third revision. Form L-M. Boston, Houghton Mifflin, 1962.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987.

WILKINSON, L. Systat : the System for Statistics. Evanston, IL : Systat, Inc., 1990.

WILKINSON, L. Sygraph : The System for statistics. Evanston, IL : Sygraph, Inc. 1990.

ANEXO 1

INSTRUÇÕES

“Nestas folhas vocês vão encontrar várias sentenças ou ditados populares numerados e escritos em letras maiúsculas. Vejam: 1, 2,...(o aplicador aponta para os provérbios da primeira folha). Como vocês sabem, o ditado popular é uma frase que nos ensina uma lição. Por exemplo: “Quem ama o feio, bonito lhe parece”; “mais vale um passarinho na mão do que dois voando”. Abaixo de cada uma das sentenças ou ditados populares, há três frases com uma letra do lado esquerdo. Vejam : a, b e c. olhem: aqui está a sentença número um, e, abaixo dela, as três frases (mostrar). Depois, na sentença ou ditado popular número dois a mesma coisa acontece. Estão vendo? A tarefa de vocês vai ser escolher qual das três frases abaixo explica melhor o que quer dizer a sentença de cima (a que está em letras maiúsculas) e fazer um círculo na letra que está à frente da frase que vocês escolherem. Assim, se vocês acham que na sentença número um a frase que melhor explica é a a, façam um círculo em volta da letra a. Se vocês acham que é a b, façam um círculo em volta da letra b. Se vocês acham que é a c, façam um círculo em volta da letra c. Escolham somente uma frase para cada sentença. Vocês entenderam o que é para fazer? Querem fazer alguma pergunta? Podem começar. Quando vocês terminarem levantem o braço que eu irei pegar as folhas.”

ANEXO 2

NOME _____ IDADE _____
 ESCOLA _____ DATA DE NASCIMENTO ____/____/____

INTERPRETAÇÃO DE SENTENÇAS

1. *A GALINHA DO VIZINHO É SEMPRE MAIS GORDA*
 - a. A galinha do vizinho é melhor alimentada do que as outras
 - b. As coisas dos outros sempre parecem melhores do que as nossas
 - c. A galinha come milho

2. *O SOL NASCEU PARA TODOS*
 - a. O sol é bonito
 - b. O sol brilha sobre todas as pessoas
 - c. Todas as pessoas devem ter os mesmos direitos

3. *NEM TUDO QUE BRILHA É OURO*
 - a. Existem coisas que brilham e não são de ouro
 - b. O ouro é retirado das minas
 - c. Nem tudo que parece bom é realmente bom

4. *ROMA NÃO FOI FEITA EM UM DIA*
 - a. Roma levou muito tempo para ser construída
 - b. Coisas importantes demoram para serem realizadas
 - c. Roma é uma bela cidade

5. *NÃO CHORE SOBRE O LEITE DERRAMADO*
 - a. É preciso ter cuidado para não derramar o leite*
 - b. Não derrame lágrimas sobre o leite
 - c. Não fique se lamentando dos problemas que já passaram

6. *UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO*
- É preciso somar esforços para se conseguir alguma coisa
 - Quando muitas andorinhas estão reunidas é sinal de que o verão chegou
 - andorinhas gostam de ficar dentro de igrejas
7. *A CORDA ARREBENTA SEMPRE DO LADO MAIS FRACO*
- O pedaço da corda de pior qualidade arrebenta primeiro
 - A corda tem dois lados
 - Os mais fracos são os primeiros a serem derrotados
8. *EM BOCA FECHADA NÃO ENTRA MÓSCA*
- a mosca é um inseto
 - Se a pessoa está com a boca fechada, as moscas não podem entrar
 - Falar muito pode nos prejudicar
9. *QUEM ENTRA NA CHUVA É PRA SE MOLHAR*
- Aquele que se dispõe a fazer determinadas coisas deve enfrentar também os problemas que aparecem
 - a chuva molha a terra
 - As pessoas que entram na chuva acabam se molhando
10. *PIMENTA NOS OLHOS DOS OUTROS NÃO ARDE*
- Pimenta arde nos olhos
 - É difícil avaliar o sofrimento sentido por outras pessoas
 - Quando jogamos pimenta nos olhos dos outros não sentimos dor
11. *ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA, TANTO BATE ATÉ QUE FURA*
- Água e pedra não se misturam
 - De tanto bater, a água acaba furando a pedra
 - As pessoas que não desistem facilmente daquilo que desejam, acabam atingindo os seus objetivos

12. *DE GRÃO EM GRÃO, A GALINHA ENCHE O PAPO*

- a. Aos poucos e com paciência, tudo se consegue
- b. A galinha come um grão de cada vez, e fica alimentada
- c. A galinha bota ovos

13. *LONGE DOS OLHOS, LONGE DO CORAÇÃO*

- a. a distância faz diminuir nossos sentimentos pelos outros
- b. Aquilo que está longe dos olhos, também está longe do coração
- c. Os olhos e o coração são partes do corpo humano

14. *ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO*

- a. A fumaça faz mal aos pulmões
- b. A fumaça é um sinal de que existe fogo por perto
- c. Através de pistas, as pessoas podem vir a descobrir a verdade

15. *CADA MACACO NO SEU GALHO*

- a. As pessoas devem se limitar a fazer aquilo que são capazes de fazer
- b. Os macacos vivem nas matas
- c. Na mata cada macaco vive no seu galho de árvore

16. *QUEM COM FERRO FERRE, COM FERRO SERÁ FERIDO*

- a. O ferro pode ferir as pessoas
- b. Com ferro você tanto pode ferir as pessoas, como ser ferido por elas
- c. Aquele que prejudica alguém, também será prejudicado de forma semelhante

17. *QUEM AMA O FEIO, BONITO LHE PARECE*

- a. O amor é um belo sentimento
- b. Quando se ama alguém que é feio, este se torna bonito
- c. Quando gostamos de alguém ou de alguma coisa, conseguimos perceber aspectos positivos que outras pessoas não percebem

18. *A MENTIRA TEM PERNAS CURTAS*

- a. A mentira é logo descoberta
- b. As pernas da mentira são curtas
- c. Muitas pessoas são mentirosas

19. *MAIS VALE UM PASSARINHO NA MÃO DO QUE DOIS VOANDO*

- a. Todos os pássaros gostam de voar
- b. É melhor um passarinho perto de nós do que dois passarinhos longe
- c. É melhor conservarmos o que temos do que arriscarmos a perder tudo em busca do que não temos.

20. *NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM*

- a. O homem possui muitas necessidades a serem satisfeitas
- b. O pão vem do trigo
- c. O homem precisa ter uma alimentação variada